

OS HOMENS DE SANGUE

OU

OS SOFFRIMENTOS DA ESCRAVIDÃO

FOR

Vicente Felix de Castro



YANR
H053

Rio de Janeiro

Typographia—cinco DE MARÇO—rua do Lavradio n. 96

1873



VAN.
#869.9339
C355h
v.2

O
U
rato
chap
na g
honr
Su
quar
O s
Pa
á jan
cido,
disse-
—
—
—
—
—



OS HOMENS DE SANGUE

OU

OS SOFRIMENTOS DA ESCRAVIDÃO

I

A PROVA DE UM CRIME

O crepusculo da tarde vinha se approximando.

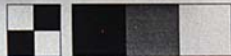
Um homem montado n'uma mula cõr de pello de rato, vestido de um ponche de panno azul fino, com chapéo de feltro, botas brancas, e com uns alforges na garupa, chegava ao sitio onde residia o nosso honrado velho Leonardo da Silva.

Sua physionomia era agradavel, e denotava ter quarenta annos, pouco mais ou menos.

O animal parecia já cançado pela jornada.

Parára no terreiro ; Americo Lopes, apparecendo á janella de sua casa e vendo um homem desconhecido, foi encontral-o á porta principal, e saudando-o disse-lhe com agrado :

- O que deseja, Senhor ?
- E' aqui que mora o Sr. Leonardo da Silva ?
- E' aqui, Senhor. Tenha a bondade de entrar.
- Acha-se elle em casa ?
- Não ; porém está aqui perto, e não tardará.



— Bem, meu Senhor, respondeu o recém-chegado em tom respeitoso.

— Pelo que me parece, o Senhor vem de longe ?

— Venho, meu Senhor.

— De onde ?

— De Sabará.

— Ah !

E Americo tivera logo uma lembrança do que lhe havia fallado seu sogro Leonardo.

— Deve achar-se com bôa disposição para jantar....

— Bôa, Senhor. Mas tenho pena do meu animal, que está hoje com dez leguas no lombo !

— Não tenha cuidado, disse Americo bondoso, a sua mula vai ter uma optima ração de milho.

— Então permitta-me ir desarreial-a, Senhor.

— Não tenha o incommodo disso.

— Dê-me licença, tornou o recém-chegado, não desejo por fórma alguma dar-lhe incommodo.

E sem mais demora, esse homem foi ao terreiro, tirou os arreios de sua mula, e pondo os seus alforjes no hombro, veio pôr tudo em um lugar da sala, indicado por Americo, que lhe disse :

— Agora trate-se do seu animal.

E o moço retirou-se para o interior, deixando o hospede, que havia tirado o seu ponche.

Americo juntando-se com sua mulher, murmurou :

— Sabes de uma novidade, Bemvinda ?

— O que, Americo ?



— O homem que teu pai esperava de Sabará, acaba de chegar aqui...

— Ah ! é elle ?

— Escuta, Bemvinda, o homem ainda não jantou ; manda-lhe fazer alguma cousa depressa.

— Oh ! meu pai tomará a sua vingança ao malvado João Cypriano ! exclamou a moça com gravidade.

— Não o deves tratar de João Cypriano, mas sim de barão do Taquaral...

E Bemvinda, nada dizendo a seu marido, foi para a cozinha ordenar a comida para o recém-chegado.

Americo dirigiu-se para a sala de fóra, tendo mandado a um seu crioulo que fosse ao terreiro buscar o animal e que dêsse-lhe boa ração de milho.

— Como se chama, Senhor ? interrogou elle, logo que avistou o desconhecido.

— Antonio Marcello, um criado de V. S., respondeu esse homem em tom polido.

— Móra mesmo em Sabará ?

— Não, Senhor ; porém no termo da mesma cidade.

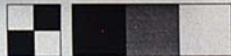
— E tem familia ?

— Tenho, Senhor.

— Grande força de negocio então o forçou a vir a estas alturas de S. Paulo... objectou Americo com visível interesse de saber os pormenores dessa viagem.

— E' verdade, um negocio de muita importancia...

— Ah !



— Não deve ignorar V. S. os incommodos que soffri nesta longa jornada, por uns caminhos em precipícios, e só visando o bem da humanidade desvalida... disse Antonio Marcello como em reserva.

— Ah !

— Mas, antes que lhe responda, terá a bondade de dizer-me a sua graça ?

— Americo Lopes, seu criado.

— Obrigado, Sr. Americo, voltou Marcello com uma expressão reconhecida.

Depois ajuntou :

— Trata-se de patentear-se á sociedade a existencia de um grande attentado... de um attentado horrivel, Sr. Americo !

O moço, involuntariamente, experimentou no coração um forte abalo, como se diante de seu pensamento enxergasse a figura sinistra do barão do Taquaral, tendo em uma mão um punhal tingido de sangue e n'outra uma bolsa cheia de ouro.

— Poderia sabel-o, Sr. Marcello ? perguntou Americo gravemente.

— Sinto não o poder orientar agora ; porém, com vagar, sua curiosidade ha de ser satisfeita ; é um mysterio, cujo véo não é tempo ainda de rasgar.

— Pois bem, Sr. Marcello, releve-me se commetti uma indiscrição...

— Indiscrição, Sr. Americo ? nenhuma. Fica-me o pezar de não revelar-lhe já esse mysterio terrivel. Dê-me, agora, licença para fumar um cigarro.

— Pois não, disse Americo com bondade.

Emquanto Antonio Marcello tirava o cigarro e



seus petrechos de fogo, Americo parecia meditar.

Nesse interim alguém se avisinhava sem ser presentido.

Era o velho Leonardo.

O genro estava tão abstracto, que não déra fé do sogro, que o surpreendeu, murmurando :

— Ora tenham boas tardes, Senhores !

— Meu sogro ! disse Americo voltando-se.

— E' o Senhor Leonardo da Silva, a quem tenho o prazer de vêr ? interrogou Marcello, apertando a mão do velho.

— Um seu criado, meu Senhor.

— Este homem vem de Sabará, Senhor Leonardo, ajuntou o moço para vêr a surpresa do sogro.

— O Senhor vem de Sabará ? !... exclamou elle attonito.

E um contentamento visivel debuxou-se pelo semblante do velho, que observou, como duvidoso para Marcello :

— Pois, em verdade, vem de Sabará, Senhor ?

— Venho, Sr. Leonardo, e fiz uma viagem bem penosa ! respondeu Marcello fumando.

— Oh ! faça idéa ! por um tempo assim, em que tanto tem chovido !

Bemvinda chamou de dentro a seu marido.

Dahi a pouco Marcello e Leonardo iam para a sala do interior.

— Faça companhia ao hospede, porque ainda não jantei.

— Tanto melhor,olveu Marcello.

E dirigindo-se para Bemvinda, acrescentou :



— Tenho a satisfação de cumprimental-a, minha Senhora...

A moça correspondeu á saudação com um sorriso bondoso.

O jantar era simples, mas a comida bem feita e appetitosa.

Antonio Marcello comêra com bôa disposição.

Durante a refeição, a conversa rolára sobre negocios differentes e estranhos ao enredo deste tóscio romance.

Depois que todos tomaram um bom café, Leonardo levou Marcello para a sala de fóra.

Americo ficára com sua esposa, entendendo que não deveria ser testemunha talvez de uma entrevista particular, em que por certo ia-se tratar dos crimes do barão do Taquaral, de quem Leonardo tentava vingar-se para desaggravo da sociedade.

Vamos assistir a essa entrevista do velho e Antonio Marcello.

— Venho Sr. Leonardo, disse Marcello em tom grave, realisar a promessa feita por um individuo morador na cidade de Passos...

— Estava ancioso por isso, Sr. Marcello...

— Demorei-me em verdade, mas aqui me acho hoje, com a permissão de Deus, para punir-se um grande crime, que ficaria nas trevas, se a vontade de um homem não fosse obstinada! E esse homem é que me envia aqui...

— Deus que o favoreça pelo favor que me fez e pelo grande beneficio que vai prestar á causa da



humanidade! ponderou o respeitavel velho com viso de reconhecimento.

— Sim, meu amigo, observou Marcello com intuição, sou um pobre, que trabalho para sustentar a uma familia numerosa; e fazendo uma viagem desta, quantos sacrificios não faço? porém dou-os por bem empregados desde que venho para advogar a causa da justiça...

— Então sabe que tem um fraco companheiro para auxiliá-lo... respondeu Leonardo encarando o hospede.

— E já comprehendeu este arcano, Sr. Leonardo?

— Perfeitamente. Trata-se do barão do Taquaral ou João Cypriano.

— Convivi com esse malvado por alguns annos, e o conheço como as palmas de minhas mãos... Pelo beneficio que me havia prestado tive em paga a maior ingratidão possível; mas Deus Soberano, que por seus altos decretos, tarde ou cedo vem amparar o infeliz, mostrou-me o caminho que devia seguir para descobrir assim um dos grandes crimes, que fará horror á humanidade!

— Eu já sabia, pela bondade do homem da cidade de Passos, desses crimes, e dos quaes conservo um documento; porém faltava-me ainda o testemunho de uma pessoa de Sabará para corroborar a veracidade desse documento, e essa pessoa...

— Acha-se presente, Sr. Leonardo; e aqui permanecerá ainda por algum tempo, se fôr do seu agrado, até que chegue o momento da vingança,



murmurou Marcello, ateando o seu cigarro ao isqueiro.

E depois acrescentou :

— Trago aqui um papel, que põe patente toda a vida do barão do Taquaral... é uma especie de memorial ; logo terá occasião de vê-lo, Sr. Leonardo ; mas, peço-lhe desde já, guarde a maior reserva sobre elle. Será grande inconveniente se o seu conteúdo passar a um terceiro...

— Não tenha a menor suspeita no sigillo deste tão grave negocio ; saberei guardal-o até que chegue o instante que desejamos.

— E será breve, respondeu Marcello, fumando o cigarro.

Depois deste colloquio, passou Leonardo a entreter o hospede, contando-lhe o modo pelo qual João Cypriano se havia apresentado na sua casinha de sapê, pedindo-lhe a protecção para não ser recrutado.

E emquanto o honrado velho tomava esses instantes, vamos vêr o que fallava Americo com sua mulher.

— Escuta, Bemvinda: o nosso homem traz um mysterio, que por emquanto não podemos penetrar. Que ardentes desejos tenho de saber qual é a especie de crime perpetrado pelo barão do Taquaral ! Mas teu pai já nos guardou reserva sobre as suas descobertas em Minas ; agora, pela mesma razão, esse homem acabou de dizer-me que não é ainda tempo de rasgar-se o véo desse mysterio.



— Que crime será esse tão grande? perguntou a esposa de Americo admirada.

— Diz-se que é um attentado horrivel! respondeu este gravemente.

— Ave Maria! exclamou Bemvinda; Deus que o faça punir!

— Oh! sim, ha de ser punido! murmurou Americo, olhando para sua consorte. O tempo corre, e quando menos pensarmos no dia do castigo, elle chegará para o malvado titular. Porém, attende-me um instante, Bemvinda...

— O que, Americo?

— Porque razão teu pai não quer já patentear esses factos? para que essa demora na execução da vingança contra João Cypriano? Será para não ir de chofre derribal-o das alturas em que se acha, mas lentamente fazel-o expiar seus delictos?

— Pois meu pai já não te fallou disso, Americo? Não te lembras?

— Espera, espera, Bemvinda... tinha-me esquecido... agora me recordo...

E o moço fallando assim, pensou um momento; e levando a mão direita à frente, reflectiu:

— Que nos importa mesmo que João Cypriano seja criminoso deste ou aquelle crime, quando brevemente tem de cahir do seu poder, esmagado e punido pela lei?

— Sim, Americo, não nos incommode esse desejo a idéa...

— Demos tempo ao tempo, Bemvinda. Teu pai



sabe bem qual o motivo que tem para as suas reservas...

— Escuta, Americo, sympathisei com o nosso hospede !

— E' um mineiro intelligente, e mostra que teve alguma educação...

— Suas expressões são claras...

— E falla mui bem. E' raro o mineiro que não seja instruido, Bemvinda !

— Elle tem de demorar-se aqui no nosso sitio, e quem sabe se por muitos dias...

— Quem sabe? respondeu o moço deixando sua esposa e indo para a sala de fóra.

Horas depois todos repousavam do trabalho do dia no sitio de Americo.

Va
noss
Co
força
da c
Ficã
e pr
soa d
Pa
pert
voz
—
que
E d
reper
malv
estad



TEMPESTADE PARA O ESPIRITO

Vamos vêr agora a situação em que se acha o nosso barão do Taquaral.

Como o leitor presenciou, esse homem não tivera força e energia bastante para levar ao fim a leitura da carta que lhe enviára um seu amigo de Sabará. Ficára como aniquilado cahindo sobre uma cadeira e proferindo uma terrível vingança contra a pessoa do velho Leonardo da Silva.

Passados os primeiros momentos dessa grande perturbação de seu espirito, o barão tremulo, e com voz agitada, murmurava:

— Oh! que terrível idéal saberem de minha vida... que fui um...

E o titular não completára a phrase, por olhar de repente para José Ribeiro, que alli perto via o malvado fazendeiro justificar a sua culpa nesse estado terrível de abatimento moral, que só uma



consciencia criminosa como a sua poderia assim proceder.

— Ah! não o tinha visto aqui Senhor... Senhor.. seu nome?

— José Ribeiro, respondera o portador de Sabará encarando a physionomia annuviada e terrivel do titular.

— Não estava em mim, Sr. José Ribeiro, reflectira o barão, como buscando acalmar o seu máu estado de agitação. Sim, esta carta transtornou-me um instante o pensamento... porém, não é nada... um homem como eu... que...

— V. Ex. perturbou-se átôa, observára o portador da carta querendo assim tranquillisar o animo do fazendeiro. Então, porque o accusam de um grande crime, segue-se que já está ahí a sua perdição! não tem o Sr. barão numerosos amigos? não tem ouro aos punhados para atirar aos olhos da justiça? Quem dispõe de tão fortes auxiliares para que temer de dous ou tres inimigos pobres e fracos?

João Cypriano ou o barão do Taquaral, olhára para José Ribeiro de um modo sombrio, e respondera:

— Sim, homem! não terei receio de nada, e tudo vencerei a poder de dinheiro, que é o que governa o mundo; porém sou tambem vingativo, e esses meus inimigos me pagarão com o seu sangue! por Satanaz, o juro!

E como prova desse juramento, o titular batera com a mão fechada sobre uma mesa redonda, com tampo de marmore, junto da qual se achava.



E acrescentára logo, trovejando :

— Tu, velho Leonardo, has de ser a minha victima! e depois... depois, o meu dinheiro irá buscar, lá mesmo no fundo do inferno, aonde se ache, o outro meu inimigo, que bem o conheço!

— Eis o que deve fazer, Sr. barão, respondera tranquillamente José Ribeiro. Em lugar de S. Ex., hoje mesmo mandaria chamar a esse Leonardo e com elle teria uma entrevista... offerecer-lhe-ia dinheiro por seu segredo, e quando então se recusasse, eu teria o remedio em minhas mãos... e esse segredo ficaria sempre na sombra...

O fazendeiro meditava.

— Já patentei a S. Ex. a maneira que deve seguir para tirar-lhe todos os receios do pensamento, ajuntára o portador José Ribeiro; se não obrar assim não irá bem em seus negocios.

No espirito do sanguinario titular, só existia uma idéa sinistra e terrivel — queria vêr o sangue de Leonardo jorrar de uma punhalada no coração!

Não obstante ter o cerebro cheio dessa tempestade de exterminio e vingança, o titular respondera a José Ribeiro :

— Pensarei com vagar sobre sua proposição, Senhor Ribeiro... não devo precipitar a minha vingança; eu a farei como entender. Sou um potentado, e como tal de nada devo temer-me. Esse amigo José Cabral, que teve de envial-o aqui, e que por mim toma interesse, prova-me a sua amizade com o grande serviço que me presta; e em compensação



disso, Vm. ha de ser bem gratificado de sua longa viagem...

— Oh! Senhor barão! dissera o portador com uma cortezia.

— Dar-lhe-hei um conto de réis pelo incommodo...

— Um conto de réis?!

E um riso de despeito assomou aos labios de José Ribeiro.

-- Pois acha pouco, homem?

— Cinco contos de réis não me pagariam viagem assim...

— Está louco, homem?...

— Cinco contos de réis para um negocio como este, que o compromette tanto, Senhor barão?

— Pelos geitos vejo que o Sr. José Ribeiro ainda mesmo com os cinco contos não ficaria satisfeito.

— Que duvida, Senhor barão!

— Porém, isso é de mais! murmurou o fazendeiro já contrariado.

— Admira-me, respondeu José Ribeiro, que um homem na posição do Sr. barão esteja questionando por uma ninharia assim! O Senhor José Cabral, de Sabará, não encontraria outra pessoa, que como eu se incumbisse de uma missão tão importante, em que se joga com o futuro de S. Ex....

E um olhar penetrante desse homem fizera comprehender ao barão que a sua situação era muito melindrosa, e que uma denuncia formal, não obstante a qualificação alta de sua pessoa, o poderia



incomodar, trazendo-lhe o rebaixamento e degradação.

O fazendeiro reflectira e dissera, em tom peremptorio :

— Vou dar-lhe dous contos de réis, e não me falle mais nisso...

— Regeito, Senhor barão, essa quantia, respondera José Ribeiro com visível contrariedade. E, nesse caso, hoje mesmo retiro-me, e de tudo scientificarei ao Senhor José Cabral, quando estiver em Sabará.

— Espere homem ! observára Taquaral, receioso. Não se desgoste assim ; prometto-lhe que ha de retirar-se satisfeito pelo serviço que acaba de prestar-me. E' tarde, e hoje é inconveniente partir. A'manhã arranjaremos o negocio...

— Pois seja como o deseja S. Ex., respondera o mineiro.

O barão tinha sempre o espirito agitado e, embora apparentasse tranquillidade, a existencia desse crime, de que se lhe accusava, era o fantasma que lhe vinha metter medo.

No fim de algum tempo, tinha sido servido o jantar do fazendeiro, que levára José Ribeiro para o interior de sua casa.

Nessa mesma tarde, uma pobre velha, mãe de um guarda designado, tinha vindo á fazenda do Taquaral para interceder por seu filho, unico amparo que tinha para si e sua filha solteira ; mas o barão a tratára com todo o desprezo.



E para que o leitor se compenetre dessa desventurada mulher, apanhemos o dialogo entre ella e o barão :

— Senhor, dissera a pobre mãe com afflicção ; so uma viuva, e só tenho dous filhos, um que se achou preso por designado e outra que é uma moça de 11 annos. O filho é o unico amparo da minha pobreza trabalhando para nos sustentar...

— Não attendo a nada, Senhora !

— Porém, Senhor barão, como ficarei eu e minha pobre filha?... reflectira a velha com os olhos e lagrimas.

— Como ficarão... ? e que me importa isso ?

— O Senhor barão é pai... tem filhos... e sabe qual é o amor de uma mãe...

— Não me abalam as suas palavras ! compaixão é cousa que não tenho de ninguem. Precisa-se de gente no Paraguay, e se der-se ouvidos a taes lamenturias, bem mal iremos no contingente que temos de dar, Senhora !

— Mas, Senhor barão, pelo amor de Deus !

— Já lhe disse, Senhora ; e retire-se, que tenho que occupar-me !

— Pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo ! exclamava a velha chorosa.

— Retire-se, Senhora, ! retire-se ! trovejára o titular, indicando com a mão a porta da sala.

— Oh ! por compaixão ! uma mãe desvalida !

E a pobre e infeliz mulher ajoelhára-se aos pés desse homem de coração de pedra, que a repelliu como em um momento de furor.



— Oh ! maldição ! maldição sobre ti, máu homem, que assim expulsas a uma desgraçada mulher ! a maldição ha de cahir do céo, e tu então pagarás todos os males que tens feito á humanidade !

E a mulher assim gritando, no auge de sua dor e agonia, retirára-se da sala.

O barão déra uma gargalhada infernal.

— Pobre mãe ! exclamára Alfredo de Castro, que havia presenciado esta scena a alguma distancia sem que o barão o tivesse visto.

O moço estava apoiado a uma das janellas que dava para o terreiro e cogitava.

— Pelo que observei, dissera elle consigo, o homem que veio de Minas foi portador de más novas... o barão mostra pelo rosto a tempestade que brame em sua alma !

E o joven pensára ainda alguns instantes.

— Não ha duvida ! existe algum crime na consciencia desse potentado, que para vexame deste pobre paiz chama-se o barão do Taquaral—e é commandante superior da Guarda Nacional ! Esta triste mulher, que acaba de sahir, essa mãe desditosa, é a voz do céo que cahirá como uma vingança sobre a cabeça do impio que tortura a humanidade.

E Alfredo calára-se ainda como buscando conciliar uma idéa.

Depois murmurára no pensamento :

— Se eu pudesse descobrir qual o motivo desta viagem do mineiro... guardaria inviolavel segredo até occasião oportuna... se eu tentasse... quem sabe se o mineiro me revelaria algum mys-



terio?... Elle pousa hoje aqui na fazenda... procurarei um pretexto para fallar-lhe. Contar-lhe-hei que ouvi parte de sua entrevista com o titular, e me dirá alguma cousa sobre a vida deste potentado terrível... Veremos...

O tempo escoára-se.

Oito horas da tarde acabavam de dar no relógio da casa.

Alfredo tivera, com effeito, occasião para tomar conhecimento com José Ribeiro, fazendo-lhe comprehender que era secretario do barão, e que por conseguinte estava a par de todos os seus negocios politicos e particulares, e que igualmente se incommodava por yêr o seu amo impressionado de um certo negocio, do qual era José Ribeiro portador.

E Alfredo soubera dar á palavra — negocio — um certo tom mysterioso, que fizera o homem admirar-se, julgando logo que a scena que se déra entre elle e o barão havia tido uma testemunha que por se achar occulta, não causára suspeita ao potentado.

O mancebo, com arte, patenteára sua adhesão á pessoa de seu amo, e que tambem, por causa desse *negocio*, via-se apprehensivo ideando um modo de ser bom para o titular, e de evitar-lhe algum mal futuro.

José Ribeiro furtára-se o dar sciencia a Alfredo do motivo de sua viagem; porém insistindo o joven, o mineiro já sympathisando com as bellas maneiras do seu interlocutor, para satisfazer-lhe em alguma cousa, informára-lhe que em realidade o



barão não estava muito seguro do seu futuro e que ameaçava a sua alma uma grande tormenta, mas que esta poderia desvanecer-se, attenta a importancia do fazendeiro que dispunha de uma riqueza consideravel.

Nada mais podera Alfredo colher do que pretendia.

O barão não tivera desse colloquio o menor conhecimento.

Porém isso para o seu secretario era sufficiente para acreditar na possibilidade de um grande crime.

Tencionava o mancebo communicar-se com Ricardo por aquelles dias, sobre o seu mutuo protesto do beneficio da humanidade.



Vo
Es
trevi
Mell
A
por
hom
que
zad
lenc
U
Carl
por
sent
Se
meig
O



MOTIVO PARA UMA LIBERDADE

Voltamos a encontrar Ricardo.

Este moço nada occultára á bella Carlina da entrevista que tivera com o conselheiro André de Mello.

A menina surprendera-se, como era de esperar, por ter sciencia que Ricardo era filho de um homem importante, e com direito á sua fortuna, que o mancebo com toda dignidade havia desprezado, preferindo antes a pobreza do que uma opulencia que o rebaixaria de seu justo orgulho.

Uma cousa porém entristecera a alma ingenua de Carlina— o pensamento da separação do mancebo— por quem tinha verdadeiro affecto sem todavia sentir os espinhos do amor.

Seu coração era todo aberto para Ricardo, e seus meigos sorrisos o fascinavam.

O joven sentia por ella o mais puro e santo amor



da alma ; mas não tinha coragem para manifestar-lhe positivamente esse sentimento, julgando que commetteria indiscrição, e que a menina podia repellir-o, aborrecendo-o.

Susceptível como era, Ricardo não desejava por modo algum offender os pudicos e suaves pensamentos de Carlina. Amava-a em segredo do coração.

O commendador Carlos de Almeida era-lhe a barreira de bronze que vinha antepôr-se á sua idéa, para obstaculo desse amor ; não pelo lado de sua abastança, porém pela má fama que tinha, e de quem contava tomar vingança no desaggravo da humanidade para cumprir um juramento.

Se amava a filha, odeava o pai pelos crimes de que era culpado : como lembrar-se portanto de uma união com a formosa Carlina pelos laços de hymeneu ?

Não eram os soffrimentos intensos de pai João as provas de um attentado gravissimo para buscar-se a punição do commendador ?

Os gemidos de outras victimas do captiveiro, o sangue esguichado pelo azorrague, os homicidios perpetrados por um castigo horrivel, não seriam brados de vingança contra o máu fazendeiro ?

Esta era a barreira de bronze para o espirito do mancebo. E como vencel-a ? Impossivel.

Apezar desta contrariedade, Ricardo vendo diante de si a linda filha do commendador, tentava ainda encontrar um meio que removesse tão grande tropeço. Em balde. Em seu pensamento fazia escuro.



Não tinha luz para guial-o no labyrintho de suas conjecturas.

No emtanto o intelligente Ricardo procurava ainda uma conferencia toda familiar com a sua discipula, em que pudesse achar talvez uma cooperação para sua idéa, mesmo na tentativa de uma regeneração para a alma ruim do commendador Almeida.

Tomemos nota do colloquio.

Já dissemos ao leitor que a menina tinha toda liberdade, e que seus pais não a privavam da companhia de Ricardo, com quem ella passeava pela fazenda, ora pelo jardim, ora pelo pomar e ora pelo campo.

E' no campo pois que se vai dar esse colloquio.

E' uma linda e fresca tarde de Abril. O ribeiro murmura docemente, serpeando pela campina verdejante que embelleza a fazenda do commendador.

Os animaes pastam tranquillos, e os bezerros pulam aqui e alli, alegres por sugarem o leite gostoso das vaccas

— D. Carlina, disse o joven com certo viso de tristeza, como vai bella a tarde! a natureza parece achar-se toda em admiração perante o seu Creador pela harmonia de sua grande obra!

— Sim, Sr. Ricardo, respondeu a donzella com o seu sorriso de anjo, tudo o que estamos presenciando é a poesia infinda do Deus Omnipotente! esta campina risonha, por onde esvoaçam as auras perfumadas da tarde; o gado e os animaes que nella



se apascentam nutrindo a vida; os bezerrinhos a saltarem como crianças travessas nos brinquedos da innocencia; este ribeiro deslisando por seus canchãos águas limpidas e susurrantes, como anciosas de chegarem ao seio do nosso bello— Parahyba— este céo de delicias que nos arrebatava a alma : tudo nos faz crêr que a nossa vida...

E a menina estacou de repente, como se uma lembrança rapida lhe atravessasse a mente trazendo-lhe a idéa da morte.

Esse pensamento foi logo penetrado pelo mancebo, que ponderou :

— Que nossa vida é um sonho, D. Carlina, e que o despertar é a eternidade! Porém, mudemos o assumpto do nosso entretenimento. Trouxe-a para aqui a vêr se combinamos uma cousa...

— O que, Sr. Ricardo?

— Uma cousa, que me parece impossivel, mas que no entanto poderia realisar-se.

— Falle, disse a menina em tom sério.

— O Sr. commendador Almeida não deve ter a consciencia em tranquillidade...

— Por certo, Sr. Ricardo!

— Os castigos feitos em Pai João, são as provas disso...

— E' verdade.

— Podia pois abrandar o coração e tornar-se um bom senhor para os seus escravos...

— E a sua indole?... inquirio a donzella encostando o moço.

— A sua indole?... oh! quantos homens ha de ir



dole má que se regeneram depois de uma expiação lenta em que bem comprehendem a situação de seus erros?

— Meu pai, Sr. Ricardo, é inimigo de seus escravos, e portanto será obstinado!

— Se tentassemos...

— Por que modo? replicou a donzella em duvida.

— Fallando-lhe dos padecimentos desse pobre negro, pagina pungente do livro do captiveiro que fôre as fibras do coração...

— Porém, no coração de meu pai não chega o echo da dôr e da agonia...

Ricardo, quasi desesperançado por vêr Carlina firme na idéa de nada conseguir do commendador, repetio para a donzella:

— Que inconveniente haverá em tentarmos este passo todo humanitario? se sahirmos bem, daremos graças ao destino; se ao contrario formos...

Carlina cortou a phrase, dizendo:

— O Sr. Ricardo deseja muito isso?

— Pois não vê?

— Indique o meio de favorecer-se a Pai João Congo...

— D. Carlina pedirá a seu pai a liberdade para esse escravo, e eu a ajudarei com os debéis recursos de minha intelligencia. Quando fallar-lhe, faça-se em occasião que eu esteja presente. Se o commendador irritar-se, procure abrandal-o e insista sempre. Terá para isso um forte auxilio...

— Qual?



— Que sua alma se fechará se não conseguir o seu desideratum...

Nesse momento, como a proposito, o escravo Roberto, vindo da campina, atravessou o ribeirão e chegou perto de sua Sinhásinha.

— O que andas fazendo, Roberto? interrogou a menina com bons modos.

— Fui procurar um animal que sahio do pasto Sinhásinha; porque Sr. o commendador já estava zangado por isso...

— E achaste?

— Achei, Sinhásinha.

— Chega aqui perto de mim, disse Ricardo ao escravo; quero perguntar-te uma cousa...

Roberto foi collocar-se junto do mancebo.

— Como vai o Pai João?

— Oh! Sr. Ricardo, Pai João está com muita esperança de que vm. lhe faça muito bem: murmurou o pagem rindo-se.

— Ah! está com esperança! pois elle ha de ainda ser feliz...

— Devéras, Sr. Ricardo?

— Tu has de vêr!

— Por fallar em Pai João, vou contar uma cousa grande a Sinhásinha... observou Roberto, olhando para um lado e outro, e allongando a vista para a casa, que ficava a alguns passos dali, como se receasse em sua alma alguma surpresa.

— O que é então? falla logo. Parece que estás com medo?



— Sr. commendador póde vir por ahi de repente... e...

— Não vem. Elle jantou e está dormindo a sés-ta.

— Pois então, Sinhásinha, lá vai...

— Anda, Roberto, ajuntou Ricardo.

O escravo depois de ter ainda olhado para o lado da fazenda disse rindo-se:

— Sinhásinha não é capaz de adivinhar do que é que vou fallar...

— Pois como hei de saber, pateta? respondeu Carlina com um sorriso.

— Pai João, que tem soffrido tanto de Senhor commendador, Pai João *mesmo* livrou o Senhoria da morte...

— Da morte?!... exclamou Ricardo attonito.

— Será possível?... exclamou a donzella juntando as mãos como pasmada.

Roberto encarou os jovens com firmeza, e acrescentou:

— Pai João não deixou matar Senhor commendador...

— Falle! disseram Ricardo e Carlina.

— Sinhásinha, escuta, e tambem Senhor Ricardo.

Aquelle negro, que Senhor commendador comprou de Senhor Serapião que foi socio do Senhor Ricardo...

— Qual delles, Roberto? o commendador comprou tres...

— E' aquelle mais valente, que quando apanhou com o *bacathau* na occasião de conhecer o captivo não dava quasi gemido...



— Conta de pressa essa historia, Roberto, disse a donzella com impaciencia.

— Pois Sinhásinha e Senhor Ricardo, ajuntou o escravo; esse negro quasi que matava a Senhor commendador, porém Pai João acudio logo e o preto ficou desarmado...

— Então elle estava escondido em algum lugar?

— Sim, Senhor Ricardo. Hoje fazem cincodias. Era noite. Senhor commendador sahio no terreiro não sei para que, quando pai João, chegando perto do negro, vio elle com uma pistola na mão e apontando para Senhor commendador, que estava parado. Mas, pai João não patenteou; botou a mão na pistola e desceu o braço do negro.

— E depois?

— E depois, Sinhásinha, o negro ficou cheio de raiva e protestou que ha de matar a Senhor commendador...

— E' verdade isso que fallas, Roberto? perguntou Carlina como não crendo nas expressões do escravo.

— Tão verdade, Sinhásinha, como ha Deus no céu!

— Se tu, Roberto, inventas uma mentira...?

— Pois, Senhor Ricardo, me acha com cára de armar uma mentira? respondeu o escravo com gravidade.

— Não... mas porque guardavas isso sem me contar?

— Porque, Senhor Ricardo, esperava por uma occasião boa.



— Nesse caso, D. Carlina, observou o joven, hoje, à noite irei á senzala de pai João e elle me contará como foi esse facto...

— E' o que deve fazer, Senhor Ricardo.

— Porém, Sinhásinha, não conte ainda nada a Senhor commendador...

E assim fallando, Roberto sahio ligeiro para o lado da fazenda.

— E o que lhe parece esta historia? Não está o caminho aberto para conseguirmos a liberdade de Pai João?

— Oh! oh! estou abysmada, Senhor Ricardo! murmurou a donzella toda nervosa. A vida de meu pai corre perigo, que é preciso evitar. Sim, logo que chegue a noite, vá procurar o Pai João; a sua liberdade necessariamente havemos de obter.

— Havemos de obter!

— Porém uma cousa agora me amedronta a alma como um fantasma terrivel!

— O que é?

— Meu pai terá de commetter um assassinato!

— Como?

— Para livrar-se d'esse máu escravo...

— Não lhe dê isso abalo, disse o joven como tranquillo. Temos um recurso.

— Qual?

— Depois lh'o direi, D. Carlina.

Ao cabo de algum tempo a donzella e Ricardo tinham deixado a campina.



Era
Rica
O es
tava er
O me
Leva
do jov
— C
— P
cardo.
— OI
um ho
— A
— E
— S
para p
os n



IV

A VERDADE POSTA EM DUVIDA

Era noite.

Ricardo fôra ter com Pai João em sua senzala.

O escravo, como sempre, ao pé do fogo, meditava em sua desgraçada vida.

O moço o surpreendeu nessa cogitação.

Levantou-se, e dando um suspiro, tomou a benção do joven.

— Como vás, Pai João?

— Preto vai indo com coração triste, Senhor Ricardo...

— Oh! tem esperança que muito breve has de ser um homem livre! eu t'ô prometto!

— Ah! senhor Ricardo! preto não espera isso...

— E porque?

— Senhorio é máu... Senhorio não dá liberdade para preto...



— Conta-me uma cousa, Pai João... Que historia foi essa de quererem matar a teu Senhor?

— Eh ! eh ! como Senhor Ricardo sabe disso ? interrogou o negro olhando para o joven.

— Roberto contou-me ; porém quero ouvir da tua propria boca, porque te dou todo o credito.

— Preto velho diz sua verdade... Preto João não sabe mentir...

E o escravo pondo-se de cocoras, ajuntou os tijolos ao fogo, e levantou-se, fallando assim :

— Aquelle negro que senhorio comprou de S. Serapião, que se chama Roque, ficou inimigo de S. Senhorio átoa... desde que está aqui na fazenda, tomou duas surras de *bacathdu*... negro está só remungando contra Senhorio, só jurando pelle de Senhorio. De noite, preto velho sahio aqui de sua senzala, foi ao terreiro e vio Roque parado e fazendo pontaria com pistola... Preto deu um pulo e pegou no braço de Roque. Senhorio estava adiante parado, fazendo não sei o que. Roque zangou com preto ; porém preto tem força ainda, e senhorio não levou tiro.

— E essa pistola, Pai João, onde a acharia Roque ?

— Preto não sabe, não, Sr. Ricardo ; só o que preto diz, é que senhorio não está seguro... Roque não pensa como preto velho... Roque é negro bruto e máu...

— Escuta uma cousa, Pai João...

— Sr. Ricardo falla...

— Roque não será ajudado por um outro escravo da fazenda ?



Pai João pensou um momento e disse :

— Todos os negros da fazenda não gostam de Senhorio...

— Mas, em tua consciéncia, Pai João, achas que foi só o Roque que teve essa ruim lembrança de matar a teu senhor?

— Preto não sabe dizer. Roque ficou zangado com preto e só disse que senhorio havia de lhe pagar.

— Pela acção generosa que prestaste a teu Senhor, eu te prometto Pai João, que hei de obter a tua liberdade dentro de pouco tempo.

— Ah ! Sr. Ricardo ! preto não pensa tanta felicidade ! preto velho só quererá uma cousa...

— Falla.

— Que Sr. Ricardo seja o marido de Sinhásinha...
E um riso misturado de alegria e pezar appareceu nos labios do escravo.

Ricardo olhou para a physionomia do negro, e como que sentio um prazer immenso com esse seu prognostico, julgando logo que o escravo seria o auxiliar seguro para a realisação do seu desideratum.

E sorrindo murmurou :

— Só Deus, Pai João, permittirá isso !

D'ahi a poucos momentos Pai João ficava só em sua senzala.

Ricardo buscára o seu gabinete.

Ahi, acendendo o seu lampeão, e sentando-se junto de uma pequena mesa, com a cabeça curvada para o peito, o moço entregára-se a profundos pensamentos.



Tinham-se passado alguns minutos.

No cabo dos quaes, elle disse de si para si, com
em pezar:

— Não puder alcançar a regeneração do com-
mendador, o céu do meu futuro será bem triste.
porque em meu coração não terá logar a alegria.
fechar-se-ha para sempre... Carlina! Carlina! anjo
formoso de Deus, que me embriagas com os teus en-
cantos... com a tua doçura e com a tua bondade
Tua imagem vaporosa perpassa continuamente po-
meu espirito, roçando as tuas azas candidas com
perfume da virtude, fazendo-me sonhar amores na
horas do meu silencio!

Amo-te! e não posso dizer-te tão immenso soffri-
mento! Amo-te! e não tenho direito para pedir-te
por esposa! Amo-te! e meu coração não se abri-
para ti por ter de occultar esse juramento que pres-
tei de punir ao criminoso em desagravo da trist-
humanidade! Sim, anjo innocente! Teu pai é um
máu hom m, de coração de pedra, seu prazer é
flagellação do escravo! o seu desejo constante, e
sangue de sua victima! Para esse homem, a rege-
neração será um milagre operado pelo céu.

E o mancebo parafusou ainda.

Depois ajuntou:

— Ah! está pai João para abrir o caminho dessa
regeneração... Pai João, o escravo de alma grande e
de coração generoso, que praticou a mais bella das
acções salvando ao seu proprio verdugo; e que, esque-
cendo os resentimentos profundos de sua alma e não
alardeando essa virtude, occultava-a, como se nada



tivesse feito por seu Senhor, pensando antes nas amarguras que o torturavam em seu cruel captivo!

O impio poderá ter um instante de luz para as trevas do espirito; e esta luz o fará lembrar do Creador, immensamente bom e misericordioso, que de um para outro momento transforme esse coração de pedra em coração piedoso, fazendo-lhe calar no intimo de suas entranhas esses gemidos pungentes da escravidão. E pois não deverei desacoroçoar de alcançar o meu desideratum. Serei pertinaz embora venham tempestades assaltar o espirito do commendador! Deus me conduzirá ao bem. A minha luta será grande e a victoria indecisa. Se ella fôr-me propicia, minha alma exultará; e, se ao contrario vier o sello do desengano marcar-me a tristeza no coração, curvar-me-hei acabrunhado pelo poder desse horoscopo, que traçou-me na esphera da existencia uma infeliz peregrinação...

E, máu grado seu, o semblante de Ricardo toldouse de uma nuvem de... que lhe confrangeu a alma.

Ficou em silencio ainda alguns instantes; depois exclamou em sua mente:

— Triste lembrança me accommetteu o espirito! eu, o filho bastardo de um homem rico... eu, o engeitado de uma mulher... pobre... eu, o criado de um abastado titular, querer lutar em uma partida tão arriscada! Chamar a mim as iras desse potentado, que, em um momento de loucura, será capaz de fulminar-me! A formiga a lutar com o leão!



E um certo valor desconhecido se apoderou da alma do mancebo, que proferio resolute estas palavras :

— Oh ! jogue-se a partida !

Nesse interim, Roberto entrava no aposento de Ricardo, dizendo-lhe que seu Senhor o chamava a seu gabinete.

O joven teve um ligeiro estremecimento, pensando na scena que se dera no campo e de que Carlina fôra testemunha ; mas tranquillizando-se logo, não demorou-se em seguir o pagem do commendador.

Seriam oito horas da noite.

Almeida estava recostado em uma bonita rêde azul de crivo, com rendado pela frente, e tomava um chicara de café.

Ricardo entrando deu as boas noites ao fazendeiro saudando igualmente a D. Joaquina do Nascimento que se achava sentada em uma cadeira baixa, a alguma distancia do marido.

Carlina, de pé, mostrava a attitude de quem conversava junto do commendador.

— Venha cá, Senhor Ricardo, disse Almeida, com irritado, temos de tratar de graves negocios...

O moço, ao approximar-se da menina, cumprimentou-a familiarmente, dizendo depois para o seu amo :

— Estou ás ordens do Senhor commendador...

— Então que historias são essas de João Congo Carlina acaba de contar-me uma grande novidade

— E' exacta, Sr. commendador. Fui certificar-me com o proprio escravo...



— Eu não creio isso!

— E porque não, papai? replicou a donzella com certo visio de contrariedade.

— Isso são *candongas* dessa maldita corja! voltou D. Joaquina com ares de raiva.

— Qual *candongas*, mamã! este acontecimento é muito importante! Pai João livrou a papai de morrer!

— Não sejas tola, menina! tu acreditas muito em pai João, que é um feiticeiro!

— Feiticeiro! o pai João? Ora, mamã!...

— Cala a boca, Carlina, deixa-me fallar! exclamou o commendador com autoridade. Diga-me, Senhor Ricardo: João Congo é um escravo ladino, e para livrar-se do *bacathá* ageitou uma mentira, dizendo que um dos escravos que comprei do Serapião tentou matar-me com uma pistola no terreiro da fazenda. Não acha isto provavel?

— Senhor commendador, disse o joven com toda a gravidade, e possuindo-se de elevado sentimento; esse negro de quem V. S. suspeita uma mentira, é incapaz disso. Nos poucos mezes que aqui estou, tenho bem observado a pai João... é um escravo de alma grande...

O commendador sorriu-se com significativa mofa, e D. Joaquina murmurou este aparte:

— Um feiticeiro de alma grande!...

— Ora, mamã! disse Carlina com tristeza.

Ricardo não se amofinou com estas manifestações hostis do commendador e sua esposa, e proseguio:

— Elle livrou a V. S. de um grande perigo, e por



consequente quero ser o seu defensor. Se o escravo alardeasse a sua acção, bem se poderia tomal-a para algum pretexto; mas elle occultou-a e, se não fosse Roberto, hoje não saberíamos isso...

— Porém, respondeu Almeida, ainda nada vejo para justificar essa acção...

— Mentiras do feiticeiro, Senhor Ricardo! ajuntou D. Joaquina com zanga.

Carlina olhou para o mancebo, e como que lhe disse estas palavras ao coração :

— Vá por diante, não se importe com a mamã !

— V. S. diz que não enxerga nada para justificar o procedimento nobre do escravo João; porém essa justificação está facil de obter-se... Chama-se escravo aqui, a um interrogatorio, ao qual comparecerá tambem o preto delinquente; e assim verificará-se ha a verdade.

— Duvido de tudo, Senhor Ricardo; no emtanto amanhã cedo trataremos disso.

— Essa *cambada* de negros, contestou D. Joaquina, só precisa de *bacalhau* ! é uma corja levada do diabo !

— Quando se pratica uma acção nobre e generosa Senhora D. Joaquina, replicou o mancebo com dignidade e firmeza de character, essa acção deve ser remunerada tambem com generosidade !

— Oh! oh! disse o commendador com riso de pouco caso. Hei de remunerar-a, pois não !

Carlina olhou para Ricardo significativamente como se desanimasse do seu proposito.

O mancebo, porém, tranquillizou-a com outra



olhar inteligente, como se tivesse pronunciado estas palavras :

— Havemos de vencer tudo! Deus nol-o ha de permittir !

Dahi a algum tempo Ricardo tinha-se retirado para o seu gabinete, certo de que no dia seguinte pai João e Roque seriam interrogados.

Vamos agora encontrar outros personagens de nosso tosco romance.

m a mamã !

para justifica

o; porém esse

. Chama-se

o qual compo

; e assim ve

; no emtanto

to D. Joaqui

orja levada d

re e generosa

bebo com dig

acção deve se

e !

n riso de pouc

ficativamente

a com outr



Cor
abril.

A s
canta
inten
e jun
—

vinda
o bell

—

Amer
perde

infin
do Or

—

um sc
que t
passa



AMEAÇA

Corrêra o tempo. Está-se em os ultimos dias de abril.

A atmospherá patenteia-se pura, risonha e encantadora. O frio começa a dar mostrás de que será intenso nos dous mezes, que se vão seguir, de maio e junho.

— Oh ! que linda tarde que faz ! exclamou Bemvinda para seu marido, que junto della contemplava o bello tempo de uma janella da casa de seu sitio.

— Como é grande o poder do Creador ! ajuntou Americo, olhando o céu côr de perola, que ia ao perder da vista. Ha tanta poesia nesse firmamento infindo ! Tudo revela os mysterios divinos da obra do Omnipotente !

— Escuta, Americo, murmurou Bemvinda com um sorriso de bondade ; este quadro de maravilhas que temos á vista, a meu pezar] faz-me recordar o passado, trazendo uma saudade que não sei definir-



te! Amo-te, e minha alma resente-se de um mar desconhecido, vago, como me arrebatando para mundos estranhos; a alegria pára-me no coração a pensar que sou tua esposa; estou ao pé de ti, e, n emtanto, aquelle céo de pureza traz-me o quer que seja para o peito! Oh! meu querido esposo, explica-me estes mysterios da alma!

— Esses mysterios da alma, Bemvinda, responde Americo gravemente, são as provas da existencia de um espirito que deseja subir ao seio do seu Deus, donde emanou. Tudo o que é bello no mundo, e que nos arrebatá, denuncia a existencia de um outro mundo que se chama o Paraíso eterno, onde as maravilhas e gloria do Creador não podem ser comparadas com este onde habitamos!

— Então é isso que nos dá esse pezar involuntario de que não sabemos definir a causa?

— E', amada esposa. A nossa alma creada para admirar a Omnipotencia Divina, embalde buscará os prazeres terrestres; sendo ella o attributo do céo para o céo volve os olhos, prendendo-se ao seu Creador. Em resumo, te esclareço isto em duas palavras: nossa vida cá no mundo é transitoria; é o sonho do espirito que se dissipa com a morte. Ahi é o começo da eternidade...

— Eternidade! eternidade! exclamou a joven esposa com um suspiro.

— Mudemos a nossa conversa; vejo que ella te impressiona. Olha, teu pai já se demora... já devia ter chegado ha uma hora...



— Já vou tendo cuidado delle, Americo. Esse barão é tão máu!...

— Não receies nada, Bemvinda. Embora seja esse homem um malvado, elle não terá animo de commetter a teu pai. Homens dessa laia são quasi todos pusillanimes e cobardes!

— Assim seja! Estou impaciente por saber qual o motivo que obrigou o barão a mandar chamar a papai... Sabería elle que o portador Antonio Marcello veio trazer as provas de um crime?

— Se isso para nós é um mysterio, muito mais será para o máu fazendeiro, que de nada suspeita...

De repente Bemvinda exclamou com alegria, olhando o caminho ao longe:

— Lá vem papai!

— O que nos dirá elle?

— Logo saberemos.

Passados alguns instantes, demasiadamente longos para os impacientes esposos, Leonardo apeou-se no terreiro e entrou em casa.

O velho trazia o semblante annuviado.

— O que é isso, papai? vem triste? perguntou Bemvinda, olhando para Leonardo.

— O que houve? voltou Americo.

— Fui ameaçado por esse malvado barão! respondeu o honrado velho, com pezar no coração.

— Ah! então esse máu homem o ameaçou?

— E' verdade, Sr. Americo. Porém tive coragem para repellil-o. Entremos.

Todos foram para o interior da casa.



— Manda-me, Bemvinda, pôr alguma coisa de mesa para comer. Tenho boa disposição.

— E' já, papai.

E a moça dirigira-se á cosinha para ordenar jantar de seu pai, e voltára á sala d'ahi a pouco.

O molequinho que servia em casa a Americo, fôz recolher o animal do velho.

— O que lhe disse o barão, Sr. Leonardo?

— Oh! o homem quiz comprar a minha honra pelo vil preço de uma baixeza!

— Como?

— Queria que eu lhe entregasse as provas do crime mediante dez contos de reis, e disse-me que do contrario eu teria de succumbir victima do bacarte!

— Oh! oh! disse Bemvinda horrorisada.

— Que ousadia! exclamou Americo com visão de indignação. E a conclusão, Sr. Leonardo?

— A conclusão, respondeu o velho com calma, que tenho a minha vida em perigo, porque tive valor bastante para não aceitar uma vilania vendendo a um réo de grande crime, papeis que valem muito para o desagravo da humanidade!

— Meu Deus! Meu Deus! murmurou Bemvinda com um estremecimento nervoso. Esse malvado seria capaz mesmo de matar a papai!

— Tenho toda esperança no céo, minha filha, Deus me ha de livrar da perseguição desse máo homem.

— Porém, Sr. Leonardo, como soube elle quem tinha as provas do crime?

— Elle tambem tivera, Sr. Americo, um portador



uma cousa de Sabará, enviado por um seu amigo, talvez
ço. cúmplice de seu attentado, avisando-o de tudo para
para ordenar assim pôr-se em prevenção.

Antonio Marcello quasi que veio junto com esse
ni a pouco. portador.

Americo, fô: — Estes malvados, ponderou Bemvinda entriste-
cida, sempre têm protecção!

onardo? — E' um malvado, minha filha, respondeu Leo-
minha honnardo com um riso de censura, que acaba de ter a
grande honra de poder assignar-se de hoje em di-
ante—visconde do Taquaral!

provas do se — Cypriano, visconde? !...

disse-me qu — Um ladrão daquelles? !...

ctima do bac — Diz bem, Sr. Americo! esse homem é um la-
drão de alto cothurno! um assassino!

isada. — Vergonha! vergonha para o nosso paiz!

com viso — Não! não! essa vergonha fica para o governo
rdo? que o nomeou! replicou o velho com firmeza.

com calma, — E' exacto, Sr. Leonardo. Porém como se livra-
orque tive va rá das ciladas desse malvado?

nia vendend — Nossa Senhora ha de amparar a papai!
e valem muh ajuntou Bemvinda erguendo os olhos consternados
para o céo. A acção do papai é um beneficio para a
humanidade...

rou Bemvind — Fazer-se o bem, minha filha, esperar-se o
e malvados se mal! é esta uma verdade, que pouco se contesta...

ha filha, De — Mas, papai...

máu homem — Escuta. Não temas. As ciladas do tal visconde
oube elle qu ão de abortar; tenho fé no destino. Agora fallemos
de outra cousa, Bemvinda.

, um portado — O que, papai?



— Vamos amanhã dar um passeio ao sitio do capitão Duarte Barbosa ?

— E' tão longe, papai...

— Oh ! apenas duas leguas.

— O que dizes, Americo ? queres ir ?

— Se fôr do agrado do Sr. Leonardo, estarei prompto.

— Esse homem, disse o velho, encontrou-se hoje commigo em caminho. E sabendo que eu vinha da fazenda do Taquaral, julgou logo que eu tinha ido ahi para pedir a protecção do visconde para algum designado da Guarda Nacional. Porém como manifestasse o contrario, cheio de curiosidade pedio-me que o orientasse, se não fosse uma indiscrição, sobre o motivo por que mostrava pela physionomia visível contrariedade. Ora, conhecendo ser o capitão Duarte Barbosa um homem honrado, só lhe disse que esse visconde tinha ameaçado a minha existencia por causa de um negocio gravissimo que se entendia com sua pessoa. O capitão ficou impaciente e pedio-me que fosse a seu sitio amanhã, dizendo-me tambem que teria gosto que eu levasse a tua Bemvinda, e ateu esposo. O que dizes ?

— Estou prompta, papai, a fazer-lhe sempre as vontades como sua filha obediente...

— Obrigado, minha filha. Has de ser feliz.

— E eu que sympathiso com o capitão Duarte Barbosa, sem ter tido com elle a menor relação? volteu Americo olhando para o sogro.

— Eu o conheço de ha muito; porém, não entretemos amizade.



O jantar para Leonardo fôra posto na mesa, e este dirigio-se para ahi.

Bemvinda sentou-se perto, em frente de seu pai, tendo a satisfação de vê-lo comer com appetite.

— E se Antonio Marcello chegar hoje da cidade, como ha de papai sahir ?

— Irá comnosco ao sitio de Duarte.

— E se não quizer ir ?

— E porque não, Bemvinda ?

— Estou certo de que elle nos fará companhia, se vier.

— E hoje fazem tres dias que sahio Antonio Marcello... o que estará elle fazendo na cidade ?

— Ora, o que estará fazendo, minha filha ? disse Leonardo ; está se divertindo em vêr a cidade para distrahir-se dos aborrecimentos aqui da roça.

— Desconfio que esse homem fosse talvez orientar a justiça dos crimes do novo visconde do Taquaral, aventurou Americo, pondo em duvida o caracter de Antonio Marcello.

— Isso poderia acontecer, Sr. Americo, respondeu o nosso bom velho, se não tivesse um juramento solemne em que Marcello prometeu-me só patentear os grandes delictos de Cypriano no dia em que eu determinar; e esse dia está a chegar para a expiação do nosso *grande visconde*.

Americo comprehendeu a satyra atirada na ultima palavra de seu sogro e sorriu-se tambem com significativa censura.



— Como não ha de estar ufano esse maldito Cipriano ! disse.

— Tratou-me, Sr. Americo, como se fosse um escravo !

— Malvado ! voltou Bemvinda indignada.

— Fez alarde de seu novo titulo, e disse-me que não teria agora o menor receio em sua vida...

— Quando vem chegando o dia da nossa vingança replicou com intuição a esposa de Americo.

Alguem chegára á casa.

Americo fôra vêr quem era.

Encontrára-se com Antonio Marcello, que vinha fumando um cigarro.

— Oh ! Sr. Marcello ? gostou muito do seu passeio

— Muito. Apreciei a cidade. Como vão os Senhores por aqui ?

— Bem.

— E o nosso velho não estava impaciente com a minha demora ?

— Alguma cousa ; porém está um tanto contrariado.

— E porque ?

— Entre, Sr. Marcello, para jantar ; pois deves estar com disposição.

— Alguma.

— Ah ! saberá o motivo da contrariedade de meu sogro.

E Marcello foi juntar-se a Leonardo que já tinha acabado a sua refeição.



— Oh! Sr. Marcello! venha aqui, ainda temos um resto de comida. Perdôe-me a liberdade.

— Ora, meu amigo, nada de cumprimentos, murmurou Marcello, saudando a Bemvinda com respeito e apertando a mão do velho.

— Então, que tal é a nossa cidade?

— E' boa; está bem povoada e tem bonita vista. Porém aquella gente parece que desconfiava de mim... olhava-me como se fosse algum industrialoso...

— O typo mineiro é muito conhecido, Sr. Marcello, e é por esse motivo que talvez se pensasse ser o Senhor algum vendedor de toucinho...

E Leonardo rio-se amigavelmente para Marcello, que tambem rio-se com a lembrança do velho.

Depois contára este o que se havia dado entre elle e o visconde do Taquaral; essa noticia que surpreendeu infinitamente a Marcello, que lastimára a sorte de nosso paiz onde se recompensa o crime e se profliga a virtude!

— Vamos dar um passeio á roça, Sr. Marcello?

— Quando, meu amigo?

— A'manhã.

— E' perto?

— Apenas daqui a duas leguas.

— A' casa de algum seu amigo?

— De um homem honrado.

— Irei, para fazer-lhe o gosto.

— Olha, Bemvinda, teremos um optimo passeio.



— Ella tambem vai ? e o Senhor Americo ? interrogou Marcello.

— Não deixarei a companhia de minha esposa respondeu bondosamente o moço.

Passára-se o tempo.

No d
Americo
do capi
Ante
eseravc
já come
Escri
gencia d
da roça
Quand
do capit
A sit
casa de
envidra
avista d
café ; d
sôccas d
em fren



merico ? inter

inha esposa

VI

UMA AMIZADE NOVA

No dia seguinte, bem cedo, Leonardo, Marcello, Americo e Bemvinda, caminhavam a pé para o sitio do capitão Duarte Barbosa.

Antes da partida, Americo recommendára a seus escravos o trabalho da colheita do café, cujos fructos já começavam a amadurecer.

Escravos bons como eram, uma pequena advergencia do Senhor bastava para cuidarem no serviço da roça.

Quando os nossos personagens chegaram ao sitio do capitão Duarte era perto de meio-dia.

A situação é aprazível e pittoresca. Uma linda casa de campo, de tamanho regular, com janellas envidraçadas, com senzalas e pomar, donde se avista de um lado uma montanha toda plantada de café; de outro, pequenas eminencias em roças já sêccas de milho e de feijão ainda verde; e, pelo lado em frente á casa, um bonito campo, cortado pelo



meio por um ribeiro, onde os animaes pastam excellentemente.

Logo que o capitão avistou a Leonardo, veio ao seu encontro com affabilidade.

Cumprimentou respeitoso a Bemvinda, apertando-lhe as mãos do velho, de Americo e de Marcello, e fazendo-os entrar para a casa.

Duarte é casado, e tem tres filhos, duas moças e um menino de 12 annos. A primeira d'aquellas tem 20 annos, e a segunda 15. Ambas são sympathicas.

A esposa de Duarte é uma senhora respeitavel, rastejando pelos 50 annos, bôa, alegre e sollicita para sua familia.

A mãe e filhas receberam igualmente a Bemvinda com sorriso de satisfação.

Passados os primeiros instantes do regozijo que sentia a familia do capitão Duarte em hospedar os nossos personagens, não tardou a ser servido um optimo almoço, como já prompto a proposito.

Dahi a uma hora, o capitão conversava amigavelmente com Leonardo, Americo e Marcello.

Bemvinda entretinha-se com a mulher e filhos de Duarte.

Os homens acham-se na sala de fóra. Demos attenção á sua conversa.

— Então o que diz o Sr. Leonardo da nomeação do nosso commandante superior para visconde de Taquaral ?

— E' uma nomeação que nos faz corar de vergonha,



— Sr. capitão ! respondeu o velho dando ao semblante certo pezar.

— Quando a virtude é remunerada, todos a apreciam ; porém, recompensar-se com uma distincção elevada a um homem de coração máu, como esse de que tratamos, é o que não posso tolerar !

— O que quer, Sr. capitão ? observou Americo olhando para Duarte. Olha-se para o dinheiro e não para as qualidades das pessoas. E' a corrupção que perde hoje a nossa sociedade !

— E de cima vem esse pernicioso exemplo ! ajuntou Antonio Marcello com gravidade.

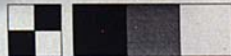
— Pense-se nas injustiças praticadas por esse homem nas designações da Guarda Nacional, flagellando os pobres roceiros, respondeu Duarte com voz pausada, e isto será sufficiente para comprovar sua má indole; além de que, como Senhor é um barbaço para seus escravos...

— Conheço bem ao nobre visconde do Taquaral, disse Leonardo mofando.

— E' com effeito um nobre titular, respondeu Duarte igualmente com um riso sarcástico e tomando uma pitada de rapé.

Este entretenimento prolongou-se por algum tempo, havendo o capitão Duarte contado toda a conferencia que tivera com Taquaral ácerca dos designados é o modo insolente por que elle o tratára, expulsando-o de sua casa.

Leonardo, Americo e Marcello, não se admiraram disso, em razão de saberem das ruins qualidades do titular.



Duarte manifestára o desejo de scientificar-se e de causa de encontrar a Leonardo triste e meditabundo retirando-se da fazenda do Taquaral.

O velho informára sómente a Duarte de ter prova de um grande crime perpetrado pelo visconde, que por esse motivo, querendo-lhe comprar pela violencia essas provas, offerecêra-lhe a quantia de dez contos de reis, ameaçando-o como bacamarte no caso de recusa.

Uma preta, com uma bandeja de café em chicanes de porcellana, appareceu na sala.

— Vamos ao café, senhor Leonardo, disse o capitão dirigindo-se para mesa. Não tema das ameaças desse homem. Deus o ha de livrar da traição.

— Sim, senhor capitão, só Deus nos poderá afastar do perigo! Tenho viva fé em sua bondade para aquelles que o glorificam, ponderou o respeitavel velho, tomando o seu café. Porém a punição virá para o criminoso.

— Que baixeza! que aviltamento para a sociedade de se o tal visconde tiver de ser arrastado ante os tribunaes como um grande réo!...

— Isso lhe acontecerá infallivelmente, senhor capitão; salvo se eu fôr assassinado e tambem o senhor Marcello...

— Então são duas as testemunhas do seu crime perguntou Duarte com interesse.

— E' verdade, senhor capitão; e as provas documentaes estão em meu poder.

— No dia em que esse visconde cahir de sua al-



...tificar-se de
...meditabund
tura, manchado pelo ferrete da ignominia, minha
alma se expandirá.

...de ter prova
...o visconde,
...orar pela vic
...antia de de
...arte no cas
Nesse interim chegava ao sitio do capitão Duarte,
Alfredo de Castro.

...é em chicar
O aspecto do moço era triste.

...o, disse o c
...a das ameaç
...raição.
O capitão o foi encontrar, recebendo-o com satis-
facção.

...s poderá afa
...bondade par
...o respeitav
...punição vir
— O que é isto? disse tomando a mão de Alfredo
e fazendo-o entrar para a sala.

...ara a socied
...astado ante
— São as contrariedades da vida, senhor capitão,
respondeu o joven com pezar.

...mente, senh
...tambem o se
...do seu crime
Na sala elle cumprimentou a Leonardo, Americo
e Antonio Marcello.

...provas doc
...ahir de sua al
Duarte offerecendo uma cadeira a Alfredo, mur-
murou em tom socegado :

...ra a mais vil das acções...
— Ora, tome uma chicara de café, e nos conte o
que lhe aconteceu, senhor Alfredo, se não fór isso
algum segredo...

...do seu crime
— De bôa vontade, tudo lhe contarei. Esse *nobre*
visconde do Taquaral, grande do imperio, fez-me
a mais vil das acções...

...mente, senh
...tambem o se
...do seu crime
E o joven amargurou-se ao proferir estas pa-
lavras.

...provas doc
...ahir de sua al
O velho Leonardo e Antonio trocaram um olhar
significativo.

...do seu crime
Marcello prestou toda a attenção ao recém-che-
gado.

...provas doc
...ahir de sua al
— Conte-nos, conte-nos as proezas desse nobre
fidalgo, volveu Duarte com riso de escarneo.

...do seu crime
— Esse malvado, respondeu Alfredo, tomando o



café, despedio-me hoje de sua casa com o pretexto de ser eu um espião de sua pessoa!

— Ora essa! exclamou o capitão.

— Só esse maldito seria capaz disso, ajuntou Leonardo.

— Que indignidade! acrescentou Americo.

— Sim, deve mesmo ter receios de sua vida, observou Antonio Marcello.

— Diz uma verdade, senhor, esse homem recebeu de sua própria sombra! replicou o ex-secretario fitando Duarte com gravidade.

— Então é porque os crimes lhe accusam a consciencia!

— E Taquaral é em realidade um criminoso, senhor capitão!

— E qual a razão para assim pensar, senhor Alfredo?

— Oh! não será criminoso quem martyrisa a seus escravos, praticando depois assassinatos?

— E' exacto. O visconde do Taquaral tem ruinissima fama!

— Ah! senhor capitão, contestou Leonardo, sacudindo a cabeça em signal de approvação; se fosse só isso... porém, já lhe disse que um grande attentado...

— Ah! senhor Leonardo! sinto que não me posso explicar esse mysterio!

— E mysterio grande! atalhou Marcello, deixando o velho fallar.

— Um grande mysterio? exclamou Alfredo olhando



do para Marcello na maior admiração. Então, o Sr. sabe da vida do maldicto titular ?

— Em seu tempo a sociedade ha de conhecer aquelle que elevado hoje pelos ventos da felicidade, terá de baquear amanhã pelo estridor de horrivel tempestade!

— E esses mysterios...

— São impenetraveis; porém o véo que os occulta em breve se rasgará...

— Se fosse hoje !... murmurou Duarte com crescente desejo de saber em realidade a vida do seu commandante superior.

— Um homem veio de Minas dar aviso ao visconde para precaver-se de alguma cilada ; dahi, supponho, lhe virá todo o mal, ponderou o moço como pensando.

— E' mesmo desses fundos de Minas, que lhe virá a tormenta ! disse Leonardo, como certo do que manifestava.

— Porém, senhor Alfredo, não me disse qual a causa de têl-o o visconde por um espião, objectou Duarte com interesse.

— Satisfaço o seu desejo, senhor capitão. Estando, ha já bastantes dias, em uma conversa com Taquaral a respeito da idéa que geralmente se faz do homem rico na sociedade, aventurei algumas palavras que pareceram então offender a susceptibilidade do titular...

— Ah !

— Disse-lhe que a nossa sociedade fazia de homem da plebe um nobre, e do criminoso um inno-



cente.. Mas percebi logo alguma alteração nos modos de Taquaral. Este, apparentando tranquillidade replicou-me em seu tom soberbo, passeando pela sala, e olhando-me com hostilidade.

— Prevejo já de onde sahiram as suspeitas, titular, ponderou Leonardo, comprehendendo esse arcano da vida de João Cypriano.

— O homem continuou depois a tratar-me mal e, por fim, buscou rebaixar-me, taxando-me de espião de sua pessoa! e ordenou que me retirasse de sua fazenda antes que lhe viesse a idéa de estrangular-me, se me obstinasse com replicas, visto como tinha eu o atrevimento de querer sondar sua vida.

— E por isso o deixou, Sr. Alfredo?

— Que duvida, Sr. capitão! Taquaral pensou, comsigo, que alguma cousa eu penetrára que lhe ferir a consciencia, e assim achei mais prudente retirar-me de sua fazenda para não soffrer algum damno da parte de tão perverso titular.

— Até ahí, disse o capitão, tomando com vagar uma bôa pitada de rapé, obrou com acerto.

— O character do visconde é terrivel! observei isto com a designação dos tristes e desgraçados Guardas Nacionaes!

— Fez-me mais esse maldito. Expulsando-me de sua casa negou-se ao pagamento dos meus salarios na qualidade de seu secretario! no emtanto que eu estava disposto a gastar alguns contos para o seu titulo de visconde!



— Aquelle homem um visconde! murmurou Duarte com desprezo e sorrindo para o joven.

— Repito: vergonha para o paiz em ter uma nomeação assim!

— E esse vexame subirá de ponto, ajuntou Americo—que até então tinha-se conservado em silencio, escutando o dialogo — quando se descortinar as sombras que occultam a vida do terrivel homem!

— O Sr. Alfredo não teve um trato com Taquaral? perguntou Duarte, limpando o nariz com um lenço.

— Tive, Sr. capitão; mas infelizmente foi vocal. Dous contos e quatro centos mil réis foi quanto me havia promettido.

— Annuaes?

— Annuaes, Sr. capitão.

— E como cobral-o agora? interrogou Leonardo.

— Por modo algum. Não pensarei mais nisso, Senhor.

— O visconde do Taquaral justifica dest'arte a sua nobreza de character,olveu o capitão Duarte com mofa.

— Não importa isso, Sr. Alfredo, ajuntou Americo; em breve ha de ter a sua desaffronta.

O ex-guarda livros ou secretario do Taquaral, pensando um instante, disse:

— Sim, resta-me a desaffronta. Hoje mesmo irei ter com um amigo, afim de colligarmos nossas idéas e tomarmos uma vingança do titular.

— Uma vingança desse homem, Sr. Alfredo? perguntou Leonardo em grave attitude.



— E' verdade, Senhor. Um compromisso sa-
grado...

— Não, não é ainda tempo dessa vingança...

— E porque, Senhor?

— Porque ella só me é permittida!

— Não o comprehendo, Sr. Leonardo, responde
o joven encarando o velho.

— Acompanhando-me ao sitio aonde residio, sa-
berá a causa disso.

— Porém eu contava achar-me com esse amigo
de quem ha pouco fallei, na fazenda do Campo
Alegre.

— Deixe essa sua entrevista para outra occasião
e por conseguinte, repito: terá a bondade de acom-
panhar-me ao sitio. Sua vingança ha de ser sa-
tisfeita.

Alfredo não sabia o que objectasse a respeito
Leonardo se exprimia com auctoridade; e, demais
seu character respeitavel era a prova de sua pa-
lavra.

O capitão Duarte não interrompera o dialogo do
velho, julgando em realidade possuir elle a chave
da vida criminosa de Taquaral, e contanto talvez
pulverisal-o dentro de poucos dias.

O entretenimento dessa gente ainda continuava
por algum tempo.

Leonardo e Americo se despediram do capitão
Duarte, com reciproco offercimento de amizade.

Alfredo fôra pois com a familia do nosso bom ve-
lho, acompanhado igualmente de Antonio Marcello.



VII

SUSPEITA DE UM GRANDE CRIME

O Doutor Reginaldo, como sabe o leitor, ficára orientado por Chico Cabaça da denuncia contra Taquaral sobre a martyrisação de seus escravos.

A sós comsigo ideava o modo de ir tudo certificar ao juiz municipal do termo, que era seu collega, para que cessasse o abuso pernicioso do castigo immoderado dos escravos, o que entre alguns fazendeiros já se tornava em um crime que a justiça deveria profligar, dando o exemplo do visconde de Taquaral, a quem a voz publica accusava como máu senhor, alem de haver tambem provas do commettimento de homicidios em sua fazenda.

O honrado advogado pensava depois no servilismo da sociedade, e um receio involuntario vinha-lhe obscurecer a mente, apresentando-lhe diversos obstaculos, que o esmoreciam do seu proposito, vendo um potentado titular irritado, pela sêde de vingança, capaz de praticar o mais gravissimo attentado.



Lastimava, e sua idéa clara e cheia de conhecimentos do estado de nossas cousas, a sorte de seu infeliz paiz, e amaldiçoava o reinado dos mandões, que são os principaes motores das desharmonias sociaes, os que até ensinam mesmo a corrupção.

Tinha pezar de que um homem da laia de Taquaral fosse pelo governo elevado ao grão de grande do imperio. Porém o que fazer-se quando o dinheiro que ennobrece o homem e não a virtude do coração.

Nesta conjunctura o Doutor Reginaldo fôra te com a auctoridade do termo.

O juiz municipal é um moço intelligente; e procurando administrar a justiça com imparcialidade goza por isso de respeito na cidade.

Contando-lhe o advogado o que havia se passado acerca do visconde de Taquaral, o magistrado ficou surpreso, como duvidando que fosse o titular culpado de tão grande crime.

— Não é possível isso, disse elle para Reginaldo. Ha aqui alguma indisposição contra o nosso visconde pelo modo energico com que tem procedido na designação dos Guardas Nacionaes; e assim procederam calumniando-o injustamente...

— Perdão, Sr. Doutor, V. S. ha de concordar commigo, que o visconde de Taquaral tem ruim fama, e que é máu senhor para os escravos.

— Assim se falla. Porém tire-se as provas de todas as suspeitas do povo, e ver-se-ha que a inveja, de altura em que se acha o visconde, é a motivação de semelhantes boatos. Quando se tem obtido uma importancia, como essa de Taquaral, os boatos de



desaffectuados são sempre para desconceitual-o e rebaixal-o perante a opinião publica, Sr. Doutor !

E o magistrado, assim fallando, tirou sua charuteira do bolso e offereceu um charuto ao advogado, que lhe agradeceu, e replicou depois com circumspecção :

— Se V. S. bem aquilatasse o procedimento que esse potentado tem tido para com seus escravos, não acharia motivo para justificar-o de innocente. Proceda-se a uma devassa entre os seus proprios famulos, e conhecer-se-ha que alguma cousa existe para a base da denuncia que me vieram dar particularmente.

O magistrado tendo acendido o charuto ao phosphoro, começou a fuma-lo. E tendo prestado toda a attenção ás palavras de Reginaldo, objectou :

— Hei de indagar, com toda a calma, sobre o que ha em realidade na fazenda do Taquaral. Não supponho o visconde capaz de tão iniquas acções; porém, se todavia um attentado grave alli existe, como por exemplo um castigo immoderado que se tenha applicado ao escravo e de que haja resultado a morte, não tolerarei o crime; e embora esteja altamente collocado, o visconde não será um potentado, mas sim um réo perante a justiça. Porém, torno a dizer: não estou pela idéa de que o nobre visconde seja um delinquente. O governo, se não lhe encontrasse partes distinctas, não o elevaria no catalogo dos grandes do imperio !

— Sr. juiz, replicou gravemente o advogado; os



nossos governos têm sempre o costume de não indagar da capacidade real do individuo: levam-nos pelas primeiras informações. Ellas, ás vezes, são falseadas, e é esse o motivo pelo qual vemos uma parte de nossos titulares tirada dos homens fazendeiros, que, sem os conhecimentos precisos para bem se conduzirem na sociedade, não distinguem a honra na pobreza e apreciam o vicio no homem de dinheiro! E' o que geralmente notamos nestes nosso paiz. O mandão de aldeia, pela sua abastança julga-se superior a tudo; e tendo o vil cortejo de uma sociedade ambiciosa, perverte-se na corrupção dos costumes e assim damnifica a pobre humanidade, que é onde achamos a virtude e a honra. E a humanidade, pois, acha-se offendida por esse titular, de quem tratamos, e cujas provas podemos exhibir a V. S. nos negocios da Guarda Nacional.

— Já lhe disse, senhor Doutor, que a energia do Taquaral é e será o motivo de lhe apparecerem inimigos gratuitos...

— Ah! senhor Doutor! contestou Reginaldo com tom grave, se V. S. presenciasse, como eu, testemunha ocular, o coração de pedra desse homem que não se abalou com as lagrimas da viuva e da esposa afflicta, vendo-lhe sahir o filho, o marido e ficando ella ao desamparo, e antes com o maior requinte se regozijava com o soffrimento de suas pobres victimas, teria necessariamente de acompanhar-me nas idéas que lhe patenteio. Mas ficar-me ha a satisfação de que V. S. ha de ter opportunida-



de bem aquilatar a indole de Taquaral, com quem não posso sympathisar.

O magistrado pareceu dar credito a Reginaldo, e observou com tranquillidade estas palavras :

— Não apoio o crime; e do fundo d'alma lastimo os males do paiz. Se eu achar motivo para uma devassa na fazenda do Taquaral, ella correrá com as formalidades precisas. Hoje mesmo ordenarei para vir á minha presença esse homem que lhe veio denunciar o facto, e cujo nome é...

— Chico Cabaço, atalhou o advogado.

— Chico Cabaço...tomo nota. E o do escravo?

— Gregorio.

— Gregorio... bem, disse o juiz escrevendo esses nomes em um caderninho, que tinha em sua mesa. Reginaldo e o magistrado se achavam em uma sala decentemente mobiliada. Era o logar onde a auctoridade despachava as partes.

E'um moço de 36 annos, mais ou menos, e de semblante respeitavel e sympathicc.

— Folgarei que V. S., na indagação de tão importante negocio, ache motivo para justificar o que acabei de expôr-lhe, e que em consciencia parece-me ser verdadeiro.

— Cumprirei a minha obrigação de juiz, respondeu o magistrado em peremptoria decisão.

E Reginaldo, despedindo-se da auctoridade, retirou-se para casa, indo ter com a sua familia e participando-lhe o occorrido.

Nessa mesma tarde, seriam dez horas mais ou



menos, dous individuos appareceram em casa do advogado.

Este achava-se em seu escriptorio, e escreveu uns papeis relativos á sua profissão.

Sendo esses individuos ahí introduzidos, o Dr. Reginaldo conheceu logo a Chico Cabaço, não sabendo porém quem era o outro companheiro.

O caipira cumprimentando o advogado, disse-lhe

— Senhor Doutor, *vossuncé* não conhece a este meu companheiro ?

— E' a primeira vez que o vejo, respondeu Reginaldo olhando para o individuo.

— Pois é o nhô Miguel, meu visinho lá da roça disse Cabaço batendo no hombro desse individuo.

— Ha alguma novidade, Sr. Chico ?

— Oh ? là, se *hai!* e muito grande, Sr. Doutor exclamou Cabaço rindo-se como em signal de triumpho, e batendo tambem no hombro do honrado bacharel.

— A *coisa* é mesmo grande, ajuntou Miguel, como apatetado por vêr-se em uma sala pintada e mobiliada. O barão das Taquaras está agora na unha do gavião, devéras ! Descobri uma tramaioa, e que não é *bão* fallar !

— Sim?... Pois conte-me isso... conte-me, Sr. Miguel, murmurou Reginaldo com signaes de urbanidade.

— Espere, nhô Miguel, espere... voltou Cabaço chegando-se para Reginaldo; eu conto toda essa *prelenga* do barão... Diabo! agora elle *hai* de pagar com lingua de palmo!



— Vamos lá Sr. Chico.

— Olhe, Sr. Doutor, nhô Miguel deu mesmo no vinte em *pautear* lá na roça com um valentão, que vai fazer uma morte atraz do páu!

— Você, Sr. Chico, falla-me em valentão... em morte... Pois o que é isso?...

— Pois *esculte*, Sr. Doutor.

E Chico Cabaço, pondo o pé direito em cima de uma cadeira, e tirando o seu cigarro de traz da orelha, acendeu-o ao lampeão que estava sobre a mesa, e começando a fumar-o, sem a menor cerimonia, disse cuspiendo de um lado:

— Eu não esperava vir hoje aqui, Sr. Doutor; mas nhô Miguel, que é um *pé de boi*, vai apromptar a cama, lá na gaiola, para o barão, nosso commandante!

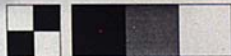
— Explique-se, Sr. Chico, não precisa usar de rodeios para contar essa historia, observou o advogado com impaciencia.

— Pois sim, Sr. Doutor, o *causo é ansim... esculte...*

— Ora, este nhô Chico está mastigando e não sabe contar o *causo* como foi, atalhou Miguel rindo-se. Espere um pouco, *Só* advogado, *vancê* já fica sabendo tim-tim por tim-tim...

E o caipira Miguel, como se se lembrasse de repente de alguma cousa, levou a mão ao bolso de sua calça de algodão tinto, e depois aos bolsos do seu paletot de brim riscado; e acrescentou logo como contrariado:

— Ora esta! *Só* advogado! me esqueceu o pito lá



em casa ! e eu com tanta vontade de pitar ! Por isso não é do *causo*... vamos á historia...

— Sou eu que conto, acudio Chico Cabaço, estando uma densa fumaça pela boca quasi ao rosto de Reginaldo.

— Ora, nhô Chico, *vancé* está fazendo o *causo* muito comprido, e o *Sô* Doutor já está amolado !

— Vejam que a noite está passando, e eu necessito de estar só, porque tenho aqui um papel a concluir.

Então Chico Cabaço, olhando para Reginaldo fallou assim :

— O barão mandou chamar a um caboclo, levando do diabo, que mora d'aqui a sete leguas, lá no meio do mato, para limpar a vida de um velhinho que habita neste termo, e que se chama Leonardo da Silva.

— E esse caboclo é conhecido seu, Sr. Chico ?

— Não é, Sr. Doutor, mas é aqui de nhô Miguel.

— E porque motivo quer elle matar a esse homem ?

— Ora, Sr. Doutor ! porque o barão deseja isso.

— O caboclo não lhe contou a causa pela qual o barão manda fazer a morte ?

— Nhor não, *Sô* Doutor... *Sô* me disse que o barão das Taquaras lhe pagava bastante para elle fazer *coxillar* o velhinho...

— E esse caboclo não tem receio da justiça ?

— Qual receio, Sr. doutor ! Elle contou isso para mim, por saber que eu tambem quero muito má



esse meu commandante, que anda querendo-me' pilhar para mandar para o Paraguay! Esse caboclo é um valentão de *joelho encardido* e *arrota* que já tem limpado alguns pobres!

— Arrotar quer dizer façanhudo, não, Sr. Miguel?

— E' isso mesmo, Sr. Doutor.

— E como se chama elle?

— Tem um nome *estrambotico*, Sr. Doutor; chama-se—o *Sangue de boi*—respondeu Cabaço.

— *Sangue de boi*, Sr. Chico?... pois isso é nome de gente?

— Eu o conheço *ansim* com esse nome, ajuntou Miguel... e lá no mato...

— Agora, *esculte* lá, Sr. Doutor, observou Cabaço, interrompendo a Miguel, *nóts* vamos embora, e o Sr. Doutor amanhã mesmo ha de tratar de fazer a boa cama para o barão e *ansim* elle nos pagará o novo e o velho. Esse *Sangue de boi* é um valentão; porém quando elle vê a escolta da justiça, cheia de trabucos, ha de mollear as pernas!

— Sr. doutor, disse Miguel, recomende bem o nosso commandante. Todo o meu gosto é *vêr elle na casa do Ignacio*!

— E mais o meu, Sr. Doutor!

E os dous caipiras se despediram do Dr. Reginaldo e sahiram.

O advogado ficando só, murmurou comsigo:

— Tomo nota do nome... quem sabe se esse ca-



panga virá auxiliar a perdição do nobre visconde do Taquaral?

E Reginaldo deixou um sorriso de censura assomar-lhe aos labios.

Dahi a pouco fechando a sua sala, foi juntar-se a sua esposa com a idéa do capanga.

— Qu
admirad
panga, t
da justi
um hon
ral?

O leit
Como
acha al
praticar
dões da
esses m
mettend
meditad
quantia,
não lhe
sinistro
os no



bre visconde
ensura as
foi juntar-

VIII

O CAPANGA, A LIBERDADE TRIUMPHA

— Quem é *Sangue de boi*? nos perguntará o leitor, admirado de semelhante nome. E, se é elle um capanga, um assassino, como vive sem ser perseguido da justiça e, contando suas façanhas, tenta fazer um homicídio, ordenado pelo visconde do Taquaral?

O leitor vai ser satisfeito.

Como em toda a parte do nosso paiz o capanga acha altos protectores, e os crimes e horrores que praticam, são quasi sempre determinados pelos mandões das pequenas localidades do interior, vivem esses malvados para o mal da humanidade, commettendo muitas vezes o assassinato, frivolo e premeditado, e recebendo em troco alguma pequena quantia, ajustada com o mandante; a consciencia não lhe remorde ao levar a effeito o attentado sinistro no seio de uma familia honrada, que no



bem estar do lar doméstico, estranha ao bacamarte da traição, não pensa que a existencia de uma pessoa querida e estimada, corre o perigo de uma trama, machinada por um perverso espirito.

Na nossa provincia, benevolo leitor, o capanga mata por profissão. O mandante mesmo, às vezes, torna-se a propria victima do assassino! A questão de dinheiro lhe é tudo. Aquelle que mais paga é o preferido pelo capanga.

Não acham esses malvados tropeço algum para commetterem o homicidio. Nas estradas, no caminho de uma roça, mesmo no povoado, elles se escondem para assestar a arma mortifera sobre a incauta victima!

E se estes máus individuos chegam a ser presos a mais escandalosa protecção apparece para livral-os da punição da lei! Perante o juiz formador da culpa, o dedo de um potentado, por traz de uma cortina, ameaça a testemunha para não jurar a verdade; e o delinquente vai para o tribunal do jury, uma das instituições mais nobres que hoje temos, e que no emtanto é a que nas pequenas localidades do imperio mostra-se viciada; porque a má parte dos nossos juizes de facto, mal soletrando um nome, analphabetos mesmo, não se revestem da imparcialidade precisa para o julgamento de um réo; e não compenetrando-se da altura da sua missão n'esse sanctuario de justiça, prestam o juramento, que tem por base—Deus e a lei—; e no emtanto esse juramento é perjurado, porque o juiz de facto, para proteger o crime, innocente

do homi
tem log
attentad

Isto q
que, par
toda a p

E' ass
minuir c
tidos pel
zomband
infeliz h

O cap
com o c
um valen
a ningu
porque
medo.

Gabara
quaral p
qual a r
proceder

Sangu
errante,
Ninguem
de selva
thera, ma
quantia

Sempre
te mia.

Como
a esse ca



do homicídio, o réo que gozando de sua liberdade tem logo o pensamento da perpetração de um novo attentado!

Isto que avançamos é uma verdade inconcussa que, para os males de nossa patria, se reproduz por toda a parte!

E' assim que da escala do crime não se póde diminuir o numero dos máus cidadãos, que pervertidos pela corrupção social, sem o temor da punição, zombando do poder da auctoridade, accommettem a infeliz humanidade, causando-lhe um grande damno!

O caipira Miguel tivera, em verdade, conversa com o capanga—*Sangue de boi*—Conhecia-o como um valentão; porém nunca se atrevera a fallar delle a ninguém, receiando que lhe fizesse algum mal, porque sua fama como assassino era de incutir medo.

Gabara-se então de que estava ajustado com Taquaral para matar a Leonardo da Silva, ignorando qual a razão que tinha esse potentado para assim proceder.

Sangue de boi não tinha domicilio certo. Vivia errante, levando a morte para onde o chamavam. Ninguem sabia da sua origem. Era uma especie de selvagem, com o instincto sanguinario da panthera, matando por ferocidade e por qualquer pequena quantia!

Sempre armado de trabuco e faca, de nada se temia.

Como é que o visconde de Taquaral conhecia a esse capanga? interrogará o leitor.



Por enquanto não podemos explicar-lhe isso; porém, mais tarde, sua curiosidade será satisfeita, assim como saberá o motivo de ter sido chrismaado esse valentão por *Sangue de boi*.

O Dr. Reginaldo, sempre com a idéa de favorecer a humanidade, logo no dia seguinte, cedo, se dirigiu à casa do juiz municipal para o informar do novo facto, que Miguel e Chico Cabaço vieram patentear na suspeita de ser Taquaral um criminoso.

O magistrado, ao ter conhecimento disso, incomodara-se, e promettera ao advogado, que daria providencias para virem à sua presença esses homens, e dando-se começo ao inquerito seria minuciosa na pesquisa da verdade; visto como tratando-se de um potentado, crearia nelle um vingativo inimigo, por pretender devassar uma vida, em que até então não pensava existir mysterio algum.

Tivera pois occasião de censurar a nossa inconsequente sociedade ácerca da bajulação e obediencia que prestava ella a Taquaral, reconhecendo-o como potentado e como o mais importante dos cidadãos do termo da cidade de ...

Reginaldo tivera o prazer intimo de vêr que suas idéas a respeito do visconde de Taquaral já principiavam a achar echo no espirito do magistrado, e, por conseguinte, retirára-se, certo de que o titular brevemente teria de soffrer sua morte moral, baqueando para jámais erguer-se.

Nesse mesmo dia, quando o honrado advogado no seio de sua bôa familia entretinha-se em conver-



ação domestica, depois de ter fallado alguma cousa a respeito de Taquaral e dos seus desejos de assassinato na pessoa de Leonardo da Silva, um portador, vindo da fazenda do commendador Carlos de Almeida, apresentava a Reginaldo uma carta de Ricardo de Lima.

O honrado Doutor abrindo-a logo, leu o conteúdo della, assim concebido:

« Illm. Sr. Dr. Reginaldo, Depois de respeitosa-
mente apertara a mão de V. S. saudando-o, cumpre-me
participar-lhe um facto importante. Não é estranho
a V. S. o meu sentimento a respeito da humanidade
que soffre e, no proposito em que me achava de
favorecer a escravidão, não desanimei um só ins-
tante n'esse meu desideratum. Depois de muito
lutar, ameaçado mesmo de passar por algumas
amargas decepções, graças ao meu destino, hontem
trumphei nas minhas idéas !

« Um homem inimigo da liberdade do escravo,
algoz como Senhor, cahio vencido pela acção
mais nobre que se possa conhecer !

« Por duas vezes, esse homem ameaçado de uma
morte certa, que seria mesmo instantanea, foi
salvo pelo braço de um velho e generoso escravo,
que esquecendo-se de seus antigos resentimentos,
e não vendo adiante de si o máu Senhor que lhe
fazia esguichar o sangue pelo supplicio do azor-
rague, mas sim uma victima sem defeza, não va-
cillára um momento. O aggressor cahira para um
lado, vencido pela força de uns musculos de ferro,



« que batendo-lhe no peito o fizeram titubear, deixando a victima livre de perigo.

« Porém esta acção tão digna, tão bella, tão humanitaria, não achava nesse instante um agradecimento no peito do Senhor máu ! o escravo ia retirar da presença do Senhor como alheio a grande serviço que acabava de prestar-lhe.

« Não deixei o escravo sahir ; e chamando-o, colloquei perto do Senhor.

« Sendo testemunha do que se havia passado, Deus me deu valor para admoestar ao homem de coração de pedra, que assim desconhecia a gratidão, que devia ser eterna em sua alma, pois que por duas vezes o tinha salvado da morte.

« Exhortai mais a esse deshumano Senhor pelos castigos barbaros que applicava á sua escravatura, e disse-lhe que Deus, em seu tempo, havia de dar-lhe tambem um castigo que o deixaria de rasto, fazendo que sua antiga opulencia lhe passasse pelo espirito como um sonho, e que depois lhe appareceria a realidade da vida, debuxada na figura horrivel e sinistra da desgraça, com seus cabellos irriçados, olhos tórvos e o desespero n'alma!

« A isto tudo, uma tempestade surda e terrivel parecia exterminar o coração do deshumano Senhor.

« Exaltei as qualidades do escravo, que era credor de sua plena liberdade ; elevei sua alma grande, compassiva e cheia de virtudes, e disse que se a sociedade fosse composta de homens desta ordem



o mundo marcharia bem e a honestidade seria acatada.

« Para ajudar-me nessa justa defeza que tomei do escravo, um anjo de Deus veio juntar-se a mim. E esse anjo, com palavras cheias de doçura, ajoelhando-se aos pés de um pai que odiava a liberdade, tivera o auxilio do céo para dirigir ao homem phrases unguidas pela dôr do captivo, ás quaes o verdugo Senhor, não podendo ouvir, como desorientado, não sabia o que respondesse.

« Mas, em um momento de horrivel colera, descarregou-a toda sobre a minha pobre individualidade. Expulsou-me como o causador de males estranhos que lhe tocavam o coração, e que até ahí nunca tinha experimentado. Não dei-me por vencido. E julgando logo que esse coração de pedra tambem poderia ficar amollecido como a cêra, pois nelle já se patenteava algum abalo pela virtude do anjo que lhe tocava o intimo, insisti nas minhas observações, sempre com o pensamento de vencer ao máu Senhor.

« Não podera resistir ás minhas singelas e salutaes objecções; e retirando-se precipitado de minha presença, deixou-me na maior duvida do espirito.

« Mil pensamentos me assaltaram então. Via-me já expulso da fazenda, e ignorando ainda o que teria de me acontecer.

« O anjo acompanhava o pai, como buscando vencer-o na obstinação de sua idéa.

« Uma hora depois, fui chamado para junto



« desse homem. Seu coração de pedra, como se um
« milagre operado pelo céo houvesse transformado,
« comprehendia agora a generosidade e a gratidão!
« O escravo que havia salvado a seu Senhor, ia
« tornar-se um homem livre.

« Como sei que V. S. é um dos apóstolos da liber-
« dade, pela qual trabalha com tanta honra, cabe-
« me por isso mandar-lhe esta carta, que já vai ba-
« tante longa, scientificando-lhe de que pouco ago-
« me resta a fazer para a realisação de meu deside-
« ratum.

« Hontem mesmo, o commendador Carlos de Al-
« meida passou liberdade ao bom escravo João, que
« veio jurar-me obediencia, protestando-me não
« mais deixar-me.

« Perdõe-me V. S. ter tomado o seu tempo na lê-
« tura destas tóscas linhas. Creia na sinceridade e
« alta estima, com que sou De V. S. criado e amigo
« affectuoso, Ricardo de Lima.

« Fazenda do Campo Alegre, 23 de Abril de 1867.
Durante a leitura da carta, o Dr. Reginaldo inter-
rompera-se em alguns topicos para pesar as pala-
vras do joven filho do conselheiro André, admirando
a nobreza de sua alma e a sua logica natural; e
agradecido pela deferencia com que Ricardo o tra-
tava, finalizando a leitura da carta, dirigio-se ao
seu gabinete, e apenas escreveu algumas linhas em
uma folha de papel pequeno, assim dictadas :

« Meu joven amigo,

« Sou grato á generosidade do seu nobre coração.
« Pesei as palavras que me dirigio em sua presen-



da car-
« pelo s-
« corren-
« dador
« entret-
« dade.
« Com
affectuos-
de 1867.
E feci
portador
Alegre.
Dahi
posa e fil-
gabando-
exito de

« da carta. E para justificar-lhe a minha satisfação
« pelo seu bellissimo procedimento, sabbado 27 do
« corrente, pretendo ir á fazenda do Sr. commen-
« dador Almeida, e, então terei muito gosto em nos
« entretermos por algumas horas a bem da liber-
« dade.

« Com muita estima, sou devéras—Seu amigo
« affectuoso.—*Reginaldo Salles*. Cidade, 23 de Abril
« de 1867. »

E fechando a carta, o advogado entregou-a ao
portador, que sem demora partio para o « Campo
Alegre. »

Dahi a pouco, o nosso bom homem, com sua es-
posa e filha, fazia as melhores ausencias de Ricardo,
gabando-se o merecimento desse mancebo no bom
exito de sua idéa.



O CORAÇÃO

Estam
o modo
gára os
por este
Senhor ;

O faze
lina, flze
um de p

Pai Jo
franquez
cumstan
munha,
rando o
sem exp

Roque
zendeiro



O CORAÇÃO DE PEDRA AMOLLECIDO COMO A CÊRA

Estamos em falta para com o benevolo leitor sobre o modo pelo qual o commendador Almeida interrogára os pretos João e Roque ácerca do attentado por este escravo premeditado contra a pessoa de seu Senhor; e portanto cumpre-nos agora oriental-o.

O fazendeiro, em presença de Ricardo e de Carlina, fizera aos escravos as suas perguntas, a cada um de per si.

Pai João Congo, respondendo ao seu Senhor com a franqueza que lhe conhecemos, não occultára circumstancia alguma do facto de que havia sido testemunha, e exprimira-se com toda a firmeza, encarecendo o commendador com o maior respeito, porém sem experimentar abalo em sua alma grande.

Roque olhava torvo para Pai João e para o fazendeiro.



O negro assim dava ainda signaes de odio a seu Senhor.

— Então, maldito escravo! exclamou Almeida raivoso; o que dizes a isto? Querias assassinar-me!

O preto não respondêra; mas fizera uma visagem ao commendador, e rira-se com desdem.

— Falla, negro amaldiçoado! quando não, te mandarei para a escada!

Pai João olhava para o parceiro.

— Para que eu ha de mentir? eu quiz matar Senhor mesmo!

— Ah! diabo! vociferou Almeida como fóra de Ricardo e Carlina trocaram uma vista significativa em prol de Pai João.

— Se não fosse Pai João, Senhor já estava em bairrada terra, resmungava Roque sem receio do fazendeiro e cheio de calma.

— Que cynismo do escravo! dissera Ricardo para o commendador.

— E porque querias matar-me, malvado?

— Porque Senhor é muito ruim para seus capitivos.

— E sabes qual o castigo que te está reservado?

O negro encolheu os hombros e nada disse.

— Tu não tens medo de mim, escravo?

— Negro não tem medo de Senhor ruim. Pôde matar-me de *vacathá*. Mas negro também tem coração máu para vingar-se do Senhor!

Pai João cravára os olhos no rosto de Roque, como que em silencio reprehendêra-lhe o atrevimento.



Roque porém com isso não se importára e retrucára :

— Senhor máu um dia ha de pagar!

E o preto fizera pelo semblante um como solemne protesto de vingança, que machinára em sua mente rancorosa.

— Tu ameaça a teu Senhorio, parceiro? disse Pai João, medindo a Roque.

— Negro, já disse, não tem medo de Senhor ruim.

Almeida não pudera conter os seus furores contra o cynico escravo, que o encarava com terrivel e sinistro aspecto.

E avançando-se para elle com as mãos fechadas, ia descarregar-lhe alguns soccos ao peito ; mas com destreza, impossivel de imaginar-se então, uma pequena faca bem afiada e de ponta aguda appareceu na mão direita de Roque, que ia craval-a no coração do commendador, quando, com a velocidade do pensamento, Pai João tomando o punho do escravo evitára de fazer uma victima na pessoa de seu Senhor. Depois disto, dando-lhe um grande murro sobre o coração, o fizera cambalear para um lado.

Almeida, Ricardo e Carlina, deram ao mesmo tempo um grito de espanto.

O fazendeiro recuára, e o mancebo chegando-se perto de Pai João, com o semblante tomado de susto e alegria, apertára com affecto sincero a mão callosa do pobre escravo, que pela segunda vez acabava de livrar a seu Senhor de uma morte certa.



O preto Roque, ainda com a faca na mão, pretendia aggre-dir de novo ao titular; porém Pai João o ob-s-tára de fazel-o, tomando-lhe com força a arma que atirára para um lado.

Depois do que, apertando com punhos de ferro os braços de Roque, observára tranquillo, olhando para o commendador.

— Negro fez um grande crime; quiz matar a Senhorio; elle está aqui preso; Senhorio sabe o que ha de fazer delle.

Almeida, passados os primeiros instantes do seu susto, como que não experimentára em seu coração de pedra o choque da bella e generosa acção praticada pelo escravo, que tanto havia padecido em seu poder, e que era o seu salvador; dando no emtanto credito ao primeiro accommetimento de Roque, facto que havia posto em duvida, e que se certifi-cára pelo interrogatorio feito ao proprio aggressor.

E encarando o semblante do bom e generoso escravo, murmurou com agitação nervosa:

— Leva dahi esse maldito negro! Se tu, João, o deixares escapar, m'o pagarás!

Pai João ia retirar-se, porém Ricardo isso não consentira. Chamára-o para perto do Senhor.

Desnecessario é reproduzirmos ao leitor aquillo de que já está ao facto pelo conteúdo da carta escripta pelo mancebo ao Doutor Reginaldo.

Fôram tão fortes as considerações apresentadas pelo joven em favor das boas qualidades do escravo João; tão terrivel havia sido a figura que tinha feito da maldade do fazendeiro no castigo de seus

escravos.
que o ce
tal-as se
nha revo

Ricard
berdade

Carlina
se fosse
Almeida,
zando de
cahir-lhe
saber o q

Mas, o
descarre
bates qu

Almei
cardo e s
em voz
Roque á

Carlina

Pai Jo

Pelo p
acomme
para o
commen
alguma
os dese
essa lut
vencer a
do Alme



escravos, dizendo que lhe viria a desgraça do céu, que o commendador Almeida não pudera supportal-as sem que em sua alma se passasse uma estranha revolução.

Ricardo pois insistira com o fazendeiro pela liberdade do bom escravo, da qual era credor.

Carlina o ajudára com a sua palavra macia, como se fosse unvida pela bondade de Deus; então Almeida, embora pai de coração duro, e não gozando dessa doçura d'alma sensível, vendo a filha cahir-lhe de joelhos aos pés, ficára perplexo sem saber o que fizesse.

Mas, de repente, sua colera subira de ponto e a descarregára sobre Ricardo, como a causa dos embates que se passavam em sua alma.

Almeida ficára vencido pela tenacidade de Ricardo e se retirára da presença do joven, ordenando em voz convulsa a João, que recolhesse o escravo Roque á prisão da fazenda.

Carlina acompanhára o pai.

Pai João levára Roque á prisão dos escravos.

Pelo pensamento de Ricardo mil idéas de tropel o accommetteram, sem que entre ellas surgisse uma para o tranquillisar. Julgára com firmeza que o commendador, agitado como se achava, buscaria alguma vingança contra elle, para assim satisfazer os desejos de seu coração de pedra, que soffrendo essa luta da consciencia, em que o espirito tentava vencer a materia, parecia no emtanto, ter subjugado Almeida.



E de facto o espirito tinha vencido a materia. O coração empedernido do commendador tinha-se amolecido como a cêra. A acção humanitaria, generosa e grande, praticada pelo escravo, havia-lhe fallado n'alma à gratidão.

Ricardo sendo introduzido no gabinete, onde se achavam o fazendeiro e sua filha, dissera-lhe este com gravidade, porém, ainda um tanto agitado:

— O Senhor Ricardo venceu-me pela força de sua palavra! Os remorsos da consciencia triumpharam da dureza do coração! Esse negro, que acaba de livrar-me da morte, de hoje em diante já não é escravo, e livre se acha para seguir o seu destino!

— Ah! Senhor commendador! quão bello é o seu procedimento! O preto João possui uma alma nobre e digna de ser admirada! homem livre, será um excellento membro da sociedade!

— Em nome do céo, agradeço a papai o beneficio que faz ao Pai João!... E' tão bom escravo! quanto meu coração se regozija!...

E Carlina assim fallando, com a alegria no bello semblante, e o sorriso nos labios de coral, chegára-se para seu pai e o beijára, transportada de amor filial.

O commendador sentira um estremecimento de sensibilidade ao contacto puro dos humidos labios do anjo, que por essa fórma dava copia fiel da ingenuidade e doçura de sua alma, abençoando com esse beijo da innocencia o acto humanitario de seu pai, reconhecêra que o grande serviço feito por Pai João que, generoso como era, se mostrára indifferente



como se não tivesse praticado bem algum a seu Senhor.

Ricardo sentia-se feliz vendo que o commendador Almeida já não era aquelle homem de coração de pedra, que tanto o fizera pensar para o bom exito de seu desideratum; e que tambem como uma barreira de bronze se antepunha á sua idéa nos sonhos de amor pela formosa menina, amor que guardava nos seios de sua alma, como um symbolo sagrado, que o fazia arrebatado, quando a imagem de vaporoso encanto lhe vinha tomar a mente nas horas do seu remanso.

O mancebo augurava, da realidade que presenciava, que estava o caminho aberto para a regeneração do fazendeiro; e que ella, permittida pelo céo, lhe vinha abrir margem para a consecução do que almejava no bem da triste e soffredora humanidade.

E pois exultava em seu compassivo coração.

— Senhor Ricardo, dissera Almeida em tom de amizade, e com certa expressão no semblante, que não lhe era natural; hoje mesmo passe essa carta de liberdade ao escravo João Congo...

— Ah! meu papai! exclamava Carlina com jubilo, corro a levar a noticia ao Pai João! como não ficará contente!

— Senhor commendador, dissera Ricardo, tomando a mão do fazendeiro; de toda a minha alma, em nome de Deus Omnipotente, agradeço-lhe esta prova de sensibilidade!

Carlina sahira apressada.



Ricardo a seguira.

A esposa do commendador viera depois a saber o motivo da alegria de sua filha. Pouco se tinha ella importado com o procedimento nobre do escravo, que fôra o salvador de seu Senhor.

Pai João tinha cumprido as ordens de seu Senhor, levando para a prisão o escravo Roque, agoureiro de tentativa de homicidio.

Essa prisão consistia n'um tronco, em que se prendia com cordas os pulsos do delinquente.

Apezar de estar Roque assim seguro, João, como providente, não o deixára. Aguardava ainda novas ordens do commendador.

A scena do interrogatorio havia-se dado na sala do interior da casa, e a esse interrogatorio, á excepção da familia de Almeida e de Ricardo, escravo algum havia assistido.

Assim, o facto da tentativa commettida pelo escravo Roque não se tinha propalado entre os outros negros da fazenda.

— Alviçaras! alviçaras, Pai João! gritára a bella donzella, com os bellos olhos nadando no crystal das suas lagrimas; olha estou chorando de prazer!

— Oh! oh! dissera o negro espantado e com um sorriso de duvida. Pois que é isso, Sinhásinha! Preto velho quer tambem chorar sem saber porque que!...

— E' a tua liberdade, Pai João! a tua liberdade!

— Ah! Sinhásinha! Preto teve o perdão de seu Senhor! devéras isso, Sinhásinha?...



— Perdão? tiveste a tua liberdade pela boa acção que praticaste, livrando a papai da morte!

— Preto está contente agora! Senhorio lhe deu sua liberdade!

— E hoje mesmo terás a tua carta...

— Ah! Sinhásinha! Preto está com o coração *tique-taque tique-taque!* Preto vai ser homem livre! mas por vontade de Senhorio, preto velho ficaria sempre no cativeiro!

— Tens razão, Pai João... Foi o Senhor Ricardo, que conseguiu a tua liberdade...

— E Sinhásinha também trabalhou... oh! Preto velho está vendo nos olhos de Sinhásinha tudo, tudo...

E Pai João, assim reflectindo, encarou a doce e eterna Carlina, deixando que a sua alma se encarnasse reconhecida no espelho de sua physionomia.

O pobre negro como que via-se em outra situação, que lhe era estranha; mas que no entanto arrebatava o seu espirito até o seio do Creador, fazendo-o murmurar silencioso uma prece ungida de religiosa obrigação; por isso que cahira de joelhos aos pés da donzella, dizendo-lhe com emoção:

— Deus do céo! Preto forro será captivo sempre de Sinhásinha!

Nesse interim chegára Ricardo.

O preto erguêra-se todo agitado, indo ao encontro do joven, e abraçando-lhe as pernas exclamára:



— Ah! Senhor Ricardo! Preto velho não pôde fallar o que coração quer! Preto é seu captivo em quanto vivo fôr!

— Ah! Pai João! Pai João! que gosto que sinto n'alma em ver-te livre!... Sim, és um homem livre!

Hora
Pai João
mendade
Era á
O faz
casa.
Ricardo
Pai João
feito, po
Senhor.
— Ver
— Já,
— E :
neficio?
— Sim
Sinhásim



não pôde
captivo em

que sinto
nem livre!

X

TRANSFORMAÇÃO DE CARACTER

Hora depois da scena que acabamos de descrever, Pai João havia sido chamado á presença do commendador Almeida.

Era á tardinha.

O fazendeiro e sua familia estavam no salão da casa.

Ricardo ahi tambem se achava.

Pai João estava calmo e com o semblante satisfeito, porém cheio de respeito para com seu ex-Senhor.

— Vem cá, João, já sabes que és livre?

— Já, *minha* Senhorio.

— E sabes tambem quem trabalhou em teu beneficio?

— Sim, *minha* Senhorio. Foi o Sr. Ricardo com Sinhásinha.



Almeida então, com um modo differente daquelle que lhe era habitual, como se tivesse trocado seu coração soberbo por um coração sensível, tirando um papel dobrado do bolso do seu paletot, apresentou-o a Pai João, dizendo-lhe :

— E' a tua carta de liberdade. De hoje em diante nesta fazenda, tu serás um homem livre. Acabou-se a tua escravidão. Muito padeceste em verdade no teu captiveiro; mas para compensar-te disso, eu te darei algum dinheiro, e viverás senhor de tuas acções.

Pai João não pôde supportar estas palavras do commendador a olhos enxutos. As lagrimas de seu nobre coração vieram-lhe regar suas venerandas faces, fazendo enternecer a Ricardo e Carlina, que sentados perto de Almeida contemplavam em silencio esse colloquio.

O preto tomando a carta, ajoelhou-se e beijou a mão de seu ex-Senhor, deixando cahir nella as lagrimas tepidas da gratidão, que lhe commovia a alma. Depois disse :

— Preto velho, *minha* Senhorio, recebe sua liberdade; mas dinheiro, preto não quer.

— Bom coração! murmurou Ricardo para a donzella com transporte sentimental.

— E bem poucos o imitarão! respondeu Carlina, limpando uma lagrima com seu lençinho branco.

— Ah! observou Almeida encarando o negro; tu desprezas o dinheiro?

— Para que dinheiro, *minha* Senhorio? Preto quando quizer dinheiro tem mãos para trabalhar.

Liberdade
muito; p

Pai João
dous jo

— E
fazende

— Pr

— Na

— Pr
sinha.

— V
objecto

— E'
pondeu

Pai J
zer-lhe

gando o
desejo o

pondeu
palavra

Ricard

— A
em o r

uma co

— O

— O
matar-

— P
tigar c

— E



Liberdade que Senhorio deu a preto velho, já é muito; preto não quer mais nada.

Pai João olhava cheio de reconhecimento para os dous jovens.

— E tu ficas aqui na fazenda, João? perguntou o fazendeiro sem zangar-se.

— Preto velho fica sempre captivo de Sinhásinha.

— Não te entendo.

— Preto em quanto vivo fôr, não deixa Sinhásinha.

— Vê lá, menina, quanto este negro te estima! objectou Almeida olhando para a filha.

— E' porque sua alma é reconhecida, papai, respondeu a donzella com sorriso de satisfação.

Pai João olhou para Ricardo, como querendo dizer-lhe que igualmente seria seu captivo; mas julgando que commetteria uma falta em manifestar seu desejo da união futura do joven com a menina, suspendeu o seu pensamento, não manifestando-o pela palavra.

Ricardo comprehendéra isso no mesmo momento.

— Agora, João, reflectio o commendador, sempre em o mesmo tom de calma, desejo que me digas uma cousa...

— O que, *minha* Senhorio?

— O que devo fazer do maldito negro que quiz matar-me?

— Preto entende que Senhorio não o deve castigar com o *bacalhu*...

— E porque não o devo castigar?



— Senhorio não erra em mandar preto Roque para a justiça lá na cidade...

Ricardo olhou para Carlina.

— Sim, *minha* Senhorio. Preto velho entende que quando algum captivo ameaçar Senhorio, assim como Roque, elle não deve tomar *vacalhu*; é criminoso e Senhorio não tem direito de castigar...

— O que diz a isto, Sr. Ricardo?

— Opino pela idéa de Pai João, Sr. commendador. V. S. dará assim um bello exemplo, moralizando a sua escravatura.

— Acho razoavel isso. Para o negro Roque não haveria castigo corporal que o punisse do seu attento. Só com a sua morte eu poderia satisfazer-me... porém...

E o fazendeiro interrompeu a phrase e como que pensou um instante.

Depois ajuntou:

— Porém já não penso como hoje cedo, e, máo grado meu, sinto o coração mudado. Este facto extraordinario, que me faz vacillar na sua origem, me assalta a mente desorientando-a... mas seguirei a opinião de João.

Vou mandar o negro criminoso para o delegado do termo, com os precisos esclarecimentos. Puna-o a justiça já que não tenho forças para isso!

E, assim ponderando, o commendador olhou para Ricardo, que lhe reflectio:

— Acho prudente mandal-o já para a cidade.

— E' mais acertado, contestou Almeida, participar primeiramente o facto à auctoridade. Ella que

providen
criminoso
e portan

— Pen
disse pai
ahi solda
nhorio, c

— Ness
mendado:
amanhã,
policia.

— Cun
Carlina
folheava
cima da
sentado

— E' h
cadeira,

negros a
o que hav

— Pre
mandar a

E vira
sorrindo:

— Olhe
minoso!

O negr
seu ex-S

— *Mim*
tem toda
OS HOM



providencie sobre o melhor modo de levar o criminoso. Há lá na cidade um destacamento policial, e portanto...

— Pensamento de Senhorio é bom, Sr. Ricardo, disse pai João gravemente. Negro, na fazenda, vendo ahí soldado, fica com medo e não faz mal a Senhorio, olhando que preto Roque vai para a cadeia.

— Nesse caso, Sr. Ricardo, murmurou o commendador, aprompte hoje a participação para amanhã, de madrugada, remetter ao delegado de policia.

— Cumprirei a sua ordem, Sr. commendador.

Carlina, enquanto seu pai fallava com Pai João, folheava um livro de geographia que estava em cima da mesa redonda, junto da qual se tinha sentado.

— E' bom, papai, disse ella, levantando-se da cadeira, virem os soldados para levar Roque. Se os negros aqui da fazenda o levassem, quem sabe lá o que haveria?

— Prevendo isso mesmo, menina, é que vou mandar a participação para o juiz.

E virando-se para Pai João, Almeida ajuntou sorrindo:

— Olhe lá, Sr. João! em suas mãos fica o criminoso!

O negro ficou como atarantado assim ouvindo a seu ex-Senhor, e respondeu:

— *Minha* Senhorio, fica socegado. Preto velho tem toda a cautela com Roque.



Dahi a pouco, Ricardo escrevia a parte circumstanciada do facto acontecido.

Carlina tinha ido tudo communicar a sua mãe, que não tivera a curiosidade de assistir á scena da liberdade de Pai João.

Este tinha ido fazer guarda ao preso. O commendador Almeida passeava pelo salão como parafusando.

Já dissemos ao leitor, em um dos capitulos deste romance, que Pai João, apezar de velho, era um negro de força. Assim, elle só, prendêra a Roque e o puzera no tronco.

O negro máu nem uma palavra dirigia a Pai João. Estava porém com grande raiva no coração.

Não surprenderá ao leitor a metamorphose operada no espirito do commendador. Tão importante era o assumpto, que o titular não o pudera banir da idéa. Quizera desconhecer o beneficio que lhe prestára o escravo, porém para isso seu coração lutará com a consciencia, e esta sahira triumphante, dando abrigo á virtude e repellindo o máu instincto, que embalava tentava superal-a.

Até então, Almeida não achára luz para bem guiar-se nas escabrosidades do pensamento. Mas, tendo-a encontrado, nesse mesmo instante medio a grande differença que havia. Transformára-lhe o mundo da escravidão. Já o olhava com humanidade, e compenetrava-se de seu soffrimento. E por este motivo, com o toque que experimentára n'alma, reconhecêra a grande obrigação que devia a seu velho escravo, e que só o recompensaria dando-lhe

a liber
facto o

Para
do futu
como u
haviam

A's s
mendad
jardim.

A der
menso
atravéz
toresca

Fazia
Deus n
de suas
como as
cujos se
do Crea

Almei
das mat
seus esc
flores q
tendo o

Algun
jardim.

— O
beça, dis

— E'
cido, e
á minha



a liberdade, liberdade que effectuára, como está ao facto o leitor.

Para Ricardo e Carlina, era isso o sonho dourado do futuro, que lhe vinha sorrir nos seios d'alma, como uma promessa de terna alliança, a elles que haviam sido os motores de tão proficua obra.

A's seis horas da manhã do dia seguinte, o commendador Almeida passeava solitario por seu bonito jardim.

A densa cerração que fazia, era como um immenso lençol de gaze, que mal deixava vêr-se através as sombras das montanhas em redor da pittoresca vista do—Campo Alegre.

Fazia frio. Os passarinhos, como que louvando a Deus nas alturas do céu, desprendiam os mysterios de suas melodias, doçuras de uma poesia infinda, como as dulias dos serafins e das harpas eolicas, e cujos sons pelo espaço se esvahindo, lá iam ao seio do Creador.

Almeida, nada vendo ao longe senão essas sombras das mattas e de seu grande cafezal, no qual os seus escravos apanhavam os fructos, olhava para as flores que sorriam no viço de sua belleza, como que tendo o espirito incommodado por alguma idéa.

Alguns instantes depois, Ricardo chegava ao jardim.

— O sereno, Sr. commendador, molha-lhe a cabeça, disse o moço bondosamente.

— E'-me salutar isso. Tinha o cerebro escandecido, e busquei este logar para dar tranquillidade á minha alma.



- Então, V. S. passou mal a noite?
- Uma idéa não deixou-me...
- A respeito da escravidão, Sr. commendador?
- Aquellas palavras que o Sr. Ricardo me fallou hontem, muito me têm feito parafusar, respondeu Almeida em tom grave. Em verdade, hoje reconheço a dureza de meu coração.

O supplicio do escravo, para mim, era como um bello espectáculo que eu apreciava. Vêr correr o sangue do captivo, ouvir os seus gemidos e as torturas por que passava : isso tudo não me tocava a alma, e o meu prazer era prolongar o padecimento de um negro, que me desafiava as iras ! Hoje, porém, enxergo a profundeza do abysmo em que se achava o meu espirito e horroriso-me ! Eu não tinha alma, nem entranhas ! Esse preto João, que tanto soffreu no captiveiro, foi a luz que me veio dissipar as trevas do pensamento. João tirou-me pois do inferno para fazer-me reconhecer a bondade do céo. Existe agora em outro mundo, que até então me era estranho. Sinto-me outro homem, Sr. Ricardo !

E o fazendeiro encarou o mancebo com certa expressão da physionomia, que patenteava a sinceridade do que em realidade se dava em sua alma.

Ricardo, cheio de regozijo por vêr quasi completo o seu desejo no bem da escravidão, observou tambem com gravidade :

— Bemdigo a Deus Omnipotente por ter-lhe dado, Sr. commendador, essa luz para o espirito. V. S. permitta-me a franqueza : minha alma apertava-se amargurada ao pensar nos supplicios de seus es-

cravos, e
nidade
cumbia
nario, qu
rasgar as
o sangue

— E o
máu ! por
hombro
porque
tranhas,
minosa.
para a ci

— A's
— João
— João
— Que
— Um
— Hei

Uma r
para seu

— Ago
o café,
Elles ha

Senhor

— V.

— Fal

cardo !

E o jov
fazendei
Almei



cravos, e, a sós commigo, lastimava a infeliz humanidade que, não tendo poder contra o algoz, succumbia como victima innocente do homem sanguinario, que com o coração da panthera se divertia em rasgar as carnes do captivo para vêr-lhe esguichar o sangue!

— E o Sr. Ricardo venceu o meu character duro e máu! ponderou Almeida, batendo familiarmente no hombro do joven. Ora bem, mudemos de conversa, porque sinto ainda alguma revolta cá pelas entranhas, que parece-me accusar a consciencia criminosa. Diga-me: a que horas partio o portador para a cidade?

— A's cinco da manhã, Sr. commendador.

— João guardaria toda a noite o criminoso?

— João e Roberto foram os seus guardas.

— Que tal acha a Roberto?

— Um excellente escravo, Sr. commendador.

— Hei de recompensal-o em tempo.

Uma mucama viera nesse momento trazer café para seu senhor e Ricardo.

— Agora, Sr. Ricardo, disse o fazendeiro tomando o café, vou ser outro senhor para meus escravos. Elles hão de ter em mim um amigo e não o máu Senhorio...

— V. S. falla a verdade, Sr. commendador?

— Fallo-lhe com o coração nas mãos, Sr. Ricardo!

E o joven, no extase de sua alma, tomou a mão do fazendeiro e apertou-a com effusão.

Almeida já não era aquelle homem soberbo e



arrogante, que o leitor conhece; mas sim uma cópia do homem sisudo e circumspecto, não tendo no semblante essa altivez propria da fatuidade, e que era o seu caracteristico, coadunando isso mui bem com o seu typo todo especial.

— Vamos, Sr. Ricardo, disse elle dando a chavena que tinha na mão á mucama; vamos lá no terreiro vêr o café que se acha colhido. Depois iremos vêr o meu inimigo.

— Vamos, Sr. commendador.

Voltem
dencias p
tinham d
Visconde
mado ao l

No dia e
Chico Cab
Reginal
relatado a
que, rest
um summ
titular e

O magi
a lingua
que lhes
provincia

Nesse
escrivão



ma cópia
tendo no
de, e que
mui bem

lo a cha-
nos lá no
o. Depois

XI

INSOLENCIA DE TAQUARAL

Voltemos agora á justiça. Esta dera suas providencias para o inquerito das testemunhas que tinham de ferir a reputação do nosso potentado—Visconde do Taquaral, conforme haviam ellas affirmado ao Dr. Reginaldo, como sabe o leitor.

No dia designado pela auctoridade, compareceram Chico Cabaço e o caipira Miguel á presença do juiz.

Reginaldo assistira aos interrogatorios ; e o facto relatado ao advogado fôra confirmado á auctoridade que, resumindo tudo a auto, dava assim começo a um summario no qual teria de figurar como réo um titular e grande do imperio !

O magistrado, debaixo de sua sisudez, apreciava a linguagem baixa dos dous caipiras, nessa gíria que lhes é peculiar, e que no interior de nossa provincia é tão conhecida.

Nesse mesmo dia o juiz municipal ordenára ao escrivão do seu juizo que fosse ou mandasse intimar



a Taquaral afim de apresentar á justiça o escravo Gregorio, para aclarar o factó relatado pelos dous caipiras.

O escrivão cumprira a determinação de seu superior. Fôra elle proprio intimar a Taquaral.

Voltando já á noite da fazenda do potentado, se dirigira immediatamente para a casa da auctoridade.

O juiz sorprendêra-se vendo o susto debuxado no semblante do funcionario.

O magistrado estava em sua sala, e tinha nas mãos uns autos que estudava para sentencial-os.

Um lampeão de kerosene aclarava essa sala.

— O que temos, Senhor Andrade ? perguntou elle largando dos autos e olhando para o escrivão.

— Fui pessoalmente intimar o visconde do Taquaral, Sr. Doutor... mas antes me deixasse ficar em casa...

— E porque ?

— Porque esse figurão insultou-me, Sr. Dr. !

— Ah ! insultou-lhe ? e o que disse ?

— Improperios, Sr. Doutor ! Mas, V.S. teve maior partilha nesses insultos...

— Sim ?...

— E' verdade, Senhor juiz ! Disse-me positivamente que o escravo Gregorio não viria a juizo, e que hoje mesmo elle Taquaral teria tambem de vir tomar-lhe uma satisfação pela ousadia e desrespeito á sua alta dignidade de visconde !

— Então, vem esse homem á minha presença !...

— Dou um conselho muito fraco a V.S....

— Qual ?

— V. S. trazer a V. S. ten haver alg sua energia

— Ponha a respeito

— O que em realidade

pouco se escravo a

lo, irrita risar... t

teceu ; e, rei-me do

pacidade e

E o escr tanto ner ahi estive

O magi nada resp

que pensa

O escri com os b

peitoso pa

Este en

alto, chei decentem

ligencia.

— Senh os nome



— V. S. deve estar prevenido. O visconde pôde trazer algum capanga, e assim é preciso cautela... V. S. tenha os policiaes ao seu dispôr e, no caso de haver algum insulto á sua auctoridade, faça valer a sua energia...

— Pondera bem, Senhor Andrade. E o que pensa a respeito desse homem ?

— O que penso, Sr. Doutor ! Taquaral me parece em realidade um criminoso... se elle fosse innocente, pouco se importaria com o comparecimento do seu escravo a juizo. Se V. S. visse os seus modos, tremulo, irritado, e fazendo mil ameaças de tudo pulverisar... teria de recuar espantado, como me aconteceu ; e, em um momento de oportunidade, retirei-me do iracundo titular, que eu julgava com capacidade de mandar-me dar alguma sóva !

E o escrivão, ao proferir estas palavras, rio-se um tanto nervoso ainda, como se a figura de Taquaral ahi estivesse para o intimidar.

O magistrado deu alguns passos pela sala, sem nada responder ao empregado publico. Elle como que pensava.

O escrivão, tambem de sua parte, junto á mesa, com os braços cruzados sobre o peito, olhava respeitoso para o seu juiz.

Este empregado é homem de cincoenta annos, alto, cheio de corpo, calvo, de physionomia regular e decentemente trajado. Mostra ter alguma intelligencia.

— Senhor Andrade, disse o magistrado grave-



mente, ordeno-lhe que por enquanto não se retire desta casa.

— Obediente ás ordens de V. S. Porém, Senhor Doutor, não será melhor termos aqui à mão ao menos dous policiaes?

O juiz pensou ainda alguns segundos.

— Vá de presa à cadeia, Sr. Andrade, e diga ao commandante do destacamento que me mande dous policiaes.

O escrivão ou fosse por temor ou por submissão à auctoridade, tomando o seu chapéo, sahio a passos largos para a rua.

— Não julgo ao visconde capaz de faltar-me o respeito; porém, se a sua audacia a tanto chegar, sua dignidade de grande do imperio não me tolherá de o perseguir e de rebaixal-o perante a opinião publica! Não duvido de Andrade. Tem sido para mim um empregado de confiança; mas os nossos figurões de hoje olham para esta classe de funcionarios com desprezo, julgando-os vampiros dos demandistas, e como taes aptos para receberem o insulto e o supportarem com cobardia, não tendo a coragem para o desforço; e dest'arte, igualmente, Taquaral trataria o meu empregado só pelo prazer de o amofinar, e elle então...

O juiz não acabou o sentido de sua oração; porque nesse momento ouviu tropél de animaes à sua porta.

Elle, involuntariamente, sentio um abalo no coração pensando nas iras do visconde.

Uma r
dizendo

— Não
O juiz
alto:

— Está
E chega
com o tito

do em um
çando bot
Taquar
um home
cia estar
porta da

A aucto
tado fóra

— Entã
irritado;
citar por
seu juizo
essa? pois
grande t
peitado?..

— Senh
gravidade
se provar.

— Den
quem?

— De d
Ex. pela



Uma voz arrogante fallou no corredor da casa, dizendo:

— Não estará em casa este homem ?

O juiz conhecendo a voz de Taquaral, respondeu alto:

— Está, Senhor visconde! V. Ex. póde entrar.

E chegando-se á porta de sua sala, encontrou-se com o titular, que sem tirar o seu chapéo, embuçado em um cavour, com um chicotinho na mão e calçando botas pretas envernizadas, foi entrando.

Taquaral vinha acompanhado do seu pagem e de um homem vestido de ponche e descalço, que parecia estar munido de um clavinote; estes pararam á porta da rua.

A auctoridade antes de dirigir a palavra ao potente fôra até essa porta e tudo vira.

— Então, Senhor Doutor, resmoneou Taquaral irritado; que historia é essa de V. S. ? mandar-me citar por aquelle *quidam* para fazer comparecer em seu juizo o meu escravo Gregorio? que tramoia é essa? pois eu sou algum brinquedo de alguém? eu, grande titular do imperio, ser assim desrespeitado?...

— Senhor visconde, ponderou o magistrado com gravidade; pesa sobre V. Ex. uma denuncia, que se se provar...

— Denuncia? ora essa, Senhor Doutor! e de quem?

— De duas pessoas que, talvez desaffectedas de V. Ex. pela designação da G. Nacional, quizessem



tomar a vingança, vindo-me denunciar importantes factos passados em sua fazenda...

— E o que tem o Senhor Doutor com essa denuncia?

— O que tenho, pergunta-me V. Ex.?

— Sim, homem!

— Pois não tenho um dever religioso de fazer com que o sanctuario da justiça seja respeitado? Se V. Ex. praticando um grave attentado (o que não posso admittir) não fôr punido, que exemplo dará o executor da lei ao povo baixo, que é onde se encontra o crime em maior escala?

— E em que se baseia a accusação? inquirio o potentado com riso de raiva.

— Em que V. Ex., nos castigos que manda applicar a seus escravos, tem sido immoderado, e que disso já tem resultado a morte de alguns negros...

— E elles a quem pertencem, Senhor Doutor?

— Porque falla-me assim V. Ex.?

— Se desses castigos morrem os meus escravos, ninguém senão eu os perde, e, portanto, não devo dar satisfações á auctoridade por aquillo que nada tem com a sua justiça.

O magistrado olhou para o titular como admirado, e observou:

— Então, porque V. Ex. é proprietario dessa misera gente, e a comprou com o seu dinheiro, segue-se que a lei não o póde punir de um homicidio?

— Já lhe disse, Senhor Doutor, que a este respeito satisfação alguma cumpre-me dar-lhe!



E Taquaral deu alguns passos pela sala, sacudindo o chicote como em desprezo á auctoridade.

— Pelos modos com que V. Ex. se manifesta, dá indícios de que essa denuncia, que me deram, tem algum fundo de verdade !

— Tenho castigado os meus captivos, e se alguns têm fallecido, isso não é de sua competência, Sr. Doutor. Um homem collocado nas minhas alturas não deve comparecer perante o juiz para prestar-lhe obediencia sobre o castigo de escravos...

— Confessa então V. Ex. que...

— Que, Senhor Doutor, não tem o direito de interrogar-me, e nem tão pouco em mandar buscar á minha fazenda escravo algum para as suas indagações...

E Taquaral passeava pela sala, sempre agitando o chicote.

O juiz municipal portava-se com dignidade, sem curvar-se ao titular e só buscando o ensejo de colher a prova verdadeira do proprio criminoso.

E assim, replicou :

— Não negue-me V. Ex. o direito que tenho para, se preciso fôr, correr uma devassa entre a sua escravatura para o descobrimento da verdade. Esse negro Gregorio ha de vir á minha presença...

—O escravo Gregorio vir á sua presença, Sr. Doutor? dessa está S. S. livre !

E Taquaral rio-se com ar de mófa.

— V. Ex. julga-me algum inspector de quartelão, e que neste caracter devo abaixar-lhe a cabeça, como potentado deste logar... engana-se Senhor



visconde. Se V. Ex. fôr em verdade criminoso, a espada da justiça não o respeitará na sua nobreza!

— E eu o desafio a isso, Sr. Doutor! respondeu o fazendeiro, fazendo uma ameaça com o chicote.

— V. Ex. ameaça-me? inquire o juiz cravando um olhar severo sobre o seu interlocutor.

— Torno a repetir-lhe, Senhor Doutor: não virá aqui o preto Gregorio e nem outro qualquer da minha fazenda. Não tenho o menor receio da sua justiça... Para cegar-lhe a vista tenho bastante ouro, e aos punhados que posso atirar-lhe!

E uma como acção de insulto foi pelo titular commetida quasi tocando com o chicote o rosto do magistrado.

— Senhor visconde! Senhor visconde! disse o moço irritado. V. Ex. insulta-me, e...

— Quando quizer divertir-se commigo, vá á minha fazenda do Taquaral. Sou potentado, como sabe, e o potentado não se teme da lei!

— Senhor! Senhor! respondeu o juiz como fôra de si.

Nesse interim Andrade, entrava na sala.

— Oh! vem a proposito, Senhor escrivão! observou Taquaral. Quando tornar á minha fazenda para intimar-me ordens aqui do Senhor Doutor, fique na certeza, desde já, que de lá não sahirá sem uma boa esfrega, já ouvio?

E, assim fallando, o visconde retirou-se brusca-mente da sala, sem despedir-se da auctoridade, que ficou attonita com tal procedimento.

— Ond
guntou o
— Alli
— Poi
testemur
— Ah
— Eu
Amanhã,
a tratar
— Obe
zendo un
E sahi
O juiz,
e fechan
ginaldo,



— Onde deixou os soldados, Sr. Andrade? perguntou o juiz com agitação.

— Alli perto, Sr. Doutor!

— Pois para que não os trouxe aqui? seriam boas testemunhas para a confissão de um crime...

— Ah! o visconde é criminoso?

— Eu o creio. Porém não lhe darei treguas. Amanhã, Sr. Andrade, venha cá; temos muita cousa a tratar em bem da justiça.

— Obedecerei, Sr. Doutor, disse o escrivão fazendo uma cortezia ao magistrado.

E sahio.

O juiz, ficando só, tomára o seu chapéo e o cavour, e fechando a sua sala, dirigira-se á casa do Dr. Reginaldo, que habitava a mesma rua.



A sala e
Eugeni
toda sent
notas ma
Esse ca
arrebata
ritos do
tavam co
De repe
mento do
um sorris
— Ora
— O qu
— Erre
— E' pe
estudas
reprehen
os nomi



XII

ENTRETENIMENTO

A sala de Reginaldo estava illuminada.

Eugenia executava ao piano uma modinha nova, toda sentimental, tendo firmeza na voz, mesmo nas notas mais agudas.

Esse canto echoava no intimo d'alma, e como que arrebatava para o mundo da sensibilidade os espiritos do Dr. Reginaldo e de sua esposa, que o escutavam com attenção.

De repente a moça atrapalhou-se no acompanhamento do instrumento e parou, dizendo logo com um sorriso para o honrado advogado :

— Ora já se vio, papai ?

— O que, menina ?

— Errei a musica !

— E' porque és uma preguiçosa, Eugenia? tu não estudas! respondeu Reginaldo em tom de doce reprehensão.



— Eugenia é assim... murmurou D. Margarida, rindo-se para a filha com amor.

Se tivesse alguém de fóra aqui, havia de ser isso bonito, não?

— Ora, mamã! exclamou a menina brincando no teclado do instrumento; até os mestres erram! Que se dirá de mim?

— Lá isso é verdade, Eugenia...

— Has de ter o trabalho de começar de novo o teu canto, menina, disse Reginaldo olhando para a filha.

Eugenia, pois, sem replicar a seu pai, começou a cantar.

A voz da menina era doce, suave e harmoniosa ao som do piano.

Porém, em meio da musica, ouviu-se bater palmas á porta que dava para a sala onde se achava a familia de Reginaldo.

Este, que estava sentado perto da filha, levantando-se fóra ver quem era.

Encontrou-se com o juiz municipal.

— Sr. Dr. Arnaldo! oh! pôde entrar...

Eugenia parou immediatamente o seu delicioso trabalho para saudar o magistrado, que a cumprimentava com toda a politica, depois de ter saudado a esposa de Reginaldo.

— V. S. por cá, é novidade! disse este apertando a mão do juiz.

— E' uma novidade, sim; porém antes de orientar-lhe della, peço á Senhora sua filha que continue o seu terno canto, interrompido por minha causa.

Euge
mas não

— V.

ella con
e encon

— Na

magistr

habilita

ouvil-a,
ou mais

— Sa
observo

— Or

— Ar

— De
estudav

— Or

com mo
— Po

E Eu

mento,
da voz.

O mag

Desta

— Est
ginaldo.

— A r

estuda;
D. Ma

rio-se b
ajuntou



Eugenia rio-se como vexada para o Dr. Arnaldo, mas não quiz tocar no teclado do piano.

— V. S. ha de desculpar-me, Sr. Doutor, disse ella com singeleza; eu estudava esta modinha nova, e encontro difficuldades em sua execução...

— Não importa isso, minha Senhora, respondeu o magistrado com riso indulgente. Eu não serei o habilitado para censural-a. Tenho pois prazer em ouvir-a, ainda mesmo que erre a musica uma, duas ou mais vezes!

— Satisfaz os desejos do Sr. Doutor, menina, observou Reginaldo em tom peremptorio.

— Ora, papai...

— Anda!

— Desde já peço ao Sr. Doutor que me desculpe... estudava ainda...

— Ora, minha Senhora!... murmurou Arnaldo com modos de quem supplicava.

— Pois bem, vou satisfazel-o.

E Eugenia preludiou primeiramente no instrumento, e depois começou o canto, com desembaraço da voz.

O magistrado escutava a menina com satisfação.

Desta vez ella não havia errado a musica.

— Está delicioso! disse Arnaldo baixo para Reginaldo. Sua filha tem uma voz excellente!

— A menina tem gosto para a musica, mas pouco estuda; dá-se mais aos trabalhos domesticos...

D. Margarida, que estava perto do marido, sorrio-se bondosa ao ouvir o elogio de Arnaldo, e ajuntou:



— São mais bem empregados os trabalhos domésticos do que a musica !

— Minha Senhora, respondeu o magistrado respeitavelmente ; uma moça, para ser bem educada, precisa ter conhecimento de todas as prendas compatíveis com o seu sexo.

— Isso é verdade, Sr. Doutor.

Houve silencio entre os dous bachareis e a respeitavel Senhora.

Eugenia continuava no seu mellifluo canto. Chegando ao final, murmurou sorrindo :

— Perdõe-me, Sr. Doutor, não ter correspondido á sua expectativa...

— Cantou optimamente, minha senhora ! com sinceridade o digo.

— Oh ! Sr. Doutor ! disse Reginaldo reconhecido.

— Sua voz, minha Senhora, voltou Arnaldo, é macia aos ouvidos : tem um certo encanto n'alma !...

— E' bondade sua, respondeu a donzella, tocando em uma ou outra tecla do instrumento.

— Estuda bem, Eugenia, para em outra occasião obsequiares ao Sr. Dr. Arnaldo, disse D. Margarida.

— E a ouvirei com immenso prazer, minha Senhora.

— Agora que a menina já satisfez o seu desejo, Sr. Doutor, ponderou Reginaldo, se não fôr inconveniente, contar-me-ha a novidade...

— Nenhum inconveniente encontro para cumprir a sua vontade, Sr. Dr. Reginaldo. Vou portanto explicar-lhe o facto.

Eugenia curiosa

— Ha visconde E um Arnaldo.

— Ah !

— Por

— E n

— Neg

— Que

— Eu

E o ma

o colloqui

civil e de

juiz, faze

individuo

— E ir

acha no ca

— Para

magistrad

— O qu

— Vou

homem. S

a espada d

— Apoi

de um m

com gravi

— E V.

Sr. Doutor

receiosa.



Eugenia viera sentar-se junto de sua bôa mãe, curiosa de ouvir o juiz municipal.

— Ha poucos minutos, fui insultado pelo nobre visconde do Taquaral!

E um riso de ironia appareceu nos labios de Arnaldo.

— Ah! E porque, Sr. Doutor?

— Porque exigia delle um cumprimento da lei...

— E negou-se?

— Negou-se insultando-me.

— Que ousadia, Sr. Doutor!

— Eu lhe patenteio tudo.

E o magistrado scientificou ao Dr. Reginaldo todo o colloquio que se dera com Taquaral, e o modo incivil e desabrido com que este se retirou da sala do juiz, fazendo-se acompanhar por um pagem e um individuo vestido de ponche.

— E infelizmente um homem desta qualidade se acha no catalogo dos grandes do imperio!

— Para vergonha nossa, Sr. Doutor! ajuntou o magistrado com certo pezar.

— O que pretende V. S. fazer nesta conjunctura?

— Vou usar de toda a energia para com esse homem. Se fôr realmente criminoso, como penso, a espada da justiça não respeitará a sua grandeza!

— Apoiado! obrará com a imparcialidade propria de um magistrado illustre! ponderou Reginaldo com gravidade.

— E V. S. não se teme dos furores desse homem, Sr. Doutor? interrogou a esposa do advogado como receiosa.



— Não, minha respeitavel Senhora. Depois de ser elle condemnado pela justiça e pela opinião publica, tribunal inexoravel, que pulverisa o individuo, não terei receio de suas ameaças, embora tenha ouro aos punhados para satisfazer os seus caprichos!

— Porém, Sr. Doutor, observou Reginaldo, uma circumstancia occorre-me agora...

— Qual?

— Quem nos diz que Taquaral, para occultar o seu crime, faça desaparecer o negro Gregorio da fazenda? e então, como trazel-o á justiça?

Arnaldo pensou um momento.

— Não importa, disse. Farei o interrogatorio de toda a escravatura de Taquaral. Hei de achar alguma prova para base do crime. Tenho convicção disso.

— Apoiado. Mas o titular, se V. S. a isso proceder, fará uma grande alarma!

— Embora aconteça isso, buscarei o respeito da lei. Sacerdote della, com toda a abnegação, sou obrigado a executal-a.

— Assim deve fazer o juiz recto!

— Pretendo tambem mandar vir a juizo esse capanga appellidado— *Sangue de boi*, que tem ordem de Taquaral para commetter um assassinato..

— Mas como ha de V. S. prender a esse malvado, errante pelo matto e sem domicilio? disse Reginaldo em duvida.

— Talvez que, por via do caipira Miguel de tal, o possa conseguir.



— Talvez, Sr. Doutor.

— Que nome feio, papai! disse Eugenia olhando para o advogado: *Sangue de boi!*

— Os malvados têm sempre uma alcunha devida á sua valentia, minha Senhora, respondeu Arnaldo em tom serio.

— E' porque esse capanga, Sr. Doutor, foi algum carniceiro, ajuntou D. Margarida, e os carneiros são sempre máus!

— E quem sabe se elle bebia sangue de boi mesmo? perguntou Reginaldo rindo-se.

— Póde ter-se dado isso, murmurou o magistrado tambem rindo-se.

— Admira-me, Senhor Doutor, ponderou o advogado, como a policia deste termo deixa um individuo de ruim nota sem tomar-lhe o passaporte, sendo prejudicial á sociedade!

— A policia, Senhor Doutor Reginaldo, dorme o somno da indolencia, tolerando todo o desrespeito á lei! E' um escandalo isto! Os inspectores, pelos bairros, convivem com os criminosos! Não admira pois que esse capanga *Sangue de boi* gabe-se de suas façanhas, contando o crime que tenta commetter.

— Desejava vêr esse facinora, volveu Reginaldo fitando o magistrado.

— Eu tambem o desejo. Um assassino! E' sempre de grande interesse a sua prisão para a justiça! Hei de esforçar-me...

— E V. S. faria um grande serviço ao publico com a captura do capanga.



— Tenho esperança.

— Lembro-me agora que V. S. disse ter ido acompanhado Taquaral pelo seu pagem e um individuo, vestido de ponche...

— E' exacto.

— Pois é provavel que esse individuo seja o proprio capanga...

— Será possivel?

— Muito possivel. Taquaral já ordenou *Sangue de boi* um homicidio; segue-se que elle tem relações com o malvado...

— Tem proposito a sua suspeita, Senhor Doutor.

— Ainda outra cousa, Senhor juiz...

— Qual?

— Vindo elle tomar-lhe uma satisfação em horas improprias, trouxera o seu capanga para livral-o, em caso urgente, de algum aperto.

— Se me acudisse á mente essa idéa ! seria mui facil a prisão do capanga, porque tinha os policiaes perto de minha casa.

— Que pena que não fosse preso esse capanga, papai ! disse Eugenia, interessando-se pela justiça.

— Elle ha de ser preso, minha Senhora, salvo se desaparecer do termo.

— Não desaparecerá, porque tem um grande patrão por si, observou Reginaldo em tom de censura.

— Sim, Senhor Doutor, objectou o juiz no mesmo tom: um patrão, grande titular do imperio.

— Não ha potentado algum que deixe de ter os

seus cap

de boi es

— Ass

minhas o

para qu

E, ass

chapéo, e

pedio-se

depois de

— App

marchar

enxergar

— A'm

E o ma

Regina

ainda sol

para o ir

OS HOM



seus capangas. Tenho pois certeza de que *Sangue de boi* está lá na fazenda do Taquaral...

— Assim estivesse! A'manhã pretendo expedir as minhas ordens. Vou fazer uma respeitavel escolta para que assim não seja mallograda a minha idéa.

E, assim fallando, o Doutor Arnaldo tomou o chapéo, que estava em cima de uma credeira, e despedio-se da familia de Reginaldo, ajuntando a este, depois de ter acendido um charuto :

— Apareça amanhã lá na nossa casa; desejo marchar neste negocio com acerto, e, assim, mais enxergam quatro olhos que dous.

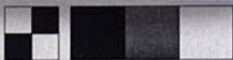
— A'manhã lá irei, Senhor Doutor.

E o magistrado sahio.

Reginaldo, a sós com sua familia, conversou ainda sobre a vida de Taquaral, indo depois todos para o interior da casa.



— E q
— Oh
possivel
— Poi
da vida e
E qual
já denun
— Já
oportun
— Se e
tu, Alfre
— Pele
compreh
quaral é
— E ca
porque n
crime pe



XIII

OS DOUS AMIGOS

— E que te parece, amigo, o facto que te relatei ?

— Oh ! oh ! disse Ricardo abysmado. Parece impossivel, Alfredo !

— Pois é uma verdade essa historia—mysterio—da vida de Taquaral.

E qual o motivo de não ter Leonardo da Silva ido já denuncial-o á auctoridade na cidade ?

— Já te disse que esse bom velho espera uma opportunidade, e esta está muito proxima...

— Se o crime é grande ! já o devia ter feito... E tu, Alfredo, o que pensas a respeito ?

— Pelos modos com que Leonardo fallou-me, comprehendi que o attentado commettido por Taquaral é horrivel !

— E contando toda a vida desse maldito Cypriano, porque motivo guarda segredo o velho sobre o crime perpetrado em Minas pelo titular ?



— Foi mysterio, cujo véo não quiz romper-me, amigo; mas deu-me a conhecer ser roubo e assassinato...

— Aquelle Taquaral não podia mesmo desmentir a sua origem ! disse Ricardo como pensando. E no entanto, um individuo de tão baixa estirpe, é considerado no catalogo da fidalguia brasileira !

— Lastime-se os nossos governos, que pelo máu caminho da politica vão procurar gente desta qualidade para eleval-a ao pinaculo da grandeza !

— Não, não, Alfredo, respondeu o secretario do commendador Almeida, encolhendo os hombros; vão procurar o dinheiro, porque vendem-se as honras como qualquer mercadoria: aquelle que mais tem, mais sóbe !

— Sabe agora de uma idéa que tive...

— Dize, Alfredo.

— Estou com desejos de ir patentear o factio relatado por Leonardo ao Doutor Reginaldo...

— E' acertado.

— Elle deve ter relações com o juiz municipal, Doutor Arnaldo.

— Supponho que elles entretêm amizade.

— E tambem porque tenho outro interesse, Ricardo; murmurou Alfredo rindo-se de um modo significativo.

— Já te comprehendi...

— O advogado tem uma filha tão meiga...

— E bella !

— Ah ! se pudesse entreter com elle alguma relação!...



— Procura isso, Alfredo, procura...

— E se me fosse dado esse desejo !

— Eu te ensino um caminho...

— Falla, Ricardo.

— Posso acompanhar-te á casa do Doutor Reginaldo. Contarás a elle toda a tua vida ! e pedirás a sua protecção. Lhe dirás que tens alguma instrucção e que desejas empregar-te. Assim terás occasião de ir pouco a pouco attrahindo sobre ti os bellos olhos de Eugenia...

— Ah ! a menina chama-se Eugenia?...

— Não sabias ?

— Não ; parecia-me que tinha por ahí um desses nomes communs...

— Então, o achas poetico?

— Acho-o.

— Tanto melhor para ti, Alfredo, porque gostas da poesia...

— E vás commigo á casa do advogado?

— Quando quizeres.

— O meu pretexto é excellente : a historia de Taquaral. Agora, Ricardo, é um negocio que te diz respeito...

— Falla.

— O teu desideratum está quasi realisado...

— Pouco me falta,

— Pouco te falta ?... ah ! já percebi...

— O que ?

— Pai João não está liberto?

— Está.



— O commendador Almeida já não mudou o coração de pedra pelo coração brando?

— Graças aos céos, tive a satisfação de conseguir isso...

— O que te falta pois?

E o mancebo, batendo no hombro de Ricardo, sorrindo acrescentou:

— Carlina... não?

O secretario de Almeida não respondeu e guardou silencio.

— Ah! estás com mysterio?

— Não te occulto o meu sentimento, e't'o explico.

— Pódes fallar-me franco; guardarei as tuas confidencias.

— Eu te fallo. Sou amante em extremo de Carlina. Já por mais de uma vez tenho-lhe manifestado o meu amor; porém acho-a sempre esquivada.

— Como?

— Seu espirito buliçoso, alegre, bom, compassivo, dá-me a entender que em seu coração não acha echo a poesia do amor...

— Será possível?

— E' uma pura verdade, Alfredo. Carlina não tem quasi reservas para mim; no ensino ella me obedece; seu sorriso, como a bondade celeste do cherubim, não me occulta sua alma innocente. A donzella me tem affecto, e no entanto nem uma palavra para traduzir esse sentimento mysterioso, doce e immenso, esse extase gostoso que encanta e que se abriga lá no fundo do coração de uma joven!



— Quem sabe se ella te ama em segredo de seu peito?...

— Se assim fosse!...

— Uma cousa...

— O que, Alfredo?

— Tu não tens fallado em deixar esta fazenda?

— Já manifestei isso a Carlina...

— E ella?

— Mostrou-se entristecida, dizendo-me que sua alma se fechará...

— E o que mais desejas então?

— Mas eu queria mesmo ouvir de seus rubros labios um *sim* de amor...

— Quando vás commigo á cidade?

— A'manhã.

— Pois bem, hoje, a pretexto de uma lição a tua discipula, eu estarei presente e te farei uma pergunta...

— Com que fim?

— Tu saberás, Ricardo.

E os dous amigos passeavam pelo jardim, onde se achavam.

Eram oito horas da manhã.

O dia estava nebuloso, como nebulosos são os dias de Maio.

O commendador Almeida tinha ido a uma pequena viagem ao sitio de um vizinho.

Alfredo tinha vindo do sitio de Leonardo da Silva para conferenciar com Ricardo sobre Taquaral.

O joven viera a pé, e chegára á fazenda do Campo



Alegre na vespera á tarde do dia em que se entre-
tinham no jardim.

Nesse mesmo dia, depois de terem almoçado, es-
tando Carlina presente, Ricardo disse para a don-
zella :

— Aqui, o meu amigo Alfredo, deseja ouvir uma
lição sua, D. Carlina, de francez ou geographia...
dá-me esse prazer ?

— Mas estou tão atrazada !

— Não importa ; eu desejava tanto ouvil-a ! ex-
clamou Alfredo, como se supplicasse.

— Pois nesse caso o satisfarei, disse a menina
sorrindo.

Dahi a alguns minutos, Ricardo argumentava com
a donzella sobre alguns pontos de geographia, no
salão.

Alfredo se achava perto de Carlina.

O joven pegando no livro de Telemaco, abrindo-o
ao acaso, deu-o á menina dizendo :

— Tenha a bondade de lér-me um pedacinho
deste francez...

E Alfredo esperou a moça.

Ella começou a traduzir. Chegando ao final de
uma oração, parou.

— Seu mestre, minha Senhora, disse Alfredo ma-
liciosamente, a tem de deixar dentro de pouco
tempo...

Carlina olhou para Ricardo, interrogando-o em
silencio.

Este, tambem em silencio, respondeu pela incli-
nação da cabeça.



— E qual a razão disso, Senhor Ricardo? perguntou ella agitada.

— D. Carlina, tenho de retirar-me para a côrte... para ir ter com meu pai... o tempo que elle me outorgou para a consecução do meu desideratum, acha-se a expirar; e, por isso com o maior pezar do coração....

Ricardo não completou o sentido da sua phrase; deixou que em seu semblante se debuxasse a tristeza, a qual tambem affectou a donzella, que lhe disse:

— Não consentirei isso, salvo se promette de voltar para perto de mim e nunca mais deixar-me... Alfredo olhou logo para Ricardo.

Elles se entenderam.

— O que diz, Senhor Ricardo? ajuntou a menina com certa emoção na voz macia.

— Então, D. Carlina, deseja que eu volte para vir morar aqui?

— Se desejo? muito. Dá-me um juramento de voltar de sua viagem da côrte?

— Prometto-lhe voltar aqui, sob minha palavra.

— Não o creio, disse a menina em tom grave. Quero mesmo um juramento...

Alfredo olhou ainda para o seu amigo, e rio-se.

— Por minha mãe juro, D. Carlina, que satisfarei a sua vontade.

— Está aqui a prova de minha amizade, Sr. Ricardo!

E a donzella estendeu a mãosinha bonita ao man-



cebo, que lh'a apertou com doce estremecimento, fazendo que a menina corasse involuntariamente ao erguer a cabeça para Alfredo, denunciando assim a um terceiro o sentimento que abrigava nos reconditos de seu ingenuo coração.

Nesse momento uma mucama viera chamar sua Sinhásinha da parte de D. Joaquina do Nascimento.

Ricardo só tivera tempo para agradecer com um doce sorriso a manifestação de Carlina que sahio apressada do salão, deixando os dous moços.

— E então, amigo?

— Ainda não estou satisfeito, Alfredo...

— Pois queres uma declaração melhor?

— Quero uma prova mais evidente...

— Isso agora já é capricho teu. Pois bem, não tratemos mais disto. Desejo apenas um favor.

— Falla, Alfredo.

— Vamos encontrar o Pai João, salvador do commendador Almeida.

— E' já se quizeres.

E os dous mancebos sahiram do salão e foram para o terreiro, onde se via grande porção de café, que seccava ao sol.

Foram á senzala do escravo e não o encontraram.

Dirigiram-se depois para a casa do celleiro e ainda não encontraram o bom negro.

— Onde o acharemos? disse Ricardo na duvida.

— Talvez esteja no engenho; ouço a bulha da moagem, murmurou Alfredo para o amigo.

— E' provavel.



E para ahí foram.

De facto Pai João dirigia o serviço da moagem, occupando nella tres escravos.

— Oh! estás ahí, Pai João? interrogou Ricardo em tom amigo.

— Desde cedinho, Senhor Ricardo, respondeu o preto com semblante alegre.

— Escuta. Aqui este moço, que é meu amigo, queria muito conhecer-te...

— Preto velho não vale nada, Senhor moço...

— Oh! Senhor João, murmurou Alfredo estendendo a mão ao negro, vale-me tanto como qualquer homem honrado. Seu coração é grande e nobre!

Pai João hesitou em dar a mão; porém o joven a pegou e apertou com sinceridade.

— Praticou uma acção humanitaria, com a qual conquista os applausos de toda a gente boa!

— Preto velho não fez nada para Senhorio; fez sua obrigação; e preto ficou bem pago com a sua liberdade; mas assim mesmo preto é escravo de Senhor Ricardo e de Sinhásinha...

E Pai João proferindo isso olhou para Ricardo cheio de reconhecimento.

— O Senhor João agora só deseja uma cousa... quer que lhe diga? interrogou Alfredo rindo-se.

— Senhor moço falla...

— E' vêr a sua Sinhásinha casada com o Senhor Ricardo, não?

O negro encarou o moço abrindo a boca e levando a mão ao coração.



— Desejo d'alma de preto velho, disse com transporte, está aqui...

— Pede a Deus que faça cumprir esse teu desejo, Pai João, respondeu Ricardo reconhecido.

— Oh! Deus do céu hade attender oração de preto velho. Como chama este moço, seu amigo, Senhor Ricardo?

— Alfredo, Pai João. Elle é tambem teu amigo.

— Oh! oh! disse o bom negro curvando-se.

— Senhor Ricardo não sabe ainda nada de Roque?

— Não, Pai João, amanhã vou á cidade, e na volta te contarei tudo.

Dahi a pouco, os dous amigos achavam-se novamente no salão.

— Lembras-te, Ricardo, do nosso juramento de socorrermos a triste escravidão?

— Sim, Alfredo, estou cumprindo esse juramento.

— E eu tambem o vou cumprir—denunciando a Taquaral como assassino de seus escravos. O Doutor Reginaldo saberá de tudo. Nada lhe occultarei, embora depois me chamem a juramento. Assim prestarei um serviço á misera escravidão.

— Vem, Alfredo, vem ao meu gabinete; quero mostrar-te umas linhas que escrevi sobre a transformação do caracter do commendador Almeida.

E os jovens foram para esse gabinete.

Ameri
seus esc
Bemvi
os bellos
do neste
— Van
não tard
— Nac
disse a
cendo qu
— Nac
acontece
— Ess
sassar
— Deu
boscadas
— N. :



XIV

A EMBOSCADA

Americo Lopes estava em seu cafezal, vendo os seus escravos apanharem café.

Bemvinda, por divertimento, também apanhava os bellos fructos, que a tanta gente têm enriquecido neste nosso paiz.

— Vamos para casa, minha esposa, porque teu pai não tarda a chegar com Antonio Marcello.

— Não sei porque o coração me aperta, Americo, disse a moça com visos de tristeza. Está me parecendo que aconteceu alguma desgraça a papai!

— Não falles nisso, Bemvinda! O que havia de acontecer a teu pai?

— Esse maldito visconde é capaz de mandal-o assassinar...

— Deus livrará o Senhor Leonardo de suas emboscadas...

— N. Senhora da Aparecida assim permitta. Lhe



farei mesmo uma promessa ! de todo coração o digo, Americo !

— Estou ancioso para saber dos crimes commettidos pelo malvado Taquaral. Está quasi a chegar o dia em que a opinião publica o ha de condemnar para sempre !

— E as mortes de seus escravos lá na fazenda ?

— E Alfredo de Castro é uma bôa testemunha para o começo de um processo. Acredito em tudo o que nos contou esse moço.

— E' um joven intelligente e sympathico.

— Por certo que não volta mais aqui ?

— Foi juntar-se com seu amigo Ricardo, com quem, me disse, tinha um sagrado compromisso.

Ao cabo de algum tempo os dous esposos entravam em casa.

Davam então em um relógio de parede tres horas da tarde.

Porém, nesse mesmo instante, tropél de animaes despertou a Americo e Bemvinda, que vieram para a porta de fóra a vêr quem chegava.

Mas qual não foi o espanto de Bemvinda ao vêr a mão de seu pai tingida de sangue !...

Correu desvairada ao seu encontro.

Marcello o acompanhava.

— Que é isso, papai ? está ferido ? o que foi ?

— Não é nada, minha filha ! Deus me livrou de uma morte lá no ermo do caminho !

— Oh ! oh ! disse Americo, ajudando a apeiar a seu sogro.

— Não se assustem, disse Antonio Marcello com

calma :

do. Taqu

— Com

ceu ?

— Foi

mão do

do perig

bagos de

— O ce

— O q

— Que

— Por

vidade.

E, ass

cello, en

Bemvi

causados

de seu pa

— Isto

Antonio

— Vou

— Min

apressar

tem cuida

— Mal

Bemvind

ha de pe

— Ten

minha fi

do-se na

alquebra



calma ; porém o dia de nossa vingança está chegando. Taquaral nos ha de pagar com usura.

— Conte-me, papai, conte-me : o que lhe aconteceu ?

— Foi um tiro que levei, minha filha ; porém a mão do assassino não foi certa. Deus livrou-me do perigo. Apenas fui ferido no braço por alguns bagos de chumbo.

— O coração bem me adivinhava, papai !

— O que, Bemvinda ?

— Que lhe aconteceu alguma desgraça...

— Porém este ferimento é de mui pouca gravidade.

E, assim fallando, Leonardo, seus filhos e Marcello, entraram em casa.

Bemvinda foi sollicita em vêr esses ferimentos causados pelos bagos de chumbo no braço esquerdo de seu pai. Contavam-se seis bagos.

— Isto cura-se com aguardente e camphora, disse Antonio Marcello para a esposa de Americo.

— Vou já fazer o remedio, papai.

— Minha filha, disse Leonardo, manda antes apressar o nosso jantar, porque temos fome. Não tem cuidado do meu ferimento, que não me molesta.

— Maldito homem ! maldito homem ! exclamou Bemvinda com sentimento. Mas, Nossa Senhora ha de permittir que papai não tenha perigo algum !

— Tenho toda a fé na bondade immensa de Deus, minha filha, ponderou o nosso bom velho, sentando-se na rede, onde ás vezes descansava o seu corpo alquebrado pelos annos.



Antonio Marcello fôra ao terreiro tirar os arreios dos dous animaes, não esperando que Americo o mandasse fazer por um crioulo que estava em casa e que não tinha ido para o cafezal.

Os animaes espojaram-se pelo terreiro.

Depois Marcello acendendo o seu cigarro, fumando-o foi juntar-se a Leonardo, sentando-se n'um tamborete.

Bemvinda trazendo o remedio, fez seu pai tirar o paletot, e desabotoando o punho da camisa, foi escaaldando com um panninho, depois de lavado o sangue que gottejava dos bagos de chumbo.

— Papai, de que modo se hão de tirar estes bagos de chumbo?

— Já te disse, que não te dê cuidado este ferimento... murmurou o velho com calma.

— Isto não será nada, minha bôa Senhora, objectou Marcello, levando o cigarro á boca. Logo que suppurarem estes ferimentos, fica facil a extracção dos bagos de chumbo.

Acabando Bemvindá o seu trabalho e pondo o prato que tinha o remedio em cima da mesa, sentou-se perto de Leonardo.

— Conte-nos agora, disse Americo para seu sogro, o factó acontecido.

— O factó é simples, observou Marcello fumando o cigarro.

— Sim, é mui simples, ajuntou Leonardo.

Onde o caminho corta uma densa matta, foi o logar escolhido para a espera. Quando passavamos, vindo eu adiante do Sr. Marcello, tomei o tiro da

embos
guei-m
me liv
só ferin

— E

— Na
menina

— E

Sr. Leo

— Su

do Taqu

— E'

ameça

— Na

— Qu

— Eu

— Pa

machuc

do braço

— Na

velho so

— Fal

E Leon

— Sr.

fazenda

renciarn

Ricardo

potentad

orientar-

semos; re

os hom



emboscada. Assustado por este acontecimento, julguei-me ferido de um lado do corpo; porém Deus me livrou, fazendo que o assassino errasse o alvo só ferindo-me o braço esquerdo...

— E não ouviu alguma bulha pelo matto, papai?

— Nada ouvi, e nem tambem o Sr. Marcello, menina.

— E já suspeitou de quem parte este crime, Sr. Leonardo?

— Suspeita, não, tenho certeza; vem do visconde do Taquaral, Sr. Americo.

— E' verdade que esse malvado já o tinha ameaçado.

— Não é só por isso; tenho outra prova melhor.

— Qual, Sr. Leonardo?

— Eu lhe explico o negocio.

— Papai, objectou Bemvinda cuidadosa; não vá machucar os ferimentos; não se encoste do lado do braço offendido...

— Não tenha receio, minha filha, respondeu o velho sorrindo para a moça. Escuta.

— Falle, papai.

E Leonardo continuou assim:

— Sr. Americo, eu e o Sr. Marcello iamos á fazenda do commendador Almeida para lá conferenciarmos com Alfredo de Castro e seu amigo Ricardo de Lima sobre uma denuncia contra o potentado Taquaral, de que haviamos deixado de orientar-lhe para só patentear-lhe quando voltássemos; reserva essa pela qual lhe peço desculpa. Em



caminho, encontrámos um sujeito que não me era estranho, e que encarou-me por alguns instantes. E perguntando-me se me chamava Leonardo, respondi-lhe que sim. Então fez-me comprehender que minha vida corria perigo, e que o visconde do Taquaral tinha ajustado um capanga, alcunhado —*Sangue de boi* para assassinar-me; dizendo-me mais que isto lhe fôra contado por um seu amigo, que tinha conversado com o proprio *Sangue de boi*...

— Que nome feio, papai! *Sangue de boi*?! exclamou Bemvinda admirada.

— Os capangas têm sempre nomes assim, minha filha, respondeu Leonardo gravemente.

— São para incutir o terror aos fracos, ponderou Antonio Marcello, apagando o seu cigarro.

— E o homem que lhe orientou isso, papai, não lhe deu o nome?

— Sim, minha filha. Disse-me chamar-se Chico José, por alcunha—Chico Cabaço.

— Chico Cabaço? que nome!

E Bemvinda rio-se.

— Porém, attende, menina, o resto; disse Leonardo dando commodo ao braço ferido. O Sr. Marcello observou que em vista de semelhante facto deviamos voltar para casa, pois que sendo longe a fazenda do—Campo Alegre—por alguns capões de matto podia estar mettido o capanga; e assim assentámos no meio mais prudente. Retrocedemos os passos dos nossos animaes, deixando a entrevista, que iamos ter com Alfredo e Ricardo, para occasião



oportuna; e, ao passarmos a matta de que já fallei, levei o tiro.

— Nossa Senhora da Aparecida ha de permittir, disse Bemvinda cheia de esperança, que Taquaral, ou o maldito Cypriano ha de pagar logo os seus crimes.

— Tenho fé na Providencia, minha filha. Esse máu homem ha de ser punido com severidade!

— E a sociedade ficará desaggravada! murmurou Americo.

— Está perto o dia da tormenta para o potentado! acrescentou Marcello.

— Agora não deixo mais papai sahir para fóra do nosso sitio... porque o capanga póde voltar...

— Porém, minha filha, tenho necessidade de fallar com os dous moços Ricardo e Alfredo. Elles me irão apresentar ao juiz do termo. Quero ir munido de provas contra Taquaral; e Alfredo me ajudará muito.

— Papai mande em seu logar a Americo. Elle não correrá perigo...

— Sim, Sr. Leonardo, posso ir em seu logar á fazenda do Campo Alegre. Me explicará todo o negocio, e...

— Não póde ser isso, respondeu o velho, olhando para o genro. Preciso mesmo ir ter com Alfredo e o seu amigo, indo tambem o Sr. Marcello, que é a mola real deste importantissimo negocio. Lá da fazenda pretendemos dirigir os passos para a cidade e, quando voltarmos, então o Sr. Americo ficará bastante sorprezo ao ter sciencia do grande atten-



tado commettido por Taquaral; era este o motivo que me obrigou á reserva quando daqui sahimos. Era o meu gosto vêr como Bemvinda recebia a noticia da perdição do grande Taquaral!

— Ora, papai, eu tenho medo desse homem! para que facilitar-lhe? objectou a bôa filha patenteando os receios de seu coração.

— Bemvinda, não encontro outro meio de pôr em pratica o meu plano. Dentro destes tres dias o farei impreterivelmente.

— E as emboscadas do caminho, Sr. Leonardo?

— Deus clemente olhará para a sua humillissima creatura, Sr. Americo, respondeu o velho com intuição. Agora, minha filha, peço-te que antes do jantar me escaldes o braço com aguardente; alliviou-me bem os ferimentos que me ardiam.

— Sim, papai.

E Bemvinda foi depressa aquentar o remedio á cosinha.

— Os dias de Taquaral, pois, estão contados para a expiação de seus crimes... Como não se envergonharão os seus bajuladores!...

— Ha de ser um exemplo para elles, Sr. Americo... respondeu Antonio Marcello levantando-se do tamborete.

— E exemplo grande! disse Leonardo com gravidade.

Dahi a pouco Bemvinda trouxe o remedio quente e repetio o curativo do braço de seu bom pai.

O jantar começava-se a pôr na mesa.

Volta
São pa
Uma g
municip
voltado e
Elles h
Proced
mesmos,
commett
culpar o
Gregorio
Taquar
familia.
De ent
sidade
seu Senh
alguns pa
dos na r



XV

O CRIME PATENTEADO

Voltamos agora para a cidade.

São passados tres dias.

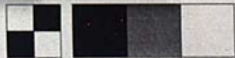
Uma grande escolta tinha ido por ordem do juiz municipal do termo á fazenda de Taquaral e de lá voltado com alguns escravos presos.

Elles haviam sido recolhidos á cadeia.

Procedendo o Dr. Arnaldo ao interrogatorio dos mesmos, cada um de per si, ácerca dos attentados commettidos pelo visconde, descobrira prova para culpar o titular; não tendo comparecido o preto Gregorio por não ter sido encontrado pela escolta.

Taquaral havia-se occultado, só apparecendo sua familia.

De entre vinte escravos que foram com minuciosidade interrogados, só tres responderam que seu Senhor com effeito tinha matado em castigo a alguns pretos, e que seus cadaveres eram sepultados na roça, deixando de vir para o cemiterio da



cidade, talvez pelo receio que tinha o potentado que se lhe descobrissem os crimes.

O Doutor Reginaldo assistira a esse acto. A culpa do visconde do Taquaral começava a transparecer.

A autoridade soubera mais dos máus tratos que o potentado dava á sua escravatura, tanto sobre o seu sustento como pelo rigor do serviço.

Na tarde desse mesmo dia, em casa do magistrado, achando-se este presente com o honrado Doutor Reginaldo, em um colloquio que tratava do visconde do Taquaral, ahí appareceram os nossos conhecidos Leonardo da Silva, Antonio Marcello, Ricardo de Lima e Alfredo de Castro.

Sendo introduzidos na sala do magistrado, cumprimentaram respeitosos aos Doutores Arnaldo e Reginaldo, admirando-se este de encontrar-se com Ricardo a quem tinha prometido, como sabe o leitor, de ir vê-lo á fazenda do—Campo Alegre.

— Então, o que é isto por aqui? temos alguma novidade? perguntou o advogado ao joven a meia voz.

— E novidade grande, Senhor Doutor! respondeu Ricardo em tom baixo.

— Do que se trata?

— Do visconde do Taquaral.

— Ah!

O Doutor Arnaldo que tinha mandado sentar os quatro individuos, ouvindo fallar-se em Taquaral, voltou a cabeça, dizendo:

— Ah! trata-se de Taquaral?

— Sim, Senhor juiz, respondeu Leonardo grave-



mente. Pesa sobre esse homem um crime negro, e do qual tenho as provas!

— Oh! fez o magistrado attonito.

— Será acerca do mesmo facto já denunciado? inquirio Reginaldo em sua idéa.

— E sobre o que se crimina o visconde de Taquaral.

— O maior attentado que se possa idear foi pelo malvado commettido lá por esse fundo de Sabará, em Minas Geraes...

— O que diz, Senhor?!... exclamou o magistrado com pasmo. E tem as provas?

— Temos as provas, Senhor juiz, disse Antonio Marcello com firmeza.

— Será possível o que ouço? murmurou Reginaldo para Ricardo, junto de quem se achava:

— E' exacto, Senhor Doutor!

— E em que tempo foi esse crime perpetrado?

— Ha muitos annos, Senhor juiz, acudio Marcello encarando a autoridade.

— E tem as provas por escripto?

— Sim, Senhor, respondeu Leonardo, temos um memorial da vida do *multo grande* e rico Senhor visconde do Taquaral!

E um riso de escraneio crispou os labios do nosso bom velho.

— Ainda não é só esse gravissimo crime que perde a esse potentado, Senhor juiz, acrescentou Leonardo.

— E qual mais?

— Aqui, o Senhor Alfredo de Castro, vem tambem



denunciar a existencia de outros attentados pelo titular committidos nas pessoas de seus escravos...

— Esses attentados, Senhor Doutor, observou o moço, levantando-se de sua cadeira, são reaes... Taquaral tem sido o assassino de alguns de seus negros!

— Sobre estes factos, Senhor Alfredo, ponderou o juiz, já dei começo a um summario para a criminalidade do titular. O Senhor servirá de testemunha...

— Serei obediente ás suas ordens, Senhor Doutor.

E o Doutor Arnaldo, virando-se para Leonardo, perguntou :

— E como foi o senhor descobrir esse grande crime ?

— E' uma historia que lhe contarei da melhor vontade, Senhor juiz.

— E só a mim ?

— Póde ser ouvida por um terceiro.

— Nesse caso aqui o Senhor Doutor Reginaldo póde escutal-a.

— Não ha inconveniente, porque é tempo de Taquaral pagar os seus crimes ; disse Leonardo olhando para o honrado advogado.

— Estou prompto a ouvi-lo.

E o Doutor Arnaldo esperou que o nosso velho começasse a historia de Taquaral.

— Houve um momento de silencio.

E Leonardo relatou a vida de Cypriano, visconde de Taquaral, com clareza ; occultando porém a parte relativa ao grande crime por elle committido em Minas, circumstancia essa que trazia por escripto e que ia patentear ao juiz municipal, fazendo



lhe mais algumas observações sobre a sociedade e os males da nação.

Este e o Doutor Reginaldo, ouviram tudo com pasmo ; mas não interromperam o velho com objecção alguma.

— Estou impaciente, disse a auctoridade para Leonardo, por saber outra cousa...

— Qual, Senhor juiz ?

— Quem o patenteou da existencia desse grande attentado praticado lá em Sabará pelo malvado Cypriano ?

— Como o maldito viera lá desses fundos de Minas, em meu pensamento passára uma idéa: não querendo desprezal-a, tentei uma penosa viagem. Fui dar commigo na cidade de Passos. Deus me havia guiado. As suspeitas que tinha de que Cypriano tivesse commettido um negro delicto, estavam então realisadas...

E o velho não proseguio.

— E depois ?

— Depois voltei dessa cidade trazendo uma parte das provas do delicto, até que, em occasião opportuna, me viessem novas provas de Sabará...

— E vieram ?

— Eu as trouxe, Senhor juiz, respondeu Antonio Marcello olhando para Arnaldo cheio de respeito.

Leonardo relatára mais ao magistrado a maneira porque Taquaral o mandara chamar, tentando comprar a sua honra pelo dinheiro e assim fazer-lhe commetter a indignidade de entregar-lhe as provas



de seu grande crime, para que ficasse o facto sepultado em trevas e não fossem manchados os braços da nobreza delle, o potentado deste logar !

— E o Senhor rejeitou isso ?

— Rejeitei, Senhor juiz ; porém o homem, ameaçando-me com o bacamarte, disse-me que tudo lhe pagaria. De então para cá minha vida corria perigo...

— Perverso !

— Maldito ! exclamaram ao mesmo tempo os dous Doutores.

— Porém, Senhor juiz, continuou Leonardo com gravidade, Deus livrou-me do perigo. O bacamarte de um capanga, occulto entre as mattas não fôra certo. Ha quatro dias, a emboscada mandada fazer pelo *nobre e poderoso* visconde do Taquaral, apenas deixou-me neste braço alguns bagos de chumbo !

— Oh ! oh ! clamou o magistrado sorprendido.

— Aquelle homem tem uma consciencia negra ! ajuntou Reginaldo com indignação.

— E tenho certeza de que este crime foi praticado por um capanga alcunhado *Sangue de boi*, como mandatario de Taquaral...

— E quem o orientou disso ?

— Um individuo conhecido por Chico Cabaço, Senhor juiz...

— Chico Cabaço ? inquire o magistrado olhando para Leonardo.

— E' verdade, Senhor juiz.



— A'cerca deste facto já foram interrogadas duas pessoas, Senhor Leonardo, murmurou a auctoridade achando coherencia em tudo quanto o velho relatava. Póde deixar-me vêr o ferimento do seu braço ?

— Pois não, Senhor.

E o velho tirando o seu paletot de panno azul, e desabotoando a manga da camisa, patenteou os ferimentos ao juiz.

— E porque não veio requerer o corpo de delicto, Senhor Leonardo ?

— Porque o ferimento é de nenhuma gravidade.

— Mas não deixa de ser um crime de tentativa !

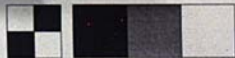
— Que importa isso, Senhor Doutor, quando Taquaral tem de responder por um attentado assáz importante ?

— Deve-se juntar todos as culpas desse homem para que a opinião publica o condemne horrificada !

Em quanto o juiz fallava com Leonardo, Reginaldo e os dous mancebos, Ricardo e Alfredo, diziam algumas palavras a meia voz contra Taquaral, que já julgavam perdido, pendendo sobre sua cabeça o glaudio da justiça.

Antonio Marcello observava a auctoridade e parecia sympathisar com o seu character nobre, como certo de que se portaria ella neste negocio de tão alta transcendencia com toda a imparcialidade e circumspecção.

O Doutor Arnaldo, tambem apreciava o character do velho Leonardo, admirando-se de que um homem



descendente de gente baixa tivesse tão bellos pensamentos a respeito de nossas cousas, satyrisando em phrases chãs, com espirito esclarecido, os males de nosso paiz, e principalmente ácerca de nossos potentados de aldeias, que corrompem a sociedade com seus exemplos perniciosos.

Foram idéas que abundaram na mente de Leonardo ao relatar toda a vida de Taquaral á auctoridade, como está ao facto o leitor.

— Agora, estou prompto a vêr as provas do crime de Taquaral...

— Tenho-as aqui, Senhor juiz, disse Leonardo; mas achava mais conveniente que deixasse esse trabalho para hoje á noite...

— E porque?

— Porque é provavel que venha por cá o *muito nobre e muito poderoso* Senhor do Taquaral tomar-lhe alguma satisfação pela independencia do seu character, que não se curva á vontade desse homem...

— E então?

— Queria ter a grande satisfação de fulminar-o com as provas de seus crimes; a elle que me julgava um *quidam*, um caipira, e já morto pelo trabuco de seu capanga; mas que surgiu dentre os mortos para trazer-lhe a sentença de sua condemnação!...

— E' bem combinada a idéa. Porém, em todo o caso, se elle não vier, terei de lêr essas provas, Senhor Leonardo, disse o magistrado.

— Bôa lembrança, ponderou o Doutor Reginaldo.



— Agora, meus Senhores, permittam-me licença. Vou providenciar a segurança de Taquaral; porque tratando-se de um gravissimo delicto por elle praticado, a acção da justiça não deve ser olvidada.

E o juiz deu signal de retirar-se de sua sala.

Reginaldo virando-se para Ricardo, disse-lhe :

— Convido-os a irem jantar commigo, meus Senhores.

O joven agradeceu-lhe e aceitou o convite, aceitando-o igualmente Marcello, Leonardo e Alfredo.

E todos se despediram do Doutor Arnaldo, promettendo voltarem á noite.



Loge
de faz
acomp
e fôra
tes sob
em cas
Marga
viscon
conder

O a
era pre
para a
tinham
se ach
deixar
contas
teria d



EXPLOÇÃO PARA TAQUARAL

Logo que o Dr. Reginaldo chegára á casa, depois de fazer introduzir em sua sala as pessoas que o acompanhavam, dirigira-se para a sala do interior, e fôra conversar com sua esposa por alguns instantes sobre o factô de que acabava de ser testemunha em casa do Dr. Arnaldo; factô que surprendera D. Margarida e Eugenia, que amaldiçoaram logo o visconde de Taquaral, com os desejos de o verem condemnado e rebaixado perante a sociedade.

O advogado scientificára mais, que nessa noite era provavel que se passasse um grande episodio para a vida do titular ; visto como as pessoas que tinham as provas de seu attentado em Minas-Geraes se achavam presentes, e que por certo Taquaral não deixaria de vir á casa do juiz municipal para tomar contas de seu energico procedimento ; e que então teria de assistir á sua condemnação.



Recommendo depois o jantar a sua esposa, Reginaldo a scientificára das pessoas que tinham vindo em sua companhia para esse jantar, e disse que tinha gosto em obsequial-as.

D. Margarida lhe respondêra estar o serviço prompto para pôr-se á mesa.

Voltando para a sala, Reginaldo entretivera-se com os nossos quatro personagens, gostando sumamente do velho Leonardo e Antonio Marcello pelas acertadas expressões com que respondiam ao advogado, rolando a conversa sobre o potentado Taquaral e sobre os soffrimentos da escravidão, e finalmente sobre a guerra do Paraguay.

Alfredo, da mesma arte, agradou a Reginaldo, que com elle sympathisára, e lhe dissera que sentia que se achasse agora desempregado, mas que fizera bem em deixar o maldito titular, e que a sua casa lhe estaria aberta até que de novo se empregasse.

Alfredo agradecêra infinitamente a bondade de Reginaldo; pois dest'arte acharia pretexto para um conhecimento com a filha do advogado, da qual fallára a Ricardo na fazenda do Campo Alegre.

O secretario do commendador Almeida sorria para o amigo adivinhando-lhe o pensamento.

Alguns minutos depois, todos foram para o jantar.

Durante essa agradável refeição, Ricardo e Alfredo tiveram occasião de dirigir algumas palavras a Eugénia, que lhes respondia com urbanidade e singeleza, porém cheia de sympathia e espirito.

Alfredo a admirava.

Acaba
de fóra
Eram
O pag
café em
De nov
Alfred
reginaldo
filha Eu
O adv
desejos
fôra sent
Alfred
Eugen
liffua, o
rompel-
Era a
que, ago
Finalme
pelos do
Leonard
— Ter
murou
a donzel
— Oh
— Fal
ração...
— Se
com um
— E e
os nom



Acabado o jantar, todos sahiram para a sala de fóra.

Eram seis horas da tarde.

O pagem de Reginaldo trouxera depois aromatico café em chicara de porcellana.

De novo começaram a conversa.

Alfredo tivera opportunidade para pedir ao Dr. Reginaldo que lhe obsequiasse fazendo com que sua filha Eugenia viesse cantar uma modinha ao piano.

O advogado chamára a menina, que sabendo dos desejos do joven, não se deixára rogar; e sorrindo fóra sentar-se ao instrumento, preludiando.

Alfredo e Ricardo se achavam perto della.

Eugenia arrebatára com a sua voz, suave e meliflua, os dous amigos, que a escutavam sem interrompel-a.

Era a mesma modinha de que já o leitor sabe, e que, agora bem estudada, cantava com desembaraço. Finalmente, ella foi entusiasticamente applaudida pelos dous amigos, sendo tambem apreciada por Leonardo e Marcello.

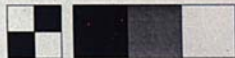
— Tem uma voz de anjo, Exma. Senhora, murmurou baixinho Alfredo, olhando docemente para a donzella

— Oh! Senhor! respondeu ella com embaraço.

— Fallo-lhe com toda a sinceridade do meu coração...

— Se pudesse sempre ouvil-a... ajuntou Ricardo com um sorriso.

— E eu tambem... ah!



— E porque não, Sr. Alfredo?

E Eugenia deixou brincar em seus lindos lábios um sorriso de poesia infinda.

A alma do mancebo embebeu-se nesse sorriso.

Uma hora depois, Reginaldo e seus convivas foram para casa do juiz municipal.

O escrivão Andrade fizera sentarem-se os nossos personagens.

— Por via de duvida, disse elle, se acontecer vir Taquaral tomar-me nova satisfação, o farei introduzir em outra sala, para que assim não suspeite que ha testemunhas para ouvir-me nas palavras em que lhe manifestarei seus crimes...

— E' prudente o passo, Senhor Doutor, observou Reginaldo.

— Sim, Senhor, juiz será de optimo effeito o meu apparecimento em occasião que lhe lance em rosto o grande crime commettido em Minas, ponderou Leonardo.

— E ficará petrificado, acudio Antonio Marcello, quando me vir; elle que bem me conhece, e com quem convivi por alguns annos!

— E minha presença igualmente, ajuntou Alfredo, não deixará de o atemorisar pelas mortes que ha praticado em seus escravos!

— Minhas providencias estão tomadas... é provavel hoje a prisão do grande titular...

— E se elle trouxer o seu capanga *Sangue de boi*? perguntou Reginaldo.

— Buscarei prendel-o, disse Arnaldo.

Andrade que até então escutava em silencio sem



ter bem sciencia de tanta accusação a Taquaral, aventurou tambem :

— Esse homem pôde vir prevenido, Senhor Doutor, e por isso V. S. deve ter toda a cautela...

— Não tenha receio, Senhor Andrade.

E o Doutor Arnaldo, chamando o seu pagem, mandou que elle abrisse outra sala, e que lá puzesse uma luz.

O pagem foi cumprir as ordens de seu Senhor.

Todos esperavam pelo momento em que chegasse Taquaral.

Ouviram logo o tropél de animaes na calçada da rua.

— Eil-o ! disse o magistrado sorprezo.

E o Doutor Arnaldo foi á porta do corredor.

— Está em casa o juiz ? perguntou a voz arrogante de Taquaral á porta da rua.

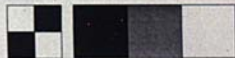
— Pôde entrar, disse o magistrado com firmeza.

E como um homem estouvado, o visconde apeou-se do animal e encaminhou-se pelo corredor, entrando na sala, que lhe designára a auctoridade.

Dous vultos embuçados em ponche tambem chegavam á porta da rua e ahí pararam.

Taquaral, trazendo na mão um chicotinho, vinha de cavour e não tirára da cabeça o seu chapéo de chili.

— Senhor Doutor, resmoneou elle com zanga, quem lhe deu a ousadia de mandar uma escolta á minha fazenda prender a vinte de meus escravos ? heim ?



— O poder da Lei, Senhor visconde !

— O poder da Lei ?! pois a Lei póde com um titular como eu ? eu grande deste imperio ? Não sabe que posso esmagal-o !

— Não tenho que dar-lhe satisfações, Senhor visconde ! sou magistrado e como tal não respeito a ninguém quando trato de averiguar um grande crime !

E o Doutor Arnaldo encarou o potentado com toda a dignidade do seu character de juiz.

Taquaral deu uma gargalhada de pouco caso.

— O Senhor visconde ri-se ?... V. Ex. é accusado de um crime gravissimo !

— De um crime gravissimo ?... exclamou em furia o titular ; e um *simples juiz* é que quer processar-me ?...

— Não é um simples juiz, Senhor visconde, é a lei que busca vingar a sociedade offendida !

— Senhor Doutor, respondeu em colera o potentado, se neste momento não mandar soltar os meus escravos, aqui mesmo, em sua sala, caro me pagará o arrojo que teve em querer ferir a reputação de um *grande homem, altamente collocado* !

E Taquaral ameaçando o Doutor Arnaldo com o seu chicote, como que lhe patenteou sua intenção de o acometter.

— Ouça uma historia, Senhor visconde, e responda-me, observou um tanto agitado o juiz.

— Que historia, homem ?

— O Senhor visconde tem assassinado alguns de



seus escravos pelos castigos horríveis applicados aos mesmos...

— E que mais?... e que mais ?...

— Em Minas Geraes, lá para o lado de Sabará...

— E quem lhe contou isso ? ! quem lhe contou, Senhor Doutor ? ! exclamou o titular como desorientado.

— O espirito de um homem que o Senhor visconde mandou assassinar por um capanga, conhecido por *Sangue de boi* !

— As provas ? as provas ? disse Taquaral furioso. O Doutor Arnaldo chegou-se á porta da sala e fallou simplesmente em voz alta :

— E' tempo !

E sem demora entraram na sala Leonardo, Marcello, Alfredo, Ricardo, Reginaldo e o escrivão Andrade.

Taquaral ficou como assombrado por fantasmas horríveis, vociferando logo :

— O que me querem, fúrias do inferno ? !.. Sou o visconde do Taquaral e não...

E o titular estacou de repente como se temesse denunciar a sua propria individualidade.

— Conhece-me, Senhor visconde ?...

— Leonardo da Silva ? !...

— Conhece-me, Senhor visconde ?...

— Antonio Marcello ? ! oh ! oh ! exclamou Taquaral como allucinado.

— Lembra-se de um envenenamento na pessoa de um velho muito rico, lá no termo de Sabará, Senhor visconde ? fallou Marcello encarando o potentado.



— Um envenenamento... oh ! oh ! respondeu o titular como em delirio. E depois ?... depois ?...

— Lembra-se do assassino de um menino de quinze annos, filho desse velho ?... repetio Marcello.

Taquaral não pôde suster a sua desesperação e colera; e sentindo a cabeça arder em sangue, atirou o seu chapéo ao soalho da sala, e apertou-a com as mãos, gritando como em desvario :

— Perdido ! perdido ! eu o visconde do Taquaral ! eu um grande do imperio !

E sahio precipitado da sala, praguejando contra os motores de sua quêda.

Nesse momento ouviu-se um apito.

Esta scena fôra tão rapida que os nossos personagens ficaram pasmados ao contemplarem os modos desatinados do malvado titular, que ao sahir á rua chamára por *Sangue de boi*, que respondera em voz grossa e acaipirada.

— Patrão, eu mato estes diabos !

Mas nesse mesmo instante formou-se um grande conflicto.

Eram os soldados da policia, que postados mui perto da casa do juiz, por ordem deste, esperavam o momento em que deviam acudir para a prisão do titular e de seus capangas.

O apito era o signal.

Assim, com toda a presteza, auxiliaram a aucto-ridade, ouvindo-se logo dous tiros e o tropel de dous animaes que fugiam ao longo da rua.

O juiz municipal só colhêra desta diligencia a prisão do capanga *Sangue de boi*, que dera um tiro

sobre
bende

Taqu
desapp

— A
exclam

— E
aldeis f
este.

— E
senten

— A
ção par

— Q

— O

— O
graven

Toda
do vari

de sabe

causa d

Come
tular...

E' as
sequen

Dahi
a conde
publica



sobre os soldados, offendendo a um delles e recebendo igualmente um tiro na perna direita.

Taquaral, acompanhado de outro capanga, tinha desaparecido.

— A explosão não podia ser maior para Taquaral ! exclamou o Dr. Reginaldo para o juiz municipal.

— E são assim os mandões e potentados de nossas aldeias ! sempre criminosos, sempre máus ! ajuntou este.

— Esperemos ainda pelo resto, disse Leonardo sentenciosamente.

— Agora, observou Marcello, ha uma unica salvação para Taquaral...

— Qual? disseram tres vozes unisonas.

— O suicidio !

— O dia de amanhã nos dirá ! murmurou Alfredo gravemente.

Toda esta scena se passava na rua, onde acudindo varias pessoas que a habitavam, admiraram-se de saber que o visconde de Taquaral havia sido a causa desse grande motim.

Começaram então a commentar a vida do titular...

E' assim a sociedade, sempre bajuladora, inconsequente e mysteriosa !

Dahi em diante ia Taquaral ter todos os vicios, e a condemnação do tribunal inexoravel da opinião publica era-lhe infallivel.



No o
boatos:
quaral t
pelo cor
a vergo
da just
roubo. t
sado em
maldize
era um
Emqu
Reginal
grande
visconde
terio o
agora is

os ho:



XVII

MYSTERIOS DESVENDADOS

No outro dia cedo, corriam pela cidade diversos boatos: uns asseveravam que o visconde do Taquaral tinha desaparecido de sua fazenda; outros, pelo contrario, que se havia suicidado para occultar a vergonha de uma accusação perante o tribunal da justiça pelo grande crime de envenenamento e roubo. Cada qual, enfim, commentava o facto passado em casa do juiz municipal com negras côres, maldizendo-se o nome do potentado, que então já era um homem perverso!

Emquanto isso se passava, o juiz Dr. Arnaldo e Reginaldo, nessa mesma manhã, liam a historia do grande attentado commettido por João Cypriano, visconde do Taquaral, historia de que fazia mysterio o velho Leonardo e Antonio Marcello, e que agora ia pertencer ao dominio publico para a com-



pleta condemnação de tão perverso individuo, elevado a um grande titulo, que conspurcou para vexame do governo que o nomeou.

E' a occasião pois de patentearmos aqui ao leitor esses terriveis factos passados em Minas-Geraes, dos quaes fôra motor o nosso celebre Taquaral.

O papel resava assim:

« Existia em Minas-Geraes, termo de Sabará, um homem velho, muito rico, viuvo, com um unico filho de quinze annos de idade, que por conseguinte era seu herdeiro universal.

« Este velho tinha uma bôa alma.

« Assentára de tomar segundas nupcias e para isso achára uma moça pobre, que o aceitára logo para esposo.

« Mas essa moça não tinha virtude no coração, e só pela ambição de apossar-se da riqueza do velho o esposára.

« Nesse mesmo anno de seu casamento, apparecêra na fazenda do velho um moço, que se offercia para feitor de escravos, tendo bastante pratica no serviço de roça, e aceitando qualquer quantia que o proprietario lhe quizesse dar.

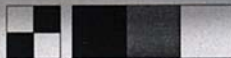
« Fizeram o ajuste.

« Era a desgraça que vinha para o velho.

« Mezes depois, a sua ruim esposa começava a sentir um amor illicito pelo feitor João Cypriano, que assim se chamava.

« E desse amor resultára o criminoso adulterio.

« Logo o pensamento de um attentado na pessoa



do menino, filho do velho rico, foi tramado pelos dous perversos amantes.

« Tinham em vista um futuro prospero, opulento e cheio de grandeza ; porque tambem podiam acabar facilmente com a vida do velho proprietario.

« O caminho de uma roça foi o logar marcado para commeter-se o assassinato desse menino simples, que de nada desconfiára do feitor João Cypriano, que ahi o levára com o pretexto de uma caçada de perdizes.

« Nesse logar fôra consummado um negro crime, com a mira de uma riqueza futura!

« Mas o dedo de Deus, que tudo prevê e vinga, havia dado uma testemunha para esse delicto. Cypriano julgára-se no entanto seguro de seu attentado!

« O cadaver do desgraçado filho do fazendeiro havia ficado sem sepultura, e só tres dias depois fôra elle trazido para a fazenda ; porém já em estado de putrefacção.

« Ninguem podia saber a causa desta desgraça, e o proprio João Cypriano fingia-se admirado, protestando descobrir o matador do menino!

« A justiça não se empenhára para o descobrimento desse facto, que ficára então sepultado nas sombras do mysterio.

« Tempo depois apparecêra morto em seu proprio leito o velho e rico fazendeiro que, dias antes desse acontecimento, tinha feito o seu testamento constituindo por sua universal herdeira a sua mulher.

« Esta morte parecêra muito natural, e ninguem



suspeitára que ella havia sido causada por um envenenamento!

« E o veneno fôra posto n'uma chicara de chá que a propria mulher apresentára ao marido em occasião que se deitava na cama!

« Seis mezes depois deste horrivel facto, o feitor Cypriano casava-se com a viuva do rico fazendeiro!

« Havia um homem que tinha intimidade com Cypriano, e esse homem era Antonio Marcello; mas até ahi elle não tivera conhecimento dos crimes perpetrados pelo ex-feitor.

« Em uma occasião, por causa de um animal, Cypriano fizera uma vil acção a Marcello, querendo mesmo assassinal-o.

« Então o pensamento de um crime feito pelo ex-feitor passára pela idéa de Marcello.

« A Providencia veio auxiliá-lo na descoberta desse crime.

« Havia na fazenda uma escrava velha, que passava por idiota. Esta escrava, no quarto de sua Senhora, por traz de uma cortina de porta, presenciara Cypriano entregar-lhe um papelinho dobrado quando ella preparava uma chicara de chá. Depois sua Senhora deitára uns pósinhos na chicara, que sahiram do mesmo papelinho. Depois disso a preta tivera a curiosidade de introduzir-se no quarto de sua Senhora que já se achava deitada, ahi se escondêra por detraz de um cabide com roupa, e então tudo vira sem ser presentida.



« Isso tudo a preta fizera na certeza de que sua Senhora tinha desejos de matar a seu Senhor para casar-se com João Cypriano.

« Este facto só mezes depois foi explicado a Antonio Marcello pela escrava velha a quem elle interrogára, suspeitando que algum mysterio se passava na fazenda onde se davam duas mortes, como se um prospero destino viesse sorrir para Cypriano.

« E Marcello assim procedendo, logrou o que desejava.

« João Cypriano era, portanto, um grande criminoso.

« No entanto esse crime ficára em mysterio, do qual só tinha sciencia Antonio Marcello.

« Indo este homem para a cidade de Passos, a uma viagem que lhe era de interesse e encontrando-se com um seu conhecido, este, indagando da vida de Cypriano, que não lhe era estranho e que algumas vezes vira na fazenda do finado e abastado velho em qualidade de feitor, tivera o proposito de contar a Antonio Marcello o facto do assassinato praticado por Cypriano na pessoa de um menino, filho do mesmo velho; e dissera-lhe que um camaradinha, que então estava no matto e que era do serviço desse homem de Passos, fôra testemunha occulta do delicto, tendo visto Cypriano dar um tiro certo no peito do menino. Disse mais que este acontecimento ficára occulto, até que o mesmo camaradinha, um dia, sem pensar, o denunciou a seu patrão, receioso que João Cypriano tentasse matal-o



quando soubesse que seu crime tinha sido testemunhado por esse camaradinho.

« Fôra assim que Antonio Marcello tivera sciencia de tão horrivel delicto que pesava sobre João Cypriano.

« Passando-se o tempo, todos estes episodios ficaram sepultados no esquecimento, e pôde então João Cypriano continuar a fruir a felicidade de sua vida, não lhe custando obter um titulo de commendador.

« Dando-lhe o desejo de mudar-se para a provincia de S. Paulo, talvez para melhor occultar os seus crimes, vendêra sua fazenda do termo de Sabará, comprando a do Taquaral, como está bem sciente o leitor.

« Leonardo tentando romper o véo que encobria a vida de Cypriano, já barão do Taquaral, dirigira-se para Minas; e, na cidade de Passos, Deus o guiára para esse homem que sabia da vida de Cypriano, e que tudo explicára ao velho, promettedo-lhe que mandaria vir de Sabará uma excellente testemunha, que teria de perder o criminoso na denuncia á justiça.

« Em Sabará Cypriano tinha um amigo que o bajulava pela sua riqueza, e então sabendo elle que Marcello vinha para a cidade de... ao norte de S. Paulo, em procura do velho Leonardo, com o fito de perder a Cypriano, esse amigo expedira um portador que chegára adiante de Marcello; aquelle fôra para a fazenda do Taquaral e este para o sitio do bom velho Leonardo, como tambem está sciente o leitor. »



Aqui terminava o memorial de que fallára Leonardo ao juiz municipal e que lhe fôra dado por Antonio Marcello.

No mesmo dia em que se divulgavam estes factos, Leonardo e Marcello, se haviam retirado para a roça, tendo manifestado ao juiz que estariam promptos a jurar no processo de Taquaral logo que a auctoridade lhes ordenasse; pois que não esperavam o desfecho de tão importante negocio, por ter o velho necessidade de ir tranquillisar a sua familia, visto como o capanga—*Sangue de boi* se achava preso e não mais lhe daria receios, estando já Taquaral perdido na opinião publica.

Poucas eram as pessoas que não amaldiçoavam o nome do titular ao saberem dos factos horribes occorridos em Minas.

Ricardo e Alfredo foram para a casa do Doutor Reginaldo.

O ex-secretario de Taquaral tivera ainda occasião de entreter-se com Eugenia, e esta sympathisára com o joven, apreciando a sua intelligencia e sua esbelta pessoa.

A sympathia entre dous jovens é sempre o caminho para mais tarde encontrarem o amor.

Ricardo não tirava da mente o quadro que tinha presenciado, sendo Taquaral a importante figura, de quem tanto agora se tratava.

O joven amante de Carlini não queria retirar-se para o Campo Alegre sem que tivesse noticia de Taquaral, que julgava capaz de commetter um suicidio.

Nesse dia, pelas onze horas da manhã, o Doutor



Arnaldo fôra interrogar na cadeia o capanga *Sangue de boi*.

O povo affluia ao edificio para vêr o capanga, de quem se fallava tantas cousas horrendas por elle feitas.

No interrogatorio, respondêra o capanga não ter domicilio, e que era Coritibano; que ganhava dinheiro para matar fosse lá a quem fosse; que já tinha feito cinco mortes, e todas de emboscada; que fazia um anno que se achava residindo no termo da cidade de***, e que o visconde do Taquaral, tendo precisão de sua valentia, o mandára chamar para incumbir-lhe de uma *limpeza* na pessoa de um velhinho chamado Leonardo.

Tudo isto o facinora, com o cynismo mais revoltante, confessára ao juiz para assim exaltar a sua qualidade de capanga! Disse até que era seu desejo fazer uma ou duas mortes á porta da casa do magistrado na occasião em que este ordenára a prisão de Taquaral.

Perguntando-lhe o juiz por que motivo appellidava-se—*Sangue de boi*, o capanga respondêra que esse *título* provinha de ter sido elle carnicheiro e como tal, quando sangrava os bois, tinha prazer em beber-lhes o sangue tépido.

As pessoas que escutavam esse interrogatorio murmuraram então contra os desleixos das auctoridades policiaes, que assim deixavam vagar pelo termo um individuo tão cheio de crimes!

Sangue de boi é bugre e declarou chamar-se Leandro.



O Doutor Reginaldo, Alfredo e Ricardo, tambem tinham presenciado esse interrogatorio, e se indignaram do cynismo do capanga.

Quando a auctoridade sahia da cadeia, tendo concluido o seu trabalho, um portador vindo da fazenda do Taquaral, a toda a pressa, annunciára-lhe a morte do visconde do mesmo titulo que, fechando-se em um quarto, suicidára-se com um tiro ao ouvido.

Esse portador viera da parte da viscondessa do Taquaral.

Esta noticia estrondosa correu logo de boca em boca por toda a cidade.

Assim acabára esse malvado Cypriano a sua vida de mysterios.

Ao receber esta noticia, o Dr. Arnaldo dissera para Reginaldo:

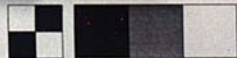
— E morreu esse homem deixando um nome execravel !

— E de negra memoria, respondêra o advogado.

Ricardo, que tambem ahi se achava, murmurára ao ouvido do Alfredo.

— Agora que está acabado o drama da vida de tão singular personagem, vou retirar-me para o Campo Alegre com o coração tranquillo, por ter a certeza de que alli encontrarei o anjo que hade fazer florecer o céo do meu futuro.

Tempo depois, elle se despedia do Doutor Reginaldo, ficando Alfredo perto de Eugenia, como havia desejado.



Logo
sciencia
blasphem
vezes o
na idéa

Em re
atear n
bons des
e não u

Ricar
carga, p
negras c
nome fic

O com
os crim
idéa de :



XVIII

A PARTIDA

Logo que o commendador Carlos de Almeida tivera sciencia do grande factó occorrido, horripilára-se, blasphemando a memoria d'aquelle, que por algumas vezes o chamára de amigo, e com quem se colligára na idéa do martyrio da escravidão.

Em realidade, este acontecimento inesperado veio atear no espirito do fazendeiro a sua firmeza nos bons desejos em que estava de ser agora um amigo e não um senhor soberano para seus escravos.

Ricardo achára então occasião para voltar-lhe á carga, pintando-lhe a vida de Taquaral com as mais negras côres, e fazendo-lhe vêr que morrendo seu nome ficára amaldiçoado pela opinião publica.

O commendador Almeida, pois, sabendo de todos os crimes commettidos por Taquaral, nunca fizera idéa de ser elle um homem tão abominavel.



Protestára ainda o fazendeiro que em seu coração havia de dar, d'ahi em diante, abrigo á virtude e praticaria todos os beneficios que lhe viessem implorar.

Ricardo sentira então a alma expandir-se de contentamento.

Carlina sorria, cheia de alegria, sentindo transportar-se nas azas dos mais puros extases para o seio do Creador.

Porém nem uma palavra de amor trocára com o joven Ricardo!

Na tarde deste dia, outro acontecimento veio para entristecer a alma da donzella.

Ricardo recebêra uma carta, que lhe enviava o Doutor Reginaldo, e dentro della vinha outra, que dizia-lhe o advogado ser do Conselheiro André de Mello.

O mancebo com alguma agitação, abriu logo essa carta, que léra para a sua bella discipula.

Era escripta nestes termos :

« Côrte, Maio de 1867.

« Meu filho do coração.

« Que esta vá encontrar-te com saude, é o meu ardente desejo.

« Vou incommodar-te, meu filho, em exigir um sacrificio de ti. E' tempo de cumprires o que me prometteste. Os tres mezes que te concedi são já passados. Preciso muito de ti, aqui na côrte; negocios que affectam a nós ambos isso reclamam com urgencia.

« Vem, vem, e quanto antes.

« Sei
prend
serviço
d'alma.

« CÁ,
Q... nu

« Teu
— E

blante
— V

— E
— P

— Ju
— P

— N
saudad

— N
Algu

Pai Jo

— E
— S

— E
— V

nha as
— A

E o r

— Se

preto fi

— S
— S



« Sei que alguma cousa para o teu coração te prende n'essa fazenda ; mas prestarás um grande serviço a teu pai, que te agradecerá do intimo d'alma.

« Cá, pois, te espero com toda brevidade, á rua da Q... numero....

« Teu pai que te estima—André de Mello.

— E agora ? perguntou Carlina com o doce semblante ennuviado pela tristeza.

— Vou satisfazer os desejos de meu pai...

— E promette voltar para junto de sua discipula!

— Prometto-lhe.

— Jura?

— Por Deus do céu !

— Nesse caso, Senhor Ricardo, terei de soffrer saudades suas, talvez por muitos dias...

— Não sei o tempo que levarei, D. Carlina...

Alguns minutos depois o mancebo conversava com Pai João familiarmente.

— Então, vai Senhor Ricardodeixar preto velho?

— Sim, Pai João, vou deixar-te.

— E Sinhásinha?

— Voltarei logo, Pai João; porque tua Sinhásinha assim exige.

— Ah!

E o negro sorria-se olhando para o moço.

— Senhor Ricardo, podia casar com Sinhásinha.. preto ficaria muito alegre...

— Se ella quizer...

— Senhor Ricardo então duvida ?



— Ainda não entrei naquelle coração... disse o joven com intenção, que foi comprehendida pelo preto.

— Coração de Sinhásinha é de Sr. Ricardo...

— E's tu que o dizes... tens desejo de vêr-me unido a ella...

— Não é preto velho que falla isso ; mas sim olhos de Sinhásinha... alma della está ahi...

E Pai João sorriu-se de novo, patenteando o gosto que nutria no coração por essa alliança.

Depois elle ajuntou :

— E que é feito de Roque ?

— Roque está entregue á policia, Pai João, e terá de ser processado. Tu irás jurar...

— Preto velho estará prompto para fazer serviço a Senhorio commendador.

— Já sabes do que aconteceu na fazenda do Taquaral, Pai João ?

— Sinhásinha já contou tudo a preto velho. Esse Senhor barão, agora não mata mais negro lá na fazenda... Deus do céo olhou para aquelles meus parceiros...

— Teus parceiros ? Pois não estás liberto, Pai João ?

— Preto velho por causa disso não ha de desprezar os pobres do captiveiro...

— Tua alma é nobre, Pai João. Vou deixar-te...

O preto encarou o moço entristecido.

— Veja lá, Senhor Ricardo, não engana a seu escravo ! Sinhásinha morrerá de sentimento !

— Oh ! não, não, Pai João ! Eu voltarei.



E o negro abraçou as pernas do joven, cheio de sincera amizade.

Ricardo tomou-lhe a mão e apertou-a com effusão de reconhecimento.

No outro dia, cedo, o amante de Carlina tendo-se despedido do commendador Almeida, que consentira na ida do joven para a côrte com a condição porém de ahí pouco se demorar, fôra igualmente apertar a mão da donzella, que em silencio patenteára o sentimento de seu coração ingenuo debuxado na doçura de seu semblante de anjo.

O mancebo não se retirára da fazenda sem tambem dizer um adeus de despedida a D. Joaquina do Nascimento.

Almeida tinha emprestado condução ao seu secretario.

Este passára pela cidade, e indo encontrar-se com o Doutor Reginaldo e Alfredo de Castro, depois de saudal-os, disse-lhes :

— Sigo para a côrte, e não sei quando voltarei.

— Nesse caso, Senhor Ricardo, levará uma cartinha ao Senhor conselheiro André de Mello.

— Com o maior prazer, Senhor Doutor.

E Reginaldo fôra ao seu escriptorio fazer essa carta.

Ricardo ficando só com Alfredo, perguntou :

— Como vão as tuas sympathias?

E sorriu-se significativo...

— Vão no melhor caminho...

— Então, Eugenia?

— Gosta de ouvir-me...



- E conclues... ?
- Que hei de ser amado... E tu ?
- Parto com a duvida no espirito...
- Tanto melhor para ti quando regressares...
- Porque fallas assim ?
- Mais tarde o saberás ; não preciso agora explicar-te, Ricardo.

O Doutor Reginaldo veio entregar a carta que escreveu ao mancebo, a quem desejou boa viagem. O joven não se retirára sem cumprimentar a esposa e a filha de seu illustre amigo.

E apertando ainda a mão de Reginaldo, e abraçando a Alfredo, sahira para a rua, onde estavam o seu pagem e os animaes.

Mas ahí elle encontrára-se com Serapião da Silva, o traficante de negros, que andava ausente da cidade desde a occasião em que Ricardo fôra ajustar-se como secretario do commendador Almeida.

Serapião o encarou e perguntou-lhe :

— Então, o que é isto ? de pagem, animaes... para onde vai ?

— Vou para a côrte, respondeu o mancebo apertando a mão de seu ex-socio. E o Senhor por onde tem andado nos tres mezes que são passados ?

— Ora, por onde tenho andado ? por muitos logares a cobrar o que me devem ! E como vai o Sr. Ricardo com o seu amo ?

— Optimamente ! já não é aquelle commendador Almeida, que conhecemos ; é outro homem, hoje bom, humanitario e amigo do escravo !

— O que diz, Sr. Ricardo ? será possivel ?



— E' uma pura verdade, Sr. Serapião.

— Ora, essa é para admirar! reflectio o negociante abrindo a boca. Depois ajuntou:

— E qual o motivo que houve para essa mudança de caracter?

— Fôram as minhas exhortações...

— Suas exhortações, Sr. Ricardo?!..

— E' verdade.

— Fico pasmo! Pois aquelle commendador tinha um coração de pedra!

— Tornou-se em coração de cêra...

— Dou-lhe meus parabens por esse triumpho de suas idéas...

— Agradecido, Sr. Serapião. Então já sabe o que houve na fazenda do Taquaral?

— Hontem mesmo, ao chegar, fiquei ao facto do grande acontecimento da morte do visconde! Quem diria, Sr. Ricardo, que esse figurão havia de acabar tão desgraçado?!...

— Deixou seu nome condemnado pelo respeitavel tribunal da opinião publica!

— Elle! um grande do imperio! Para que lhe servia tanto dinheiro que tinha?

— O dinheiro foi a sua perdição...

— E porque?

— Porque foi roubado de um velho e de um menino, que succumbiram ás mãos do malvado!

— Pela mente não me passára a idéa que esse titular, de fatal memoria, fosse um ladrão de alto cothurno!



— Sabe de toda a sua historia, Sr. Serapião?

— Já m'a patentearam, Sr. Ricardo.

— Com a morte deste homem, é um senhor máu de menos que se conta para a escravidão!

— Que coincidencia! exclamou o traficante; os dous proprietarios deste termo, que eram inimigos encarniçados do escravo, já não lhe damnificam mais!... assim é o mundo!

— Sim, respondeu Ricardo gravemente; um morreu e o outro regenerou-se!

E o mancebo apertando a mão de Serapião, acrescentou :

— Tenho necessidade de partir. O que deseja para a côrte?

— Boa viagem, Sr. Ricardo. Quando volta?

— Não sei? mas asseguro-lhe que voltarei para a fazenda do Campo Alegre—Adeus.

E Ricardo montando a cavallo, seguio, acompanhado de seu pagem, que era o mesmo Roberto, pagem do commendador Almeida, levando uma mala e dous alforges.

Est
Par
bonito
Um
ia ness
Cheg
queno
o anci
conduc
da casa
O coc
O pe
Ahi v
Nelle
Sua
menos.



rapião?

senhor máu
ião!
raficante; os
am inimigos
damnificam

te; um mor-

apião, acres-

que deseja

volta?

voltarei para

io, acompa-
mo Roberto,
vando uma

XIX

ELVIRA CLARICE

Estamos na côrte.

Para o bairro de Andarahy, seguia apressado um bonito carro puchado por linda parelha de bestas.

Um homem de respeitavel physionomia, já velho, ia nesse carro.

Chegando a uma formosa chacara, com um pequeno jardim na frente e circumdada de arvoredos, o ancião sahio de dentro do vehiculo, pagou ao conductor, e encaminhou-se para a porta principal da casa, por onde desapareceu logo.

O cocheiro voltou para o lado da cidade.

O personagem fôra direito a um gabinete.

Ahi via-se um leito.

Nelle estava deitado uma mulher.

Sua physionomia denotava 45 annos mais ou menos.



Essa mulher estava enferma e cadaverica : mas, apesar disso, os traços do semblante eram correctos, denotando assim ter sido mui bella na juventude.

Maleixas de lindos cabellos pretos em caracões, cahiam pelo travesseiro de alvissima fronha rendada.

Tu lo nesse gabinete ostentava luxo, como patenteando a riqueza de quem o possuia.

Eram seis horas da tarde.

O respeitavel ancião, chegando-se ao leito sem fazer bulha, curvou-se e applicou o ouvido junto da cabeça da doente.

— Dorme, disse.

E com precaução sahio do gabinete, dirigindo-se para a sela do interior.

Encontrando-se com uma assejada mucama, disse-lhe :

— Tua Senhora tem tossido muito esta tarde?

— Muito, meu Senhor.

— E o sangue ?

— Continúa sempre a escarral-o.

— O medico já veio ?

— Não, meu Senhor.

O personagem tirou o seu relógio de ouro e consultou-o.

— São horas da visita, disse.

— E tua Senhora de que tem fallado?

— Falla só de seu filho, meu Senhor, que já se demora...

O velho voltou para o gabinete.

A mulher despertára de seu somno.



— Como vai, minha Clarice ?

— Hoje me vejo muito abatida ; sinto as forças já perdidas... meu fim está proximo... e meu filho não apparece !...

E a enferma, assim respondendo, com voz rouca e fraca, cravou seus grandes e brilhantes olhos pretos no rosto do ancião, como se o interrogasse.

— Nosso filho não tardará... hoje mesmo ainda o espero...

O leitor já conheceu o personagem, que assim fallava.

Era o conselheiro André de Mello.

Neste momento, um moço sympathico e trajado de preto, com porte esbelto e grave, entrou no gabinete.

Era o medico.

Cumprimentando o conselheiro, como seu antigo conhecido e amigo, olhou logo para a doente.

— Então, como passou o dia, minha Senhora?

— Sempre do mesmo modo, Sr. Doutor, respondeu ella encarando o facultativo.

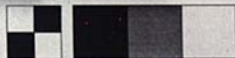
— Tenha esperança, que ha de obter melhoras.

— Melhoras, Sr. Doutor, quando minha vida é apenas por poucos dias ? replicou a enferma com a tristeza no semblante.

— Oh ! não, não será assim... O remedio que lhe applico é o melhor possivel ! tenho tirado optimos resultados com elle !

— Não duvido, Sr. Doutor...

— Minha Clarice, tem animo ! O teu medico promette-me que te ha de curar...



— Para Deus não ha impossivel, André... mas minha vida está a quebrar-se... eu sinto que...

— Minha Senhora, observou o esculapio com bondade; peço-lhe que não falle... é um grande inconveniente para a sua enfermidade...

— Ah! meu Deus! exclamou Clarice, como em supplica; se meu filho viesse!... eu... eu...

Uma tosse rouca, pertinaz e suffocante, tomou o peito da pobre mulher.

Ella fez um esforço para sentar-se.

André a ajudou.

O medico tomou-lhe o pulso.

O semblante do facultativo mostrou-se contrariado.

A enferma, pois, sentando-se com o maior custo, curvou a cabeça, e os cabellos cahiram-lhe pelos seios niveos e descarnados.

O conselheiro olhou para o medico.

Este como que deu a entender que a sua doente não se achava melhor e caminhava para o seu fim.

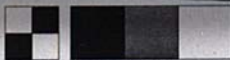
Perto do leito estava uma linda mesa pequena, de pés torneados, onde se viam vidros com remedio, chicaras de porcellana e colheres de prata.

O medico pegou em um desses vidros, que continha um medicamento parecido com xarope, e deitando em um colher de sopa, deu-o á mulher, dizendo-lhe :

— Tome, minha Senhora, que lhe fará bem.

Clarice o bebeu, sem fazer objecção.

Poucos instantes pôde a doente estar sentada : deitou-se de novo como prostrada.



— Meu filho... meu filho... já se demora, repetio ella com tristeza.

— Não se afflija, minha Clarica... não se afflija... nosso filho é provavel que chegue hoje...

E a pobre mãe tivera novo accesso de tosse.

O medico amparou-a ; e apresentando-lhe a escarradeira, ella apenas deitou algum catarrho com sangue.

O facultativo examinou-o, e pôz a escarradeira em baixo do leito.

A doente deitou a cabeça no travesseiro, que era muito alto.

Ficou silenciosa como quem repousava.

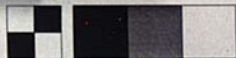
O Doutor chamando o conselheiro para fóra desse gabinete, e indo para uma sala contigua, disse-lhe :

— A enferma tem hoje bastante febre, e a expectoração é de pessimo character. Ella poucos dias pôde resistir ; succumbirá a pobre mulher pela consumpção da materia...

— Ah ! meu amigo ! se pudesse dar-lhe ainda algum tempo de vida, meu reconhecimento seria eterno ! murmurou André de Mello pezaroso.

— Não está esse desejo em minhas mãos, Senhor conselheiro. No emtanto, se a Providencia permittisse, a sciencia poderia obrar um milagre ; porém, sou franco : poucos dias terá a doente para existir !

André ficou silencioso como experimentando nalma uma dôr funda.



— Vou reffrar-me ; tenho outras visitas a fazer, disse o medico despedin lo-se do conselheiro.

— Não falte ás suas visitas áloente, meu Doutor, respondeu este apertando a mão do esculapio, que logo sahio, indo tomar o seu tilbury, que tinha ficado á porta da chacara.

André de Mello ficando só, fôra logo para o quarto de Elvira Clarice, a verdadeira mãe do nosso joven Ricardo de Lima.

Ella dormia ; porém tão fraca era a respiração que não se ouvia.

O conselheiro sentou-se n'uma cadeira de palhinha perto do leito, olhando para a enferma.

Aproveitemos o ensejo para patentear ao leitor a historia dos amores de André por Elvira Clarice.

Era ella filha de pais pobres, porém honrados, que lhe deram alguma educação. Formosa e meiga, não pudera resistir ás seducções e carinhos que lhe prodigalisava André de Mello que então, moço sympathico e de polidas maneiras, lhe fazia promessas de casamento, com esperanças de um futuro cheio de flores.

Tudo isso Clarice acreditára. Sonhava com a felicidade, pensando no consorcio com o moço bacharel em direito e rico, que via no mundo politico a sua elevação como um homem de estado.

A assiduidade de suas visitas a Elvira Clarice, pôz os dous amantes em familiaridade.

Os pais da moça não a obstaram disso. Um dia o céo puro de seu pensamento turvou-se.



A donzella cahira em peccado. Sua virgindade ficára manchada pelos carinhos do seductor.

O casamento promettido por André á moça, faltára ; e ella via o abysmo cavado a seus pés, ameaçando-a, a todo o momento, de perdela para sempre.

A infeliz Clarice ficára grávida ! E como occultar a seus pais o grande crime que tinha commettido ? Para essa gente honrada, que a tratava com tanto amor e doçura, não lhe seria a morte do coração, se soubesse da fraqueza da filha ?

Dahi em diante, a pobre victima da falsidade passava suas noites de agonias, arrependendo-se do seu delicto ; porém sem achar o menor lenitivo, nem meio algum para evitar a dôr que daria a seus bons pais com a noticia da sua immensa desgraça.

No emtanto o tempo corria. O seductor tinha desaparecido dos olhos de Elvira Clarice ; e, chegado o momento de desabar a tempestade, a moça tremeu, como a triste flor do valle açoutada pelo tufão do exterminio.

E esse tufão fôra a realidade do sonho da alma de Clarice !

Seus honrados pais não puderam resistir á indignidade e dôr de que se acharam possuidos ao terem sciencia da leviandade da filha. Expulsaram-a de sua casa como uma mulher perdida !

Não tiveram compaixão de seus rogos, de suas lagrimas, de seus lamentos !

A Magdalena arrependida, no emtanto, não ti-



vera o perdão daquelles a quem tinha offendido !
Sahira amaldiçoada, levando a morte no coração.

A desgraçada achára o abrigo de uma familia honrada, que a recebêra com caridade, perdoando-lhe o crime, tão susceptível entre a inexperiencia e a seducção, e que a civilisação tolera desde que pôde ser reparado.

Uma mulher por nome Joanna de Lima, que tinha uma vida exemplar, e que habitava a mesma rua, fôra a escolhida para receber o fructo do seu crime ; e dando a moça á luz um menino, cheio de vida e nedio, passára elle para o poder de Joanna, envolvido n'uma toalha e com o bilhete mysterioso, como tudo está patente ao leitor.

Passaram-se os tempos. Elvira Clarice envergonhada e cheia de amargura no coração, vivia occulta, sempre debaixo do tecto hospitaleiro e caridoso daquella familia.

Ao fim de dez annos, tivera de buscar Elvira outro abrigo ; porque as boas pessoas com quem estivera tinham-se retirado para fóra do Rio de Janeiro.

A infeliz moça fôra metter-se no recolhimento pio de Santa Thereza. Ahi encontrára ella algum repouso para a sua alma arrependida.

A pobre moça pensava em seu filho ; e o coração se lhe espedaçava por não vê-lo e abraçal-o para suavisar-lhe assim o amor de mãe.

Um dia, viera ao seu pensamento que Joanna de Lima tinha deixado de existir ; mas de seu filho, cujo nome e signaes característicos ignorava, ninguém lhe podera dar noticias.



Para o seu espirito, pois, Clarice havia perdido o filho, na certeza de não poder jámais conhecê-lo e depositar-lhe nos labios o seu osculo materno.

André de Mello, commettendo a indigna e reprovada acção, traidor e deshumano, esquecêra-se da incauta moça, tratando de suas altas aspirações no mundo da politica.

O acaso o levára uma vez ao recolhimento de Santa Thereza a vêr ahí uma festa que celebravam as Religiosas em louvor da Padroeira do convento.

Porém qual não foi a sua surpresa ao conhecer a pobre victima de seu falso amor!...

Este acontecimento no emtanto guardára comsigo até occasião opportuna.

Indagando porém, sobre a vida de sua antiga amante, lhe informou alguém que conhecia Clarice, que ella tivera um filho que fôra engeitado a Joanna de Lima, e que elle tendo tido os estudos de humanidades n'um collegio, se ausentára depois do Rio de Janeiro, tendo sido igualmente caixeiro em uma casa commercial.

Era tudo quanto desejava saber o conselheiro.



O c
do, sc
ido pa
cidad
mar r
E A
terio
cia, p
fôra f
Ent
cardo
Regin
de tem
dira li
com u
que lh
Dess
Claric



A MÃI E O FILHO

O commerciante, que havia sido o amo de Ricardo, scientificára ao conselheiro que o joven tinha ido para o norte da provincia de S. Paulo, e que na cidade de *** tinha um amigo que lhe poderia informar ácerca do mesmo joven.

E André de Mello explicando ao negociante o mysterio do nascimento de Ricardo, cujo nome já conhecia, pedira-lhe que escrevesse a esse amigo, o que fôra feito logo.

Então, ao ter o conselheiro certeza de existir Ricardo na cidade de *** pela resposta que déra o Dr. Reginaldo ao commerciante, dirigira-se sem perda de tempo ao recolhimento de Santa Thereza, e pedira licença á superiora para ter uma conferencia com uma Senhora por nome Elvira Clarice; licença que lhe fôra outhogada.

Dessa conferencia resultára sahir do convento Clarice em companhia do conselheiro, que tomando



o seu carro dirigira-se á chacara no bairro de Andarahy.

Mas em que estado ia a pobre mulher, benevolento leitor! affectada de thisica pulmonar, e já no terceiro gráu!

Ahi, n'essa chacara, nada faltava a Clarice: tinha uma mucama para a servir, e um escravo cosinheiro para as compras dos generos alimenticios.

O medico assistente da enferma fazia-lhe duas visitas por dia.

André obtivera o perdão de Clarice, porque sua alma era compassiva; e com a promessa de se unirem pelos laços do casamento, o conselheiro só esperava occasião opportuna, tendo de ir antes á cidade de *** buscar a Ricardo, com a certeza de ser bem succedido.

Pagou a uma mulher de bôa vida para ficar em companhia de Clarice, durante os dias de sua viagem á cidade de ***, como disso está sciente o leitor.

Voltando André de Mello, com a esperanza que nos tres mezes por elle concedidos á Ricardo, realisaria este seu justo desideratum, asseverára o conselheiro a Clarice, que seu filho em breve a apertaria nos braços, cheio de alegria e de admiração.

Apresentando então a Clarice as linhas myste-
riosas, escriptas no papel que guardava na medalha
que o joven Ricardo tinha ao pescoço, dissera-lhe
André que, em occasião da mãe reconhecer o filho,
esta medalha seria o signal de sua felicidade, encon-
trando áquella que julgava perdida.

Elvira Clarice ao receber essa medalha, regou-a



com as suas lagrimas e, beijando-a cheia de enternecimento, enfiou-a ao pescoço.

Chegando enfim o momento tão desejado pela enferma, Ricardo indo á rua da Q*** n. *** procurar pelo conselheiro André, ahí um de seus famulos o levára n'um tilbury á chacara do Andarahy, ordem já pelo conselheiro dada.

Eram sete horas da tarde quando o mancebo encontrára-se com seu pai nessa chacara.

Descrever aqui a satisfação do pai e do filho, e depois ainda a scena do reconhecimento desse mesmo filho com sua mãe pelo mysterio daquellas palavras que se envolviam no pequeno papel, depositado na medalha, é scena que não podemos descrever com a penna; a idéa não nos presta phrases para pintar com as verdadeiras côres o interesse de tão grande assumpto.

Aquella alma que tanto havia soffrido, e que esperava um lenitivo com o apparecimento de Ricardo, sentira-se transportar ao céo, devassar horizontes infinitos e cheios de mysterios, e prostrar-se reconhecida ao seu Creator por tantos beneficios que receberá.

O mancebo fóra de si, com a alma em extase, parecendo-lhe que tudo quanto presenciava era um sonho, apertava e beijava a cada momento a mão branca e descarnada de sua pobre mãe...

.

No outro dia Clarice sentira-se melhor. A alegria de seu coração fizera minorar os seus soffrimentos.



Uma scena toda religiosa se realisava nesse dia. Um padre unira pelos sacramentos da igreja a André de Mello e Elvira Clarice, em presença de duas testemunhas.

Ricardo chorára de satisfação e pezar ao mesmo tempo, vendo sua pobre mãe no leito receber por esposo o conselheiro André.

O mancebo lastimára ainda o estar essa debil vida a quebrar-se; e agora fazia votos sinceros ao céo para prolongar a existencia de sua mãe.

Passaram-se trinta dias, no cabo dos quaes o mancebo e seu pai André de Mello tiveram de soffrer o golpe da perda de Elvira Clarice.

Um sorriso angelico, doce, suave, appareceu nos labios descorados da moribunda.

Esse sorriso o pai e o filho, que estavam curvados ao leito, o tomaram para o fundo de suas almas, rogando a Deus por aquella que estava prestes a deixar as illusões do mundo pelo somno da eternidade.

Ricardo apertava nas suas as mãos sagradas de sua pobre mãe...

.....
Suas lagrimas, ao vêr sabir o cadaver de Elvira Clarice para a sua ultima morada no cemiterio de Catumby, fôram reaes.

O conselheiro igualmente chorára lagrimas amargas, lastimando a perda da sua Clarice...

.....

Um
de Car
Uma c
vestid
lia no
No e
distrã
Era
se gra
O ce
voltas
e que
daria
Rica
Na
secret
Carlin
os



XXI

A CONCLUSÃO

Um mez depois deste facto, Ricardo estava junto de Carlina, que cheia de alegria o contemplava. Uma cousa porém a contrariára: era vêr o moço vestido de preto, vendo-lhe igualmente a melancolia no seu sympathico semblante.

No emtanto o mancebo esforçava-se para sorrir e distrahir-se de suas agonias.

Eram ellas as saudades de sua mãe, cujo retrato se gravára em sua alma terna.

O conselheiro André permittira a seu filho que voltasse para a fazenda do commendador Almeida, e que disse-lhe quando quizesse morar na côrte lhe daria nisso immensa satisfação.

Ricardo era o unico herdeiro dos bens de seu pai.

Na fazenda pois continuára o moço a servir como secretario do commendador, e a ensinar sempre a Carlina com interesse.



Uma tarde que Ricardo e Carlina achavam-se no jardim a conversar com intimidade, manifestando o moço o seu amor pela donzella, pôde ouvir de sua boca de nacar estas palavras cheias de doçura:

— Eu te amo!

E Ricardo sentindo-se transportado para mundos de encantos, tomando as lindas mãosinhas do anjo, beijou-as em delirio.

Alguns dias depois, um consorcio estava ajustado entre Ricardo e Carlina.

Almeida ao dar seu consentimento, regosijára-se por bem conhecer o joven que ia ser seu genro.

Pai João festejára essa noticia com immenso gosto.

O mancebo participára logo a seu pai, na côrte, a resolução em que estava de tomar por esposa a filha do commendador Almeida, e por isso pedira-lhe permissão.

Dias depois, Ricardo obtivera a concessão necessaria para que esse casamento se effectuasse, assistindo a elle o Doutor Reginaldo e Alfredo de Castro, que fôram convidados como testemunhas por parte do noivo.

Houve mais convidados.

Entre as pessoas gradas da cidade, que se achavam na fazenda, via-se tambem o Doutor Arnaldo, juiz municipal.

Houve festa no Campo Alegre.

Por essa occasião, o commendador Almeida déra liberdade a seu pagem Roberto, que pulára de



alegria, abençoando a seu Senhor, a Ricardo e a Carlina.

Serapião da Silva não faltara a essa reunião.

As doçuras do hymeneu para os dous jovens e amantes esposos não tiveram limites...

Era a lua de mel, que arroubava e embriagava os consortes para o mundo das delicias.

O conselheiro André, para justificar o seu prazer no casamento de seu filho, de que fôra por este scientificado, mandára um rico presente a sua nora Carlina de Almeida.

Ricardo continuára a residir no Campo Alegre.

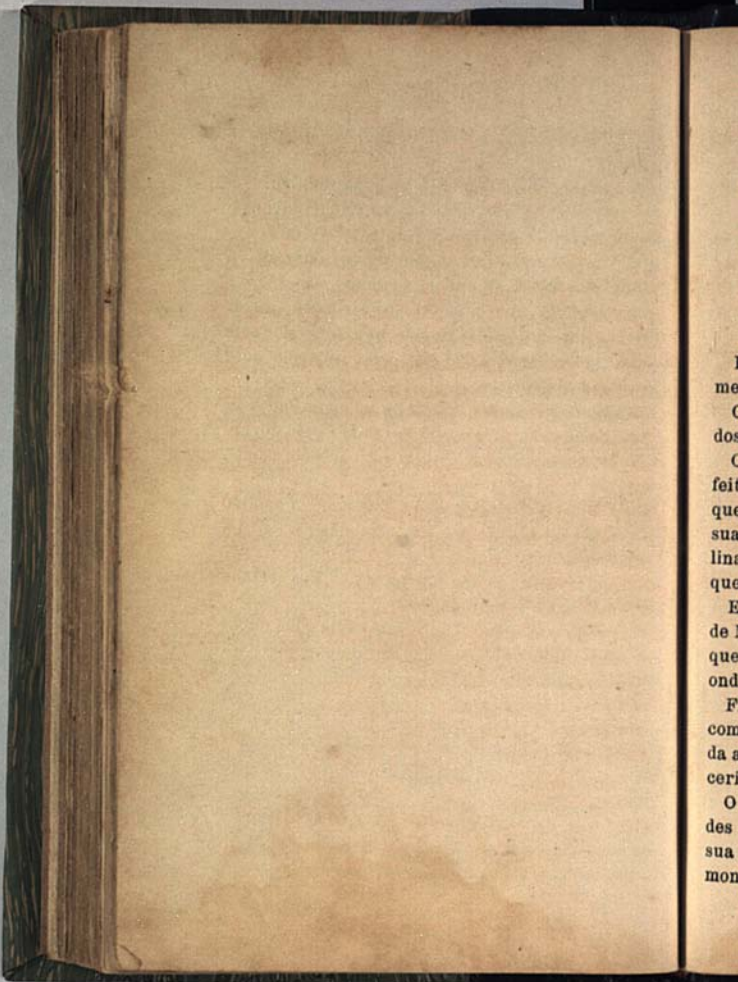
O commendador fôra afinal agraciado pelo governo, como desejava, com o titulo de barão de Campo Alegre.

Essa distincção porém não o demudou da opinião em que se achava de ser um bom cidadão e util á humanidade.

Sua escravatura já não soffria mais. Era tratada com brandura e solicitude.

E de tudo isso Ricardo de Lima havia sido o motor, sendo altamente estimado tanto no Campo Alegre como em todo o termo da cidade de . . .





I
me
C
dos
C
feit
que
sua
lina
que
E
de M
que
ond
F
com
da a
ceri
O
des
sua
mon



EPILOGO

Passaram-se quatro annos depois dos acontecimentos por nós relatados neste romance.

Cumpre-nos agora dar sciencia ao benevolo leitor dos nossos personagens.

O barão do Campo Alegre vivia tranquillo, satisfeito de praticar o bem, abençoando a seu genro que lhe dera essa paz do espirito, e acolhendo em sua alma os sorrisos de um anjo innocente que Carlina dera á luz, e que fazia a sua delicia e a de seu querido Ricardo.

Este mancebo, por morte do conselheiro André de Mello, entrára na posse de uma rica herança, não querendo todavia morar no Rio de Janeiro para onde tinha apenas levado sua esposa em passeio.

Ficára sempre habitando no Campo Alegre, visto como era o unico herdeiro, por parte de sua mulher, da abastada fortuna do barão, que no futuro pertenceria a Ricardo.

O Doutor Reginaldo achando excellentes qualidades no joven Alfredo de Castro, e conhecendo que sua filha Eugenia o amava, os fizera unir em matrimonio, dando assim o moço parabens ao seu destino;



o que, cheio de contentamento, levára ao conhecimento de seu caro amigo Ricardo de Lima.

Era elle quem ajudava o honrado advogado no seu escriptorio.

Alfredo e Eugenia viviam felizes.

Serapião da Silva, o traficante de escravos, deixára tão repugnante commercio. Fôra, como pretendia, para a roça viver da lavoura, comprando para isso uma fazenda.

Leonardo da Silva, seu genro Americo e Bem-vinda, na placidez do lar domestico, fruiam a vida, tendo sempre em mente o quadro negro do fim amaldiçoado do visconde do Taquaral.

Marcello se retirára para Minas, logo que vira terminado o drama do potentado.

Chico Cabaço, Miguel e o Capitão Duarte Barbosa, ainda existiam; e o Dr. Arnaldo tinha obtido sua remoção para um termo de Minas. Deixára sympathias na cidade de ***.

A justiça fechára os olhos para o crime de que era cúmplice a viscondessa do Taquaral, no envenenamento de seu primeiro marido, o velho mineiro.

Sangue de boi, o capanga, e o preto Roque, escravo do barão do Campo Alegre, foram ambos condemnados pelo jury do termo a galés perpetuas.

N'uma tarde em que na fazenda do Campo Alegre se festejava o natalicio do filho de Ricardo de Lima, tarde de 4 de Outubro de 1871, chegou ahi a noticia de ter sido convertido em lei o projecto ácerca do



elemento servil; então Ricardo elevando a voz entre seus amigos e convidados, disse-lhes com entusiasmo:

— Senhores, uma lei humanitária, que tem a sanção do Homem Deus, e que vem colher os applausos do seculo e trazer um grande futuro para o imperio Americano, foi promulgada em bem dos brasileiros. Devemos pois admiral-a, e fazer sinceros votos pela completa abolição da escravidão!

— Meus amigos, observou o Dr. Reginaldo, com igual satisfação; esta nova lei vem abrir uma época memoravel para o imperio do Cruzeiro; prenuncio da aurora da liberdade, que ha de romper um dia as algemas do captivo, faz-nos agora esperar tranquillos pelo grande futuro desta nação gigante, deste paiz abençoado pela cruz da redempção!

Houve applauso.

Pai João e Roberto, que de longe apreciavam esta scena de contentamento e patriotismo, não poderam conter-se. Aquelle exclamou com alegria:

— Deus, Nosso Senhor, olhará para nação de branco; nação de branco ha de ser muito grande!

— Nação dos brasileiros ha de ser feliz! gritou este.

FIM.

